

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ITAQUERA E A FESTA DAS CEREJEIRAS:

um estudo sobre hibridismo cultural e processos
migratórios segundo *Notícias de Itaquera e*

Folha de S. Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Paulista – UNIP, para a
obtenção do título de Mestre em
Comunicação.

FÁTIMA REGINA NUNES

SÃO PAULO

2016

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ITAQUERA E A FESTA DAS CEREJEIRAS:

um estudo sobre hibridismo cultural e processos
migratórios segundo *Notícias de Itaquera e*

Folha de S. Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Paulista – UNIP, para a
obtenção do título de Mestre em
Comunicação.

Orientadora: Prof.^a. Dr^a. Barbara Heller

FÁTIMA REGINA NUNES

SÃO PAULO

2016

Nunes, Fátima Regina.

Itaquera e a festa das cerejeiras : um estudo sobre o hibridismo cultural e processos migratórios segundo Notícias de Itaquera e Folha de S. Paulo / Fátima Regina Nunes. - 2016.

141 f. : il. color.

Dissertação de Mestrado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2016.

Área de Concentração: Estudos Midiáticos.

Orientadora: Prof.^a Dra. Barbara Heller.

Coorientadora: Prof.^a Dra. Carla Reis Longhi.

1. Festa das cerejeiras. 2. Cohab. 3. Hibridismo. 4. Notícias de Itaquera. 5. Folha de S. Paulo. I. Heller, Barbara (orientadora). II. Longhi, Carla Reis (coorientadora). III. Título.

FÁTIMA REGINA NUNES

ITAQUERA E A FESTA DAS CEREJEIRAS:

um estudo sobre hibridismo cultural e processos
migratórios segundo *Notícias de Itaquera e*
Folha de S. Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Paulista – UNIP, para a
obtenção do título de Mestre em
Comunicação.

Aprovada em: ___/___/2016

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Barbara Heller
Universidade Paulista (UNIP)

Profa. Dra. Priscila Ferreira Perazzo
Pontifícia universidade Católica (USCS)

Prof. Dr. Mauricio Ribeiro da Silva
Universidade Paulista (UNIP)

In Memorium

A meu pai, José Nunes, que na década de 1980 decidiu que mudaríamos para um bairro muito distante. Viveu entre as alegrias de uma casa nova para a família e os dissabores da solidão de um lugar completamente desconhecido, mesmo sem ter saído da própria cidade.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha mãe, Ignês Saes Nunes, que, por muitos anos, suportou o isolamento de sua condição *outsider*, mas nunca nos deixou esquecer, que antes de qualquer significação social, a família é onde nos reconhecemos e nos identificamos como seres especiais para o mundo que nos aguarda.

AGRADECIMENTOS

Retornar a essa Universidade tão especial em minha história de vida e ser recebida de braços abertos, de novo, já é razão suficiente para ser grata.

Agradeço à Profa. Dra. Solange Wajnman que me orientou para o projeto inicial de pesquisa e abriu as portas para meu ingresso no Programa de Pós Graduação em Comunicação.

Gratidão profunda à admirável orientadora Profa. Dra. Barbara Heller que me deu oportunidade como orientanda, iluminou meu trilhar de descobertas, sempre com sua inegável paciência para minhas inúmeras incertezas, mas, também como amiga tão querida, que seguirá em meu coração por todos os caminhos acadêmicos que ainda hei de percorrer.

À Profa. Dra. Carla Reis Longhi, que muito persistiu perante minha resistência em estudar Michel Foucault. Hoje não consigo enxergar o mundo sob outra ótica. Suas aulas foram inesquecíveis.

Também é imprescindível o reconhecimento da importância das aulas de Metodologia da Pesquisa Científica da Profa. Dra. Janette Brunstein, que ajudaram a organizar a imensidão de informações e dados que se somaram ao longo do tempo e estão estruturados nesta dissertação.

Ao Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva, que, em um almoço no campus, informalmente, sugeriu um livro que mudaria todo o rumo de minha dissertação. Ajudou a compreender as dificuldades e as barreiras invisíveis na convivência entre os grupos sociais.

A experiência do Mestrado foi profundamente transformadora, também no conhecimento adquirido durante os seminários. Assistiria a todos se houvesse mais tempo! Viajei nas imagens e no mundo misterioso delas nas aulas memoráveis da Profa. Dra. Anna Maria Balogh; aprendi muito com os conhecimentos científicos do Prof. Dr. Christoph Wulf, mas, acima de tudo, sua maneira humanizada de analisar os grupos sociais; também sou grata por participar das aulas do Prof. Dr. Jorge Miklos, a quem deixo um abraço carinhoso.

Esse período precioso de experiências e um novo olhar para o mundo, só foram possíveis graças à imprescindível bolsa de estudos, PROSUP, intermediada pela Universidade Paulista UNIP, junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC).

Certamente, se mais brasileiros tivessem a mesma oportunidade, nosso país seria muito beneficiado; a enorme gratidão não é suficiente para expressar a importância que a CAPES teve em minha nova história de vida acadêmica.

Agradeço a Ivy Judensnaider pela disposição em colaborar na revisão deste trabalho, em pleno feriado prolongado e ser de fundamental importância para a finalização desta dissertação.

Agradeço imensamente à Profa. Dra. Priscila Perazzo, por aceitar o convite para minha banca e, acima de tudo, pela amizade e a alegria de termos convivido durante os árduos, mas felizes, dias do *Simpósio Internacional Comunicação e Cultura: aproximações com memória e história oral*, em abril de 2015; agradeço ao seu suplente o Prof. Dr. João Batista Cardoso. Deixo um abraço carinhoso aos colegas da Universidade Municipal de São Caetano do Sul- USCS.

Ao Prof. Dr. Paulo César Garcez Marins, da Universidade de São Paulo- USP, por me receber em suas aulas sobre Patrimônio, significativas para a compreensão desse processo tanto jurídico, como simbólico.

Ao Marcelo Santos pelo carinho e suporte, e à toda equipe da secretaria da pós-graduação, sempre muito atenciosa e fez a diferença no relacionamento aluno x universidade.

Às queridas amigas e ex-professoras Carolina Kallas e Queila Monteiro Ferraz, que me incentivaram a seguir nessa aventura acadêmica.

À Lídia Paniaga, atual proprietária do jornal Notícias de Itaquera, que atenciosamente abriu seus arquivos, deixando-me completamente livre para a busca e seleção do precioso material que serve de base para essa pesquisa. Muito obrigada também pelos litros de café e as horas intermináveis de bons relatos sobre a história registrada em suas páginas.

À Federação de Sakura e Ipê do Brasil, na figura de seu Presidente o Sr Pedro Yano e família; a todos os membros e, suas esposas por me receberem com tanto carinho e permitir meu acesso a esse magnífico e admirável grupo. Um agradecimento especial ao Dr. Hélio Nakamura e sua esposa, Sra. Fumiko e a família Yoshioka, pelos belos relatos e os preciosos dados históricos que desenharam a linha do tempo dessa pesquisa.

Inesquecível o incentivo das amigas que acompanharam muito de perto esse momento especial, bem como a colaboração e disposição de Angélica Araújo Santiago, que abraçou comigo a insana aventura de catalogar as árvores de

cerejeiras pelo bairro. Agradeço à Sylvia Ros Blat e Erli Condello pelo apoio e lembranças que foram importantes nesse momento, além de fortalecer nossa amizade há 34 anos. Agradeço imensamente as madrugadas da Dra. Dóris S. M. Fontes que, mesmo sendo da área de Ciências Exatas, empolgou-se com esse projeto e muito colaborou para compreensão da cultura de seus ancestrais.

Em especial à Maria Ruth Guimarães Costa pelo carinho, amizade e fundamental suporte para que eu conseguisse terminar e entregar este trabalho: ela me ajudou como somente uma mãe faria. Minha gratidão de “filha do coração”.

A todos, muito obrigada!

A forma de uma cidade pode mudar mais do que o coração dos homens. Renovem as casas, aliem as ruas, transformem as praças: “As pedras e os materiais não lhes oporão resistência. Mas os grupos resistirão, e neles vocês enfrentarão a resistência, senão das pedras, ao menos de suas disposições antigas.”

Bernad Lepetit

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo específico analisar, a partir do *Notícias de Itaquera*, as transformações sociais e o hibridismo cultural na região de Itaquera, em São Paulo, quando foram implantados os conjuntos habitacionais da COHAB, na década de 1980. Partimos da hipótese de que o jornal local pode ter influenciado os novos moradores a se identificarem com as tradições culturais nipônicas. Definimos como recorte temporal os anos que vão de 1979 a 1986, quando o Parque do Carmo foi inaugurado, o Bosque das Cerejeiras foi formado e o *Notícias de Itaquera* começou a funcionar. Também foi analisado o jornal *Folha de S. Paulo*, no mesmo período, para aprofundar e comparar os dados sobre visibilidade dos orientais e ocidentais envolvidos no processo de ocupação do bairro. Também colhemos depoimentos informais e fizemos observação não participativa de reuniões da comunidade japonesa. Os resultados numéricos foram transformados em gráficos e tabelas, o que nos permitiu análises quali e quantitativa. Tomamos por embasamento teórico os autores Nestor Garcia Canclini, para o hibridismo cultural nos processos migratórios; Norbert Elias, para as relações de comunidade; J. W. Creswell, para o método qualitativo e empírico. Ulpiano B. Meneses e Marilena Chauí para Patrimônio Cultural e Turismo Cultural. A memória coletiva e seus traços nas relações construídas foram elucidados por Maurice Halbwachs. Erving Goffman, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin foram estudados para analisar o estigma e suas manifestações discursivas e, finalmente, Esther Hamburger e André Lemos, para as mídias massivas e pós-massivas. Os resultados nos permitiram compreender que partindo do utilitário para o simbólico, a comunidade japonesa ressignificou a Festa das Cerejeiras e o espaço do Bosque como patrimônio simbólico e cultural desse coletivo. O jornal de bairro teve participação direta na construção desse hibridismo, pois divulgou a idealização da comunidade japonesa como mito fundador. A *Folha*, inversamente, observou em suas páginas o futuro conflituoso dos interesses políticos desses grupos.

Palavras-chave: Hibridismo. Festa das Cerejeiras. Cohab. *Notícias de Itaquera*. *Folha de S. Paulo*.

ABSTRACT

The main goal of this research is to analyze, from the Notícias de Itaquera newspaper, social changes and cultural hybridity in the Itaquera region, in Sao Paulo, when the COHAB housing project was implemented in the 1980s. Our hypothesis is that the local newspaper may have influenced the new residents to identify themselves with the Japanese cultural traditions. The chosen time frame for this research ranges from 1979 to 1986, when the Carmo Park was opened, the Cherry Grove was formed and the Notícias de Itaquera started running. Folha de S. Paulo newspaper was also analyzed, same time frame considered, to deepen and compare data on visibility of the (Eastern and Western) Asians and European descents involved in the neighborhood occupation process. Also we collected informal testimonials and observed some meetings of the Japanese community. Results were shown in graphs and tables, which allowed both qualitative and quantitative analysis. We based our research on the theoretical work of Néstor García Canclini, for the cultural hybridity in migration processes; Norbert Elias, for the community relations; J. W. Creswell, for the qualitative and empirical method; Ulpiano B. Meneses and Marilena Chauí for Cultural Heritage and Cultural Tourism. The collective memory and its features in building relationships have been elucidated by Maurice Halbwachs. Erving Goffman, Michel Foucault and Mikhail Bakhtin were studied to analyze the stigma and their discursive manifestations and, finally, Esther Hamburger and André Lemos, to the mass and post-mass media. The results allowed us to understand that, starting from utility to symbolic, the Japanese community gave new meaning to the Cherry Grove Festival, as well as giving the Grove area a symbolic and cultural collective heritage. The neighborhood newspaper took a direct part in the construction of hybridity by spreading the news about this Japanese community ideals as a founding myth. Folha de S.Paulo, on the contrary, pointed out a conflicting future among political interests of these groups.

Keywords: Hybridism. Cherry Grove Festival. Cohab. Notícias de Itaquera news. Folha de S. Paulo.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gráfico do crescimento populacional de Itaquera em relação a São Paulo no mesmo período.	18
Gráfico 2 – Gráfico das publicações.....	56
Gráfico 3 – Publicações <i>Folha e NI</i>	88
Gráfico 4 – Gráfico comparativo dos grupos em redes sociais das Cohabs e dos eventos do Facebook que divulgam a Festa das Cerejeiras.	120

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bosque das Cerejeiras, florada de 2014	22
Figura 2 – Pedidos para realização dos desejos relacionados às cores. Tanabata Matsuri, bairro Liberdade, 2014.....	25
Figura 3 – Festa do Ano Novo Andino ou Festa do Sol. Bolivianos no Memorial da America Latina, 2014	28
Figura 4 – Tanabata Matsuri, 2014 - Bairro da Liberdade.....	30
Figura 5 – Sakura Matsuri/ Festa das Cerejeiras, Pq. do Carmo, 2014	31
Figura 6 – Sala de Imprensa da Arena Corinthians, 2015.....	34
Figura 7 – Escola pública com ensino misto português e japonês no bairro Colônia Japonesa, 1950.....	39
Figura 8 – Bosque das Cerejeiras 1992, cercado com acessos permitidos apenas ao grupo de japoneses que dele cuidava, e para a realização das festas entre os membros da comunidade	41
Figura 9 – Festa dos sexagenários da comunidade da Colônia Japonesa, data aproximada de 1954.....	45
Figura 10 – Apresentação de dança das senhoras com sombrinhas de papel de arroz. Festa de 2010/	46
Figura 11 – A continuidade das tradições por meio das novas gerações. Festa de 2014/	47
Figura 12 – Publicidade ed. 10 a 16 de agosto/1985 p. 4 e 5	54
Figura 13 – N. I. no. 10 /maio/81 pag. 2.....	60
Figura 14 – N.I. no. 9 / abril/81 pag. 2.....	63
Figura 15 – N. I. Dez de 82/ 2ª. Quinzena pag. 5.....	65
Figura 16 – N. I. no. 78 de 23 a 30 de junho de 84. Primeira página	66
Figura 17 – N. I. no. 78 de 23 a 30 de junho de 84. Primeira página	67
Figura 18 – N. I. no. 115 de 09 a 15 de março de 1985 pag. 8	72

Figura 19 – N. I. no. 118, 30 março a 06 abril de 1985, primeira pág.	74
Figura 20 – N. I. no. 142 ^a . Quinzena, agosto de 1981	76
Figura 21 – N.I. 137 de 10 a 16 de Agosto de 1985 - primeira página.....	80
Figura 22 – Capa NI/ Outubro 1982- Itaquera em dois tempos.....	83
Figura 23 – Jovem músico em grupo de <i>Taikô</i> . Apresentação da festa de 2013.....	86
Figura 24 – <i>Folha S. Paulo</i> , 25/06/1981, 1º. Caderno p. 18.....	90
Figura 25 – <i>Folha S. Paulo</i> , 25/06/1981, 1º. Caderno p. 18.....	91
Figura 26 – <i>Folha S. Paulo</i> , 25/06/1981, 1º. Caderno p. 18.....	91
Figura 27 – <i>Folha de S. Paulo</i> , 30/06/1981, 1º. Caderno, p.10.....	96
Figura 28 – <i>Folha de S. Paulo</i> , 30/06/1981, 1º. Caderno, p.10.....	96
Figura 29 – <i>Folha de São Paulo</i> 01/07/ 1981, 1º. Caderno, p.13.....	99
Figura 30 – Inauguração da Praça Brasil com a festa promovida pelo Verdejando em 17/10/2015.	122
Figura 31 – Joe Hirata na 37 ^a . Festa das Cerejeiras no Parque do Carmo, 2015...	125

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Crescimento da população paulistana entre 1980-2000	18
Tabela 2 – Publicações do <i>NI</i> com matérias selecionadas por tema	55
Tabela 3 – Publicações do <i>NI</i> com matérias especiais sobre a Colônia Japonesa de Itaquera	82
Tabela 4 – Levantamento de publicações da Festa das Cerejeiras na <i>Folha de S. Paulo</i>	87
Tabela 5 – Publicações da <i>Folha de S. Paulo</i>	89
Tabela 6 – Brasileiros no Japão 1986- 1996	112
Tabela 7 – Comunidades do <i>Facebook</i> acessadas em 19/03/2016.....	118
Tabela 8 – <i>Sites</i> acessados em 28/08/2015	123

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 TURISMO CULTURAL NA CIDADE DE SÃO PAULO	25
2.1 O Bosque das Cerejeiras do Parque do Carmo	38
2.2 O Notícias de Itaquera	43
3 REPRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS NO JORNAL <i>NI</i>	54
3.1 Sujeitos sociais e os estereótipos no discurso do <i>NI</i>	57
3.2 Os japoneses e a imagem criada pelos “estabelecidos”.....	76
3.3 Publicações especiais	81
4 OS SUJEITOS SOCIAIS REPRESENTADOS NO <i>NI</i> E NA <i>FOLHA</i>	87
4.1 A série de entrevistas da <i>Folha</i> de S. Paulo: “As novas fronteiras vão para o Leste”	90
5 O RETORNO DOS DEKASSEGUIS E A POPULARIZAÇÃO MASSIVA DA CULTURA PELOS NOVOS OUTSIDERS	112
5.1 A nova fase como mundo digital que mantém a tradição e a ressignifica ...	117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	131
ANEXOS	134

1 INTRODUÇÃO

As festas étnicas e temáticas na cidade de São Paulo, em especial as da colônia nipônica, movimentam significativamente o mercado de turismo cultural.

A acessibilidade e a infra-estrutura, aliadas à oferta de produtos relacionados a essa cultura e à ampla divulgação na mídia, fortalecem o sucesso de eventos como os do bairro da Liberdade, no centro de São Paulo, bairro este conhecido por sua forte tradição oriental e identidade visual.

O “*Sakura¹ Matsuri*” (ou Festa das Cerejeiras) no Parque do Carmo, bairro de Itaquera, recebe um público tão expressivo quanto os outros eventos que já fazem parte do calendário oficial das manifestações culturais nipônicas da cidade de São Paulo.

São as razões do sucesso desta festa que instigaram a pesquisa, uma vez que ela se realiza em um bairro periférico, no extremo da Zona Leste, de difícil acesso e cujos costumes orientais encontram-se muito dispersos. Assim, pesquisamos o que motiva pessoas de outras regiões da cidade, e mesmo de diferentes Estados, a participarem desta festa, antes restrita à comunidade japonesa. Também nos perguntamos: quais formas midiáticas tiveram participação direta ou indireta para a popularização desta festa desde seu início, em 1978?

Para responder a estas indagações, apoiamo-nos nos estudos midiáticos e culturais para refletir sobre as questões de comunidade (tal como a obra *Estabelecidos e Outsiders*, de Norbert Elias) e também na análise do discurso, em particular em alguns conceitos de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault, especialmente quando da análise de o *Jornal de Itaquera* e das notícias que essa mídia veiculou sobre a festa. Partimos da hipótese de que esta mídia pode ter influenciado, junto à comunidade dos não orientais (os *outsiders*), o fortalecimento de uma identificação com as tradições culturais nipônicas por meio de seus registros, com seu discurso divulgou o pensamento da sociedade local e o que ela considerava e aceitava como valores sociais e culturais sem dar espaço para novas interações.

Acredita-se que o hibridismo cultural teve seu momento mais expressivo quando o bairro passou por transformações urbanas significativas, como a construção do estádio do Corinthians e da estação do metrô Itaquera, e com a

¹ Sakura (termo masculino para o japonês) é a árvore de cerejeiras ornamentais.

migração ocasionada por programas sociais de habitação popular. Esse processo de deslocamento urbano para Itaquera ocorreu simultaneamente à criação do Bosque das Cerejeiras, no então recém-inaugurado Parque do Carmo.

O bosque e a celebração de sua florada são considerados pelos moradores e visitantes como patrimônio cultural local. Em outras palavras, os costumes dos japoneses relacionados à maneira de viver, à produção simbólica, aos hábitos em sociedade e aos conhecimentos transmitidos às suas gerações foram valorizados e reconhecidos pelos habitantes de Itaquera como um bem imaterial, desde quando chegaram os primeiros orientais no bairro em 1925.

A idéia do costume é um pouco diferente da idéia de produto simbólico. Não se trata apenas de um produto da ação humana, mas da própria natureza dessa ação: uma ação padronizada e organizada pelas regras, codificada simbolicamente e, como os bens culturais, carregada de significação. Aquela que toma por referência básica a regularidade e o significado do comportamento criados pela manipulação de sistemas simbólicos. (ARANTES, 1984, p. 27).

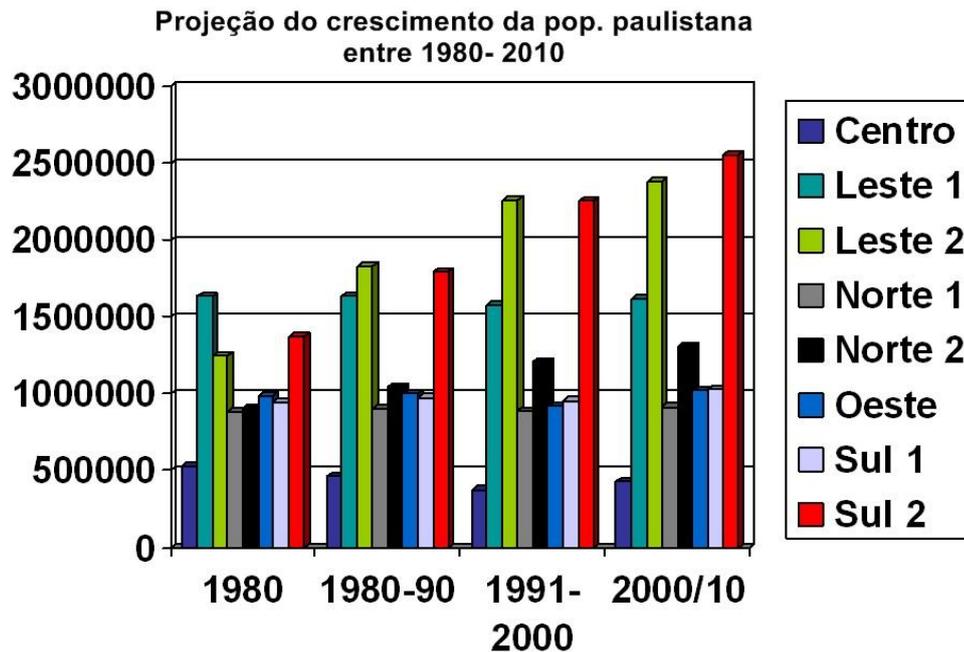
No início da década de 1980, a população local cresceu aceleradamente com a vinda dos novos moradores dos conjuntos habitacionais, e o bairro começou a olhar mais atentamente para suas deficiências em questões de infra-estrutura. Este fato gerou um conflito dos antigos moradores (que, anteriormente, haviam buscado pelo atendimento de suas reivindicações), que se sentiram preteridos em relação aos que migravam para a nova área do bairro.

Ao observarmos o gráfico a seguir, podemos compreender o crescimento do bairro em relação à cidade de São Paulo. Segundo dados do censo da Prefeitura de São Paulo, nesse período houve um marcante processo migratório para a Zona Leste 2, onde a população local, em 1980, era de 1.247.239 pessoas, tendo atingido 2.380.783 em 2010. No anexo 1, é possível conhecer mais detalhadamente a natureza do êxodo por meio do qual a população paulistana, que vivia em outros bairros, migrou para as regiões dos programas de habitação popular situados na região de Itaquera.

À medida que os outros bairros da cidade foram decrescendo em termos do número de habitantes, a Leste 2 foi recebendo essa população na mesma proporção, o que resultou em significativo deslocamento urbano.

O gráfico confirma a progressividade do crescimento da região no período.

Gráfico 1 – Gráfico do crescimento populacional de Itaquera em relação a São Paulo no mesmo período.²



Fonte: Elaborado pela autora

Podemos compreender melhor esse deslocamento quando comparamos os dados relativos a dois períodos distintos. Conforme vemos na tabela a seguir, a região de Itaquera (Leste 2) aumentou desproporcionalmente em relação às outras regiões da cidade no mesmo período.

Tabela 1 – Crescimento da população paulistana entre 1980-2000

Crescimento da população paulistana e processo migratório de 1980 a 2000		
Região	Período de 1980- 1990	Período de 1991-2000
São Paulo-Capital	+ 1,16%	+ 0,88 %
Centro	- 1,24 %	- 2,24 %
Leste 1	+ 0,02 %	- 0,42 %
Leste 2	+ 3,55 %	+2,37 %
Norte 1	+ 0,24 %	- 0,23 %
Oeste	+ 0,17 %	- 0,94 %
Sul 1	+ 0,27 %	- 0,21%
Sul 2	+ 2,49 %	+ 2,55%

Fonte: http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseada_e_taxas_de_crescime_1980_10747.html. Acesso em: 14 abr. 2016

O crescente número de habitantes nessa região provocou instabilidade junto à população local, obrigada a conviver com drásticas transformações ao longo desses anos.

² Fonte: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseada_e_taxas_de_crescime_1980_10747.html>. Acesso em: 14/04/2016 vide anexo 1

Por outro lado, os que chegavam, os *outsiders*, buscavam conhecer o ambiente social e cultural a partir das informações da mídia impressa; tal comportamento visava a adaptação e o desenvolvimento de identificação com o novo ambiente social e com a nova condição.

Os “estabelecidos” (comunidade local que havia se instalado no bairro anteriormente) foram obrigados a conviver com a transformação da paisagem, dos costumes, mitos, danças e os símbolos de uma nova proposta cultural. Este fato gerou uma instabilidade nas relações de poder entre os “estabelecidos” e os *outsiders* (os novos moradores do bairro). Segundo Elias (2000, p. 23, 24), essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo *outsider* por um grupo “estabelecido”.

Chauí (2008) ao discutir identidade cultural e os direitos dos grupos para se expressar, compreende cultura como toda produção de linguagem simbólica, isto é: de religiosidade, de sexualidade, das formas diversas de trabalho, das expressões artísticas em todos os âmbitos ou de lazer; da culinária, do idioma, e dos conhecimentos adquiridos e preservados ao longo do tempo. Considera também como cultura as relações familiares, sociais e de poder, paz ou guerra e as concepções de vida e morte em cada sociedade. (p.57)

A cultura é produzida e estruturada em sociedade, e isso muda toda sua forma de resignificação; atualmente, os homens vivem em sociedade e não mais em comunidade. O que difere esses conceitos é que, para a comunidade, a idéia de bem comum e a proximidade geram uma sensação de unicidade que estabiliza as relações do grupo, como podemos observar nos trabalhos executados pelo grupo de japoneses que aqui estudamos; na sociedade, o indivíduo é separado dos outros em relação aos seus desejos e objetivos pessoais, o que constitui a sua forma de existir. As pessoas em sociedade passam a conviver uns com os outros, mas, mantêm a sua individualidade. A individualização desses sujeitos gera a seleção por classes que constitui também uma divisão cultural, em oposição à unicidade da comunidade.

Podemos considerar o grupo de orientais que formaram o bairro da Colônia Japonesa, em Itaquera, como uma comunidade fortemente engajada na manutenção de seus hábitos e cultura, aceita e reconhecida como tal pela sociedade local, isto é, pelos moradores antigos da região que, nesta dissertação, definimos como “estabelecidos”.

Como, então, diante de uma sociedade dividida em classes, manter o conceito tão generoso e tão abrangente de cultura como expressão da comunidade indivisa, proposto pela filosofia e pela antropologia? Na verdade, isso é impossível, pois a sociedade de classes instituiu a *divisão cultural*. Esta recebe nomes variados: pode-se falar em cultura dominada e cultura dominante, cultura opressora e cultura oprimida, cultura de elite e cultura popular. Seja qual for o termo empregado, o que se evidencia é um corte no interior da cultura entre aquilo que se convencionou chamar de *cultura formal*, ou seja, a cultura letrada, e a *cultura popular*, que corre espontaneamente nos veios da sociedade. (CHAUÍ, 2008, p. 58).

Os *outsiders* que procuravam por ressignificação simbólica, e também por inserção na sociedade local passaram, voluntariamente, a colaborar na realização das festas das cerejeiras em flor, sendo que o cultivo e aclimação das mudas de *sakuras* resultaram de outro trabalho, também voluntário, produzido pela comunidade japonesa. Tal procedimento resgatou a memória dos pioneiros orientais da região com o plantio de árvores, memória esta que tem forte vínculo simbólico com o país originário. Essa atividade valorizou o esforço dos primeiros habitantes e aproximou os que migraram depois a seus hábitos culturais. Desse processo resultou uma mescla cultural de ambos os grupos e que hibridizou a celebração do *hanami*³, fato que a popularizou e também a fez perder sua condição de “original”⁴. Jean Duvignaud, ao escrever o prefácio do livro *A memória coletiva* de Halbwachs (1990), expõe o pensamento do autor:

Há uma notável distinção entre a "memória histórica", de um lado, que supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado; e a "memória coletiva", de outro, aquela que recompõe magicamente o passado. Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual desenvolvem-se as diversas formas de memória, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam. (HALBWACHS, 1990, p. 14, 15).

O presente trabalho teve aporte teórico metodológico da obra *Projeto de pesquisa - Métodos qualitativos, quantitativo e misto* de Creswell (2010) na coleta de dados para essa pesquisa e na compreensão do papel dos processos históricos. A partir daí, delineamos os caminhos da utilização destes dados para uma análise qualitativa das relações sociais dos grupos que formaram o bairro de Itaquera.

Pesquisamos, em primeira instância, conceitos pertinentes a questões de identidade, hibridismo cultural, turismo étnico-cultural e patrimônio cultural.

³ Contemplação das cerejeiras em flor.

⁴ A palavra “original” não é suficiente para explicar o fenômeno que estamos tratando, uma vez que, conforme Mikhail Bakhtin, tudo é intertextual e dialógico. Partimos do pressuposto de que nos fenômenos culturais, como a festa do *hanami*, até mesmo o primeiro evento celebrado pelo grupo, no Parque do Carmo, em 1979, não é o mesmo que o realizado no Japão. Este, por sua vez, também é resultado de diversas manifestações anteriores, que o distingue das primeiras edições.

A princípio, tínhamos a pretensão de identificar como se desenvolveu o hibridismo cultural e a miscigenação dos grupos que compuseram a cultura local. O referencial teórico, no entanto, permitiu maior aprofundamento da questão referente às identidades culturais e sua necessidade de pertencimento por meio do consumo simbólico do turismo cultural. Isto resultou no primeiro capítulo da dissertação, que introduz o pensamento de Ulpiano T. Bezerra de Meneses sobre as trocas culturais e o consumo do turismo simbólico, especialmente em sua publicação *O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas*⁵.

A apropriação do espaço do Bosque das Cerejeiras começou com os japoneses e, inicialmente, ficou restrito apenas a esse grupo. Aos poucos, foi sendo realizada por moradores locais que não tinham descendência oriental e, por último, pelos novos moradores do bairro. Estes eram provenientes de várias localidades do Estado de São Paulo; a eles se juntaram migrantes do nordeste brasileiro que buscavam, naquele momento, uma forma de integração com o novo grupo social.

A fragmentação cultural dos *outsiders* está relacionada às profundas transformações sociais que essas pessoas sentiram com o deslocamento de suas regiões de origem, na qual a identidade com um grupo social parecia estável. A migração para uma localidade desconhecida, mesmo na própria cidade, provoca instabilidade em suas referências como parte integrante de um grupo e gera uma crise de identificação com novos símbolos e significados, que exige uma profunda adaptação para uma significação identitária.

Projetamos a “nós próprios” as identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2000, p. 12).

Mediante tal processo, constatamos a importância dos registros do jornal local, *Notícias de Itaquera*, em especial por ele ter sido criado simultaneamente aos acontecimentos históricos analisados. Ele expressava as tentativas de integração dos novos sujeitos sociais, os *outsiders* e, por não sofrer qualquer concorrência, era sustentado por anunciantes, empresários e personalidades nipônicas da região,

⁵ Conferência magna I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009 / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; coordenação, Weber Sutti. -- Brasília, DF: Iphan, 2012.

representando uma das únicas fontes de informação e de influência sobre a cultura local e bens de consumo.

O patrimônio cultural imaterial veiculado nas publicações do jornal referia-se ao valor que a sociedade de Itaquera conferiu à comunidade de japoneses e à reverência aos símbolos e signos relacionados à cultura ancestral. Também fazia referência aos vínculos que geravam o sentimento de pertencimento a esse grupo étnico, o qual celebrava suas tradições e as transmitiam às novas gerações. O *hanami* é um momento de profunda reflexão, quase religiosa. O espaço florido para o japonês tem sacralidade de templo natural; o movimento do ar com as pétalas que caem sobre as pessoas simboliza sorte na realização dos desejos de paz e harmonia no planeta. Este espaço também está relacionado à temporalidade da vida e sua beleza, já que as flores duram apenas cerca de uma semana, e essas características transformam-no em espaço de expressão cultural dessa comunidade.

O uso turístico do Bosque das Cerejeiras difere na simbologia e transforma-o em produto cultural em sua intangibilidade, ao mesmo tempo em que o torna patrimônio também imaterial nas atividades exercidas pela comunidade e pelos visitantes da festa e do bosque por meio do uso deste espaço físico nas diversas atividades. Os piqueniques familiares, as performances de *cosplays*, as diversas apresentações de danças populares e a música contemporânea, aliados à comercialização de produtos típicos que, aos poucos, foram mesclados com iguarias da culinária popular brasileira, compõem a diversidade que é uma das características do hibridismo da festa.

Figura 1 – Bosque das Cerejeiras, florada de 2014



Fonte: Fátima Nunes

Para compreendermos esta fase de hibridações culturais, definiu-se um período para análise que cobre as publicações de números 01 a 157 (setembro de 1979 a janeiro de 1986), e que ocorreram durante os cinco primeiros anos do jornal e a implantação dos Conjuntos Habitacionais (conhecidos como COHABs I e II).

Procuramos compreender parte das narrativas do jornal por meio da análise do discurso e da seleção das informações. Os dados, em seus enunciados, revelaram um conteúdo ideológico e hegemônico, e uma polêmica velada em sua construção discursiva, o que resultou no segundo capítulo desta dissertação (associado a um aprofundamento teórico nos estudos de Michel Foucault a fim de uma melhor compreensão dos enunciados). Os autores Nestor Garcia Canclini e Norbert Elias nos ajudaram a desvelar as maneiras pelas quais o jornal apresenta e “representa” os sujeitos sociais que compõem os grupos analisados.

Tornou-se necessário um terceiro capítulo para compreensão do desenvolvimento gradativo do sucesso da festa das cerejeiras para além dos limites geográficos do entorno de Itaquera. Elegemos um segundo jornal impresso, *Folha de São Paulo*, no caso um dos mais importantes formadores de opinião no Estado. No entanto, a pesquisa revelou-nos que o evento no período estudado jamais teve divulgação ou expressão cultural significativa para figurar nas páginas dessa mídia.

O jornal *Folha de S. Paulo*, fez caminho inverso ao *NI*, deu voz e visibilidade aos outsiders, como veremos no capítulo 3. Analisamos como essa diferença interferiu nos processos de disputa política.

Uma série de vínculos da cidade com a festa é construída por meio da mídia televisiva (Quadro Verde- Rede Globo de Televisão) que apresenta há quinze anos a florada e sua celebração em edição especial com a jornalista Ananda Apfle.

Este fato colaborou para a divulgação e atraiu a atenção de novos turistas urbanos. A divulgação deste evento e o aumento de público pelos meios televisivos fazem parte do estudo de Esther I. Hamburger, trabalho que discute a televisão brasileira como formadora de opinião e veiculadora de produtos culturais.

Percebemos que, no início da formação do Bosque das Cerejeiras, quando este ainda era um espaço reservado ao pequeno grupo local, a mídia do bairro teve grande influência na construção dos sentimentos que disseminaram a idéia dessa comunidade de orientais e seu trabalho, o qual denominaram patrimônio cultural.

No Brasil, ao longo dos últimos sessenta anos, aproximadamente, a mídia impressa foi perdendo espaço para as massivas, como o rádio e a televisão; estas,

por sua vez, nos últimos dez, têm convivido com as chamadas pós-massivas, isto é, as redes sociais. As interações que elas permitem devem ter agenciado troca de informações entre os frequentadores habituais ou eventuais e facilitado a transformação de um simples evento em um produto cultural.

2 TURISMO CULTURAL NA CIDADE DE SÃO PAULO

As celebrações de cultura japonesa na cidade de São Paulo têm crescido em grandes proporções, desde o final da década de 1970, e conquistado um público diverso, como já comentado. Elas alcançam não apenas os descendentes de orientais, mas todos os tipos de consumidores interessados em produtos turísticos culturais urbanos.

Estas manifestações permitem a transmissão de hábitos e a integração dos grupos étnicos com os que buscam em tais atrativos culturais e elementos singulares. As festas proporcionam aos visitantes uma identidade provisória com a cultura japonesa, no momento em que estes passam a integrar as equipes de voluntários para a realização dos próximos eventos. Isso ocorre por meio do uso de vestes orientais e do canto de músicas típicas ou toque de tambores.

A abertura aos não orientais permite uma integração e também uma miscigenação dessas equipes, o que as tornam hibridizadas e culturalmente ressignificadas com estas interferências.

Figura 2 – Pedidos para realização dos desejos relacionados às cores. Tanabata Matsuri, bairro Liberdade, 2014



Fonte: Fátima Nunes

O consumo de bens culturais está relacionado também aos bens materiais com valor simbólico e aos imateriais, que se repetem ao longo da existência dos sujeitos, e forma a realidade que incorpora a repetição pelo cotidiano. Essa condição de produção e reprodução da sociedade, segundo Meneses (1996):

Destaca quatro proposições sobre o conceito de cultura. A primeira delas refere-se à cultura como o universo da escolha, da seleção, da opção. A segunda destaca que o universo da cultura é historicamente criado, por isso os sentidos e valores que o sustentam precisa ser explicados, declarados e propostos. A terceira reforça a idéia de que o valor cultural não está nas coisas, mas é produzido pelo jogo concreto das relações sociais. A quarta proposição afirma que as políticas culturais devem dizer respeito à totalidade da experiência social e não apenas a segmentos seus privilegiados. (MENESES, 1996, p. 2).

Portanto, os saberes, conhecimentos, linguagens, histórias, poemas, visão de mundo e formas de expressões na música, arquitetura, dança, bem como suas crenças, rezas e a maneira com que fazem suas comidas, são manifestações da cultura de um povo. Também é seu patrimônio cultural transmitido para as novas gerações no intuito da continuidade dos saberes.

A ideia do legado e dos conhecimentos, como forma de bem imaterial, reforça a importância do turismo cultural, “o qual só ocorre quando nos apropriamos de algo que possa ser caracterizado como um bem cultural” (FUNARI, PINSKY et al., 2002, p.7), como preservação ou resgate da memória de comunidades ou grupos étnicos.

Esta forma ressignificada de consumo dos patrimônios da cultura contemporânea está relacionada com a pós-modernidade, caracterizada pelas informações rápidas, acessíveis por meio das mídias, principalmente pelas redes sociais, e resultando na popularização dessas festas e no aumento de público.

Segundo definição de Beni (1993), podemos compreender por bens turísticos:

- a) Materiais (monumentos, museus, galerias de arte, praias e outros) e imateriais (clima, paisagem e outros);
- b) Imóveis (terrenos, casas, hotéis, museus, galerias e outros) e móveis (produtos artísticos, artesanatos e culturais);
- c) Duráveis ou perecíveis (produtos gastronômicos e artesanais);
- d) De consumo (bens que satisfazem diretamente as necessidades dos turistas) e de capital (os que são utilizados para a produção de outros bens);
- e) Básicos, complementares e interdependentes;
- f) Naturais ou artificiais. (BENI, 1993, p. 23).

A cidade de São Paulo foi, por muitos anos, a metrópole brasileira dos negócios e cujo turismo voltava-se majoritariamente aos frequentadores desses

eventos profissionais, em sua maioria feiras comerciais. A realidade começou a se modificar a partir de 1980, com a inauguração do Aeroporto Internacional de São Paulo-Guarulhos (1985) e a transferência dos voos internacionais que movimentavam o Aeroporto de Congonhas.

A Prefeitura e o Governo do Estado promoveram fortemente essas comemorações nos anos de 1980 e foram reconhecidas como expressões tradicionais da cidade, nos anos seguintes, na década de 1990.

A mescla de culturas, costumes e memória formam a diversidade e a história social dos grupos de imigrantes que, ao se fixarem no espaço urbano, naturalmente que embora ainda praticando seus hábitos culturais, também se apropriaram dos hábitos de outros povos com os quais conviveram; dessa forma, ambos os grupos se hibridizam.

A organização desses novos sujeitos sociais em um processo histórico de imigração e seu assentamento em áreas urbanas transfere ao espaço dos bairros identidades étnicas que, inicialmente, faziam parte da memória coletiva e os identificava nas circunvizinhanças habitadas apenas pelos “estabelecidos”. Isto é, pelos seus primeiros habitantes.

A importância das recordações de situações vivenciadas por um grupo, experiências, conhecimentos desenvolvidos em conjunto ou casos que ficaram conhecidos pelos que estiveram ou não envolvidos, constroem a memória desta coletividade. Com o passar de anos, estes acontecimentos ainda são fortemente lembrados ou revividos por este grupo, dando significado ao sentimento de unicidade e formando elos que criam sua memória coletiva. Segundo Halbwachs (1990):

Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos e porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo. Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25).

O reconhecimento dos espaços relacionados aos imigrantes desenhou novos limites que funcionaram como mantenedores das identidades, como podemos observar nas regiões nas quais, mesmo com as transformações urbanísticas, ainda são preservadas as representações étnicas desses grupos no imaginário urbano.

Muitas manifestações por vezes fundem cerimônias religiosas, lazer e diversão.

As festas, enquanto conjuntos de manifestações e de folguedos sociais, afundam-se muitas vezes em acontecimentos históricos ou míticos reinseridos no presente por uma comunidade que reafirma, graças a símbolos e a alegorias, a sua identidade cultural, religiosa ou política. A maioria delas repete-se com intervalos regulares, segundo ciclos sazonais, iniciáticos ou litúrgicos. (DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA, p. 204).

Observamos esses referenciais quando analisamos os bairros da Mooca, do Brás e da Bela Vista (Bexiga), todos eles com forte identidade italiana e nos quais são realizadas festas relacionadas com santos católicos que oscilam entre as missas e a comercialização de comidas típicas com propósitos beneméritos. No entanto, a imigração de bolivianos, haitianos e africanos vindos de Moçambique, Guiné Bissau, Angola, Cabo Verde para esses bairros ainda não se sobrepôs à identidade “primeira”, a italiana. Por hipótese, podemos imaginar que essa é uma situação ainda bastante recente, o que nos faz pensar ser apenas uma questão de tempo a ocorrência de hibridismo. Como exemplo, podemos citar as feiras de produtos bolivianos e suas celebrações culturais no bairro do Pari, muito próximo ao Brás da festa de São Vito, nas quais há uma integração dos grupos, sendo comum encontrarmos famílias bolivianas nesta festa italiana.

Figura 3 – Festa do Ano Novo Andino ou Festa do Sol. Bolivianos no Memorial da America Latina, 2014



Fonte: Fátima Nunes

A região central, repleta de libaneses e de seu tradicional comércio de tecidos da Rua 25 de Março, também mescla pequenos e antigos comércios de iguarias da culinária libanesa com o comércio de proprietários chineses.

No Bom Retiro, com judeus e gregos e as confecções que, por tradição, identificaram esses povos, encontramos atualmente empresários coreanos em atividade.

Em Santo Amaro e Brooklin há muitos imigrantes alemães, que promovem anualmente, em outubro, uma festa típica com finalidades assistenciais e culturais, a *Brooklinfest*. Artistas de varias partes do país e do mundo participam com apresentações de danças, literatura, artesanato e gastronomia. Este evento também faz parte do calendário oficial da Prefeitura da Cidade de São Paulo e do Governo do Estado de São Paulo e tem apoio de instituições nacionais e internacionais, integrando Brasil e Alemanha.

O bairro da Liberdade, desde o início de sua urbanização, tem vínculos com os japoneses; a decoração temática, criada nos anos de 1970 e ampliada nos anos de 1980, com iluminação de lanternas orientais e o portal *torii*, demarcam, ao visitante, visualmente, uma espacialidade temática. Os templos religiosos de lá convivem com a fervilhante feira de artesanato e comidas típicas nos finais de semana. Encontros e performances de jovens *cosplay's* misturam-se aos leitores de sorte, como búzios, na frente da Igreja dos Enforcados na Praça da Liberdade.

No ano de 1968, por ordem do então prefeito Paulo Maluf, o bairro da Liberdade passou a ser designado como “oriental”, devido à chegada de coreanos e chineses que ali se instalaram. Atualmente, também abriga grande parte de haitianos e grupos de diversas etnias da África, fenômeno que colabora para o hibridismo local. Mesmo assim, esse processo não descaracterizou o comércio popular de produtos importados que, atualmente, mesmo oferecendo objetos de decoração e da culinária japonesa, é, na maior parte, de propriedade de chineses.

As celebrações culturais destes grupos de imigrantes que constituem a população paulistana transformaram a paisagem urbana em espaços cênicos, como no caso das festas de Nossa Senhora de *Achiropita*, no bairro da Bela Vista, o *Tanabata Matsuri* (Festival das Estrelas) e o Ano Novo Chinês, ambos no bairro da Liberdade. Este é também o caso de *Sakura Matsuri* (Festa das Cerejeiras Japonesas no Parque do Carmo, bairro de Itaquera).

Figura 4 – Tanabata Matsuri, 2014 - Bairro da Liberdade



Fonte: Fátima Nunes

Os espaços destinados a esses eventos criam cenários étnico-culturais, permitindo uma leitura visual dos temas relacionados a esses povos.

Conhecidas como festas temáticas, estabelecem elos pela cidade por meio de suas identidades imagéticas, e também ajudam a preservar a história local, a hibridização cultural e a memória coletiva.

A programação antecipada, divulgada nas mídias e redes sociais, permite aos visitantes acesso a essas programações culturais da cidade. A fluidez de público torna-se um problema generalizado com o número expressivo de visitantes e exige das autoridades do município maior empenho na estruturação do entorno desses locais, bem como a solução de obstáculos relacionados à acessibilidade.

Os meios de transporte coletivos, como metrô e linhas regulares de ônibus, são disponibilizados em maior quantidade, ocasionando menor tempo de espera. Normalmente, contam com um horário mais elástico com intuito de evitar grandes congestionamentos, o que nem sempre é possível. Também há um esforço considerável dos governos locais para evitar atos de vandalismo contra o patrimônio e furtos, como em outras grandes concentrações populares, sendo exemplar o carnaval de rua de 2016, que somou aproximadamente 80 blocos espalhados simultaneamente pela cidade.

As festas japonesas em São Paulo contam, para sua organização, com o auxílio das inúmeras associações orientais sediadas em bairros como Liberdade,

Saúde, Jabaquara, Vila Mariana, Santa Cruz, Vila Carrão, Vila Matilde, Itaquera, São Miguel, entre outras. Conhecidas como *kaikan's* ou *nikey's clubs*, são ligadas também ao Bunkyo⁶. Agregam um grande número de trabalhadores voluntários que tentam minimizar os transtornos causados pelo grande número de visitantes, que cresce anualmente.

Figura 5 – Sakura Matsuri/ Festa das Cerejeiras, Pq. do Carmo, 2014



Fonte: Fátima Nunes

A celebração do *Sakura Matsuri*⁷, no Parque do Carmo, teve início há 37 anos (1979) e era apenas frequentada pela comunidade japonesa do bairro de Itaquera. Atualmente, recebe um público de 60 mil⁸ pessoas em um único final de semana, sempre no começo do mês de agosto.

Com forte divulgação na mídia televisiva em âmbito regional, na cidade de São Paulo (SPTV, Rede Globo), e também nacional durante o telejornal mais popular no país (Jornal Nacional, também da Rede Globo), obtém visibilidade e destaca-se no calendário oficial de eventos do município.

A promoção massiva nas redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Blogspot* e outros, resulta em expressiva contribuição no aumento dos visitantes. A confirmação

⁶ Associação de Cultura Japonesa da cidade de São Paulo, localizada no bairro da Liberdade onde há um museu.

⁷ Festa das Cerejeiras.

⁸ Registro oficial da Companhia de Engenharia de Tráfego de São Paulo/ CET de 2014.

de presença dos que interagem permite uma projeção do número de turistas e de como se dará a programação da festa.

O Bosque das Cerejeiras (inserido dentro do Parque do Carmo), mantido pela Federação de *Sakura* e Ipê do Brasil⁹ ligada ao *Bunkyo*, é conservado por trabalho voluntário da comunidade nipônica que foi assentada no distrito.

Os japoneses fixaram-se no bairro nos anos de 1925, por meio de um projeto de loteamento de chácaras. Inicialmente, tinham a pretensão de transformar a região em grande produtora de alimentos com o trabalho hortifrutigranjeiro.

Itaquera, na Zona Leste da cidade, é onde está situado o Parque do Carmo e a região desse loteamento é conhecida como Colônia Japonesa. Tem sua história marcada pela transformação ocorrida com a vinda desses orientais que introduziram seus hábitos, cultura e modos de vida; a elevada produtividade da comunidade, inicialmente com a produção de hortaliças e principalmente pelo pêssego¹⁰ de excelente qualidade, também ajudou a comunidade a se projetar. A colheita dessa fruta promoveu durante muitos anos no bairro a Festa do Pêssego, depois substituída pela Festa das Cerejeiras em Flor no ano de 1978, quando iniciaram o plantio dessas novas árvores.

Disciplina, força de trabalho e determinação foram fatores decisivos para o fortalecimento desta comunidade, o que permitiu escrever a sua história recente e cumprir seu papel na construção de valores sociais, morais e culturais, pilares que sustentaram e legitimaram até os dias atuais esta comunidade na sociedade local.

No ano de 1999, o Deputado Estadual Hatiro Shimomoto conseguiu aprovar o projeto de Lei No. 518/1998 que foi sancionado pelo Governador Mário Covas, como Decreto Lei no. 10.228, inserindo, assim, a Festa de Celebração das Cerejeiras no Calendário Turístico do Estado de São Paulo.

A festa e o Bosque das Cerejeiras conquistaram, inicialmente, os moradores locais; a popularização do evento acentuava a identificação desses com o que passava a representar o patrimônio cultural e imaterial da região.

Esse reconhecimento é notório desde o traçado urbano do local onde a comunidade se instalou e, atualmente, encontra-se modificado pela especulação

⁹ O bosque possui espécies de cerejeiras (sakuras japonesas) e ipês (árvore típica da mata brasileira) como símbolo dos laços de amizade entre os dois povos. A Federação de Sakura é composta por sócios e voluntários inscritos nas diversas Associações de Sakura no Estado de São Paulo. Obtém importância de cunho internacional e atualmente é presidida por Pedro Yano.

¹⁰ O pêssego produzido na Colônia japonesa foi comercializado no Mercado Municipal da Cantareira, por muitos anos como fruto importado da Argentina, para valorizar seu preço.

imobiliária. Os terrenos eram considerados rurais e, portanto, com baixos impostos, vinculados ao INCRA. A valorização dessas chácaras as qualificou como área urbana e criou impostos altos como IPTU. Esse fato impossibilitou a permanência de maior parte dos antigos hortifrutigranjeiros.

No entanto, a memória relacionada aos antigos produtores de pêsego ainda permanece entre os moradores e os japoneses. Estes se destacaram na história da comunidade, com conhecimentos agrícolas que inseriram o bairro na geografia produtiva da cidade. Batizaram o pêsego produzido na colônia como “Pérola de Itaquera”.

O pêsego ainda nomeou a avenida mais importante que cruza o bairro e faz ligação com o sistema do Rodoanel Mário Covas, no seu início (na foz do Rio Jacuí com o Rio Tietê), faz ligação com a Rodovia Airton Senna e termina na ligação sul do sistema viário, cortando a região das antigas chácaras produtoras de pêsego: trata-se da Avenida Jacu Pêssego.

A história escrita por esse grupo de migrantes¹¹ está presente em todo o bairro nas suas diversas expressões, tanto materiais como imateriais: nos nomes das ruas¹², no comércio local, nas casas do bairro com árvores de cerejeiras no jardim ou quintal como uma extensão simbólica e material do bosque do parque; nas publicações dos jornais locais como *Notícias de Itaquera*¹³ e o mais recente *Itaquera em Notícias*; na decoração do Shopping Center Itaquera, em especial nos banheiros, femininos com estampas das flores de cerejeiras, e masculinos referindo-se à produção agrícola local.

Torna-se importante entender como esse desenvolvimento se deu a partir da comunidade oriental, alcançando posteriormente o restante da sociedade por meio de um produto material que se tornou simbólico e identitário para esse grupo. Para Bourdieu (1989):

¹¹ Os pioneiros do bairro Colônia Japonesa se autodenominam migrantes. Os mesmos são, na maioria, imigrantes que se instalaram em outras regiões do Estado, e migraram para Itaquera na ocasião do lançamento (1925) do loteamento financiado por 30 anos. Com isso, conquistaram sua independência e criaram uma associação de hortifrutigranjeiros, altamente produtiva.

¹² Praça Ioshifumi Utiyama; Rua Agrimensor Sugaya; Rua Chubei Takagashi; Rua Go Sugaya; Rua Guichi Shiguera; Rua Guichi Yoshioka; Rua Hidekichi Hatori; Rua Hirovo Kaminobo; Rua Hisaji Morita; Rua Ioneji Matsubayashi; Rua Iososuki Okave; Rua Keia Nakamura; Rua Keichi Matsumoto; Rua Ken Sugaya; Rua Kenji Sugaya; Rua Masato Misawa; Rua Prof. Hasegawa; Rua Shinzaburo Mizutani; Rua Sho Yoshioka; Rua Tineciro Icibaci; Rua Tomoichi Shimizu; Rua Zenichi Sato; Rua Zituo Karasawa

¹³ O jornal *Notícias de Itaquera*, de agora em diante, será identificado apenas como NI.

O poder simbólico como poder de constituir ou dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de ratificar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário. Isso significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illotinary force”, mas que se define numa relação determinada- e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe são sujeitos quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz na crença. (BOURDIEU, 1989, p. 14).

Mais recentemente e de forte identificação imagética do bairro com a comunidade, o estádio de futebol Arena Corinthians, em suas dependências, evidencia os laços com a colônia japonesa por meio de grandes painéis de grafites, que marcam a trajetória do time e sua conquista da Copa do Mundo de Clubes da FIFA de 2012 no Japão.

Figura 6 – Sala de Imprensa da Arena Corinthians, 2015



Fonte: Fátima Nunes

Ao observarmos a figura 6, podemos identificar o hibridismo relacionado não somente ao bairro, mas também à composição dos tipos étnicos que formam a imagem que representa a torcida. Em especial, nesse fragmento, há um homem afro descendente, um homem branco e dois jovens japoneses, todos na arquibancada do estádio, local reservado para os torcedores.

A imagem reforça o quanto é significativa a presença oriental para o time, inclusive fora do Brasil. Um dos rapazes japoneses está tocando a camisa com certa

reverência e carinho pelo emblema da equipe. Nessa imagem, há um boneco estilizado japonês como mascote da torcida.

Os elos dos japoneses com o time podem ser conferidos na escola de futebol para crianças, situada na área da Colônia Japonesa, e também no fato de a maior torcida corintiana fora do Brasil estar em solo japonês. Esse grupo de corintianos é composto de brasileiros que vivem no Japão (descendentes de orientais ou não), e japoneses que, ao conviverem com esses torcedores, também abraçaram o time, hibridizando inclusive essa relação esportiva.

A idéia de patrimônio cultural e imaterial do bairro é reforçada também pelas autoridades que visitam a festa das cerejeiras.

O prefeito Fernando Haddad¹⁴, em seu discurso da abertura oficial da festa em 2014¹⁵, citou o hibridismo étnico-cultural da cidade, aparente na formação do público do parque e no bairro com sua ambiência e miscigenação. Referiu-se à sua própria ancestralidade libanesa, ao fato de ser casado com Ana Estela Haddad, descendente de italianos, e de ter, naquele ano, recebido em sua família uma cunhada de origem japonesa.

O documento oficial do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, o decreto lei no. 5.753 de 2006, assinado pelo então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, considera a importância do patrimônio imaterial como fonte de diversidade cultural:

Reconhece que os processos de globalização e transformação social; e que as comunidades, os grupos e também os indivíduos em alguns casos exercem importante papel na produção, salvaguarda, manutenção e recriação do patrimônio cultural imaterial, assim contribuindo para enriquecer a diversidade cultural e a criatividade humana. (IPHAN, 2006, p. 3).

A valorização do trabalho e da história desse grupo de migrantes japoneses pela sociedade da região, e o reconhecimento de suas ações tanto comerciais como culturais, conotam o acultramento desses grupos, o que constitui hibridismo no bairro.

¹⁴ Fernando Haddad é prefeito da cidade de São Paulo, eleito em 2012, Bacharel em Direito, Mestre em Economia e Doutor em Filosofia, todos os títulos pela Universidade de São Paulo/ USP.

¹⁵ Trecho do discurso gravado por nós em agosto de 2014: "Estou muito feliz por voltar a este parque, caminhar pelo bosque e reencontrar a beleza da diversidade de povos que constituem o público local. Essa mistura tão rica também reflete a composição do povo que construiu a cidade de São Paulo".

Meneses (1996), “o patrimônio tem sempre como suporte vetores materiais. Também para o patrimônio imaterial atribui o significado de valor, que por sua vez o mesmo não é criado pelo poder público e sim pela sociedade, antes de tudo o patrimônio é um fato social”. O mesmo autor evidencia que:

O multiculturalismo, que tanto se fala, pode se transformar numa cortina de fumaça em que certo universalismo (o qual paradoxalmente permite a diversidade) mascara normas, valores e interesses. É preciso distinguir diversidade cultural de diferença cultural, a cultura ocidental tem a habilidade de apreciar culturas diversas, como um “museu imaginário”. (MENESES, 1996, p. 13).

A partir disso, podemos compreender o sucesso das festas étnico-culturais na cidade, pois o exótico e a produção visual transportam os visitantes a espaços lúdicos e cênicos, os quais experimentam sensações que incluem o corpo.

Podemos tomar, como exemplo, a vibração do corpo com a experiência de assistir a uma apresentação dos tambores japoneses conhecidos como *taikô* e o uso de *hashis*¹⁶ que foi assimilado, no cotidiano urbano, por meio da popularização da gastronomia oriental.

É fato conhecido a fragmentação cultural e simbólica mediante as dificuldades de comunicação, processo pelo qual passaram os imigrantes provenientes de várias partes do mundo quando da instalação na cidade de São Paulo. Com os japoneses não foi diferente: apesar de em sua maioria serem alfabetizados, aprender o português foi uma forte barreira na comunicação entre os japoneses e brasileiros. Encerrados em seus grupos étnicos nos espaços privados, preservaram hábitos e cultura.

Ruth Cardoso (1995) assinala que a continuidade desses hábitos está fortemente ligada às inúmeras associações, que por meio de participação compulsória e não voluntária; ordenadas por classificação de gênero, idade, ou atividade, são promotoras e servem de coesão entre os grupos. (p.110)

Quando um grupo toma posse de um território, transforma-o à sua imagem- o espaço ratifica relações sociais- e ao mesmo tempo, é pressionado pela própria materialidade de sua criação, à qual é forçado a obedecer: “ele se fecha no interior do quadro que construiu”. (LEPETIT, 2001, p. 147).

¹⁶ Palitos de madeira que os japoneses utilizam em substituição aos talheres ocidentais. O seu uso em pares e forma de pinça tem simbologia com o bico da ave, que se alimenta de pequenas porções para conseguir voar.

Os japoneses preservaram os símbolos que fortemente identificam esses grupos em seus vínculos culturais e, principalmente, possibilitando a manutenção do sentimento de pertencimento à sua ancestralidade e tradições e a continuidade para as novas gerações. Isso ocorre em relação à religiosidade e seus rituais; às formas de respeito à sabedoria dos anciões e os cumprimentos com reverências¹⁷; às celebrações nacionais, como o aniversário do príncipe; aos hábitos de saúde, como exercícios e meditação; às expressões culturais de danças, músicas, instrumentos, poesia e escrita em ideogramas.

As celebrações orientais em São Paulo apropriam-se dos espaços urbanos, transformados visualmente. Vistos como patrimônios arquitetônicos são, portanto, bens materiais com identidade visual.

Ao mesmo tempo, as festas típicas orientais que, atualmente, fazem parte do calendário turístico da cidade, as suas apresentações de danças, a decoração e os desfiles de trajes típicos, como no caso de dinastias chinesas, são, nas suas formas, culto à memória coletiva. Transformados em produto turístico e sua intangibilidade, são reconhecidos como patrimônio imaterial dessas etnias.

Meneses analisa que o uso cultural dos espaços deve conviver de forma harmônica, preservando a identidade da comunidade e seus valores simbólicos, sem o impedimento do consumo desse símbolo por meio do turismo urbano, que favorece troca cultural e interação entre os grupos.

Podemos observar essa dualidade do uso dos espaços simbólicos no bairro da Liberdade, em seus templos ao ar livre. Se, ao mesmo tempo, o espaço tem sua sacralidade para o usuário cotidiano em suas crenças e valores simbólicos, para o turista urbano o consumo desse simbólico se traduz em novas apropriações e ressignificações dos mesmos símbolos.

Em outras palavras, o templo enquanto espaço sagrado existencial para a comunidade pode ser entendido como uma forma de qualificação cultural pelos sentidos; portanto, raiz de interioridade e consciência, estabelecida por um valor afetivo em relação ao espaço o qual permite uma imersão de suas práticas religiosas dos usuários cotidianos.

Por outro lado, essa interioridade pode ser interrompida pelo turista que considera o espaço físico do templo como lugar de contemplação pelos que os veem

¹⁷ O curvar-se em respeito ao outro, maneira considerada mais educada ao cumprimentar alguém, principalmente os mais velhos.

como sagrado. Ambos estabelecem uma relação especial com o lugar, de acordo sua identificação com os signos e símbolos. (MENESES, 2009, p. 27, 28)

Há uma luta constante para que os meios urbanos não descaracterizem ou influenciem a identidade dos grupos. Para esses sujeitos sociais, a preservação do idioma ancestral (japonês) os protegeu e permitiu o resguardo de seus elos culturais e transmissão às novas gerações.

Essa resistência é percebida e explicada quando Canclini (2000, p. 301) reflete sobre como “a vida urbana transgride a cada momento a estabilidade da ordem. No movimento da cidade, os interesses mercantis cruzam com os históricos, estéticos e comunicacionais”.

2.1 O Bosque das Cerejeiras do Parque do Carmo

Em Itaquera, o espaço paisagístico inserido no Parque do Carmo, e que forma o Bosque das Cerejeiras, estabelece uma relação sentimental e cria um significado simbólico para os grupos de voluntários formados pelos descendentes dos japoneses que se instalaram na região.

Os antropólogos nos ensinaram que as sociedades tradicionais podiam, de forma cíclica, por um curto período, ritualizado, abstrair seu passado e seus costumes para viver na imediatez do presente. Mas esses parênteses apenas confirmam a regra: indivíduos e sociedade não podem preservar e desenvolver sua identidade senão pela duração e pela memória. (CHOAY, 2001, p. 112, 113).

De maneira histórica, transformaram o entorno em um espaço de contemplação e rara beleza ao qual está relacionado um dos mais significativos elos que essa etnia possui com sua ancestralidade. A florada das cerejeiras ou *sakuras*, como são conhecidas no Japão essas árvores, modificam a paisagem nos primeiros dias de primavera.

A contemplação do florescer para o japonês está relacionada à temporalidade e à beleza da vida, pois as flores não sobrevivem mais que uma semana. Para os japoneses, é um momento de recolhimento e meditação. Reúnem-se sob as arvores floridas para praticar o *hanami*.

Com esse intuito filosófico, foi criado o Bosque das Cerejeiras: para a transmissão dessas formas de expressão e valores espirituais, não somente ao grupo de orientais, mas também para difundir essa prática simbólica na comunidade.

Os primeiros grupos de japoneses se instalaram em Itaquera nos anos de 1925 e, além das novas técnicas e tecnologias rurais, também trouxeram sua cultura e valores os quais por muitos anos garantindo assim a sobrevivência dessa comunidade enquanto etnia.

Com a Segunda Guerra e o Estado Novo, as possibilidades de retorno à terra natal se tornam inimagináveis, e esses pequenos hortifrutigranjeiros passaram a investir fortemente na educação de seus filhos, inicialmente com uma escola construída por mutirão e, depois, mantida pelo Governo do Estado.

A Colônia Nipônica de Itaquera, além de ter uma ousada pretensão de fornecer alimento ao povo paulistano, desenvolveu-se tecnologicamente por meios de seus descendentes engenheiros agrícolas e, politicamente, pelos formados em direito.

Figura 7 – Escola pública com ensino misto português e japonês no bairro Colônia Japonesa, 1950



Fonte: Arquivo família Yoshioka¹⁸.

O grupo criou condições para o desenvolvimento local e conquistou o respeito e sua valorização na sociedade com seus sucessores, que se tornaram figuras representativas na sociedade, como médicos, comerciantes, professores, engenheiros, advogados, empresários e políticos de visibilidade.

¹⁸ Ao centro, temos duas irmãs abraçadas às suas bonecas. A menor é a Dra. Érica Yukiko Yoshioka. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1969), mestrado em Études Urbaines - Université de Paris I Panthéon Sorbonne (1976) e doutorado em Études Urbaines - Université de Paris I Panthéon Sorbonne (1980). Atualmente, é professora doutora da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Tecnologia da Arquitetura e é membro titular do Laboratório de Culturas Construtivas da FAUUSP. Fonte Lattes.

Esse processo social se evidencia quando estudamos Arantes (1984):

Numa sociedade diferenciada, as várias formas de trabalho, as diferenças regionais, a junção de etnias e tradições históricas contribuem para aumentar a heterogeneidade que constantemente é produzida pela divisão do trabalho social. No próprio processo de formação nacional, grupos e classes se apropriam de elementos culturais diferenciais que são utilizados com frequência como instrumentos de identificação coletiva em oposição a outros segmentos. Essas diferenças culturais são muitas vezes valorizadas pelos grupos em relação uns aos outros, e implicam o desenvolvimento de padrões estéticos e morais próprios. (ARANTES, 1984, p. 31).

O Bosque das Cerejeiras, atualmente com quatro mil árvores, é o segundo maior bosque¹⁹ de *sakuras* fora do Japão. Possui quatro espécies diferentes e transforma o Parque do Carmo em uma imensa mancha de tons de rosa em meio à Mata Atlântica.

O trabalho dos japoneses deixou um legado cultural que, nos dias atuais, tem grande visibilidade nas mídias e redes sociais.

No ano de 1976, o então prefeito da cidade, o empresário Olavo Setúbal, transformou a antiga e improdutiva fazenda cafeeira em um espaço urbano de lazer, o Parque do Carmo: preparava-se o bairro para uma nova fase de urbanização e para a entrega dos conjuntos habitacionais do programa de moradias populares da COHAB²⁰.

A concessão de uma parte do parque ao grupo de japoneses que frequentava o local, onde se reuniam para recitar poemas²¹, permitiu a inserção de uma nova prática cultural com uso da espacialidade do parque e com uma ambientação que reproduzia os jardins de *sakura* no Japão como resgate dos valores ancestrais de contemplação e introspecção, ao mesmo tempo que facilitava a transmissão de valores afetivos às novas gerações como representações sociais e imaginárias, também pragmáticos como valores de uso social.

Ao observarmos a imagem, a seguir, vemos uma área cercada, com portões altos, e uma segunda cerca-viva de ciprestes em formação simultânea às cerejeiras. Na entrada, há uma placa que divulga a importância daquele espaço, onde são

¹⁹ O maior bosque de sakuras fora do Japão está em Washington/ EUA. Sua florada também é um evento turístico cultural.

²⁰ Criado em 1965 com a finalidade de dar “acesso à habitação digna à população de menor renda, obedecendo às normas e critérios estabelecidos pelo Governo Municipal e pela legislação federal”, conforme informa o *site* do governo de São Paulo. Ver <http://cohab.sp.gov/Historia.aspx>.

²¹ *Haikai* do Carmo, era um grupo de moradores da colônia que se reunia no parque para recitar poemas em japonês com temas previamente definidos.

cultivadas mudas doadas pelo Japão, sob administração do DEPAVE, Departamento de Áreas Verdes do município.

Figura 8 – Bosque das Cerejeiras 1992, cercado com acessos permitidos apenas ao grupo de japoneses que dele cuidava, e para a realização das festas entre os membros da comunidade



Fonte: Fátima Nunes

Para a comunidade de japoneses, essa doação efetuada pelo príncipe reveste-se de uma profunda responsabilidade, uma vez que receber tal incumbência da autoridade máxima é fato de honraria, principalmente pela veneração que o grupo alimenta por seus símbolos. Assim, ninguém, além deles, poderia adentrar aquele espaço quase sagrado.

A área total do parque, 1.500.000m², de preservação ambiental da Mata Atlântica, é, geograficamente, uma continuação da área demarcada pela região de chácaras da Colônia Japonesa.

O processo de plantio e aclimação das mudas foi marcante na história da comunidade e teve em seu idealizador Katsutoshi Matsubara (1904-1997), um dos mais importantes personagens desse processo.

Em 1978, em uma cerimônia solene, foram plantadas as primeiras mudas por voluntários, com a presença de 1.500 incentivadores de toda a região.

Durante dois anos houve empenho braçal, ideológico e moral para este cultivo. No entanto, em função de poucos recursos tecnológicos, condições adversas, clima, solo e pragas em geral, ocorreram perdas seguidas e somente 2/3 das mudas sobreviveram. Outras foram sendo introduzidas, e receberam suporte técnico da Secretaria do Verde. Mesmo assim, pouco êxito obtiveram, já que estas eram espécies desconhecidas pelos profissionais.

Após inúmeros exames de laboratório mais detalhados, foram identificados todos os problemas que impediam o sucesso. Com essas informações, realizaram-se experimentos e alcançou-se a metodologia ideal para o cultivo dessas espécies em áreas subtropicais.

Enquanto não via o resultado do plantio, o Guardião das Cerejeiras, como Matsubara ficara conhecido, percebendo-se desmoralizado no seu compromisso, sentiu-se na obrigação de cumprir sua promessa com as autoridades que o apoiaram; entretanto, poucos acreditavam em seu êxito.

Em um dia do ano de 1980, o prefeito depara-se com um *samurai*²² a caráter em seu gabinete para a cerimônia que constatava seu fracasso, o *haraquiri* (suicídio por espada)²³. O ato, evidentemente impedido, serviu para sensibilizar autoridades e conseguir ajuda na continuidade de sua tarefa.

A nova oportunidade traduziu-se em anos de trabalho árduo e voluntário de um senhor idoso a carregar baldes de água pelo parque e criou condições para o desenvolvimento do bosque. Canclini analisa que estes modos independentes de processo geram as construções de nações e criam retratos de heróis destinados a instaurar a iconografia representativa da dimensão de suas utopias.

A figura do herói, personificada no trabalhador que dedicou sua existência por um ideal, fortalece a comunidade na continuidade desse feito. Estabelece vínculos dos descendentes com a história do grupo, proporcionando a valorização social dos voluntários que cuidam do bosque, que atualmente encontra-se em sua fase adulta. Chauí (2001) considera a valorização desses feitos, e os lugares reverenciados pelas ações são vistos como um semióforo²⁴. “Fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação”.

²² Para a comunidade da Federação de Sakura e Ipê do Brasil, essa história ainda é uma lenda. Alguns creem na sua veracidade e outros questionam com uma dose de humor, sem efetivamente discordar ou desmentir. Entretanto, o fato está fortemente ligado à memória coletiva desse grupo.

²³ “Para os samurais japoneses, tirar-se a vida numa circunstância dessas constituía somente uma escolha de meios: a morte era certa. Nos tempos modernos, o suicídio é uma opção pela morte. Uma pessoa volta contra si própria a violência, amiúde, ao invés de assassinar outrem. O ato do suicídio, que em tempos feudais era a declaração final da coragem e decisão de um homem, transformou-se hoje em dia numa autodestruição escolhida” (BENEDICT, 1972, p.143).

²⁴ *Semeiophoros* é uma palavra grega composta de duas outras: *semeion* “sinal” ou signo, e *poras*, “trazer para a rente”, “expor”, “carregar”, “rotar” e “pegar” (no sentido que, em português, dizemos que uma planta “pegou”, isto é, refere-se à fecundidade de alguma coisa). Um *semeion* é um sinal distintivo que diferencia uma coisa de outra, mas é também um rastro ou vestígio deixado por algum animal ou por alguém, permitindo segui-lo ou rastreá-lo, donde significar ainda as provas reunidas a favor ou contra alguém. (CHAUÍ, 2001, p.8)

Um semióforo é, pois, um acontecimento, um animal, um objeto, uma pessoa ou uma instituição retirados do circuito do uso ou sem utilidade direta e imediata na vida cotidiana porque são coisas providas de significação ou de valor simbólico, capazes de relacionar o visível e o invisível, seja no espaço, seja no tempo, pois o invisível pode ser o sagrado (um espaço além de todo espaço) ou o passado ou o futuro distantes (um tempo sem tempo ou eternidade), e expostos à visibilidade, pois é nessa exposição que realizam sua significação e sua existência. É um objeto de celebração por meio de cultos religiosos, peregrinações a lugares santos, representações teatrais de feitos heróicos e os heróis. (CHAUI, 2001, p. 9).

As celebrações do *hanami*, festa das cerejeiras, tem profundo significado para a cultura japonesa.

No Japão, é feriado o dia em que os *sakuras* florescem, tempo de reflexão e confraternização. É um evento simbólico e importante para o povo nipônico, como os demais ícones que referenciam sua identidade (por exemplo, o monte Fuji e sua bandeira nacional).

O *hanami* no Parque do Carmo, em seu início, era apenas uma reunião dos voluntários para festejar a florada das mudas que ali progrediram. Com uma expressão simbólica apenas para esse grupo e fechada por cercas, impedia-se o acesso do público que frequentava o parque. Os organizadores diziam ser apenas por precaução e para proteger os frágeis arbustos.

Podemos também interpretar esses limites como uma divisão do espaço, significando a importância de um grupo sobre outro; em outras palavras, os privilégios dos escolhidos por sua importância no grupo, ou seja, a materialidade desse espaço como um uso existencial, no desenvolvimento da tecnologia para aclimatação, plantio e cultivo. Também representam o propósito de contemplação da florada como uso cultural desse mesmo espaço e turístico, com a abertura da festa para o público em geral.

2.2 O Notícias de Itaquera

A festa passou a figurar na mídia local, o jornal NI, que registrou o evento e o divulgou posteriormente para a sociedade em sua edição semanal.

O jornal de bairro, por ter uma proximidade maior com o leitor, tem características próprias que são a marca de sua existência como significativa fonte de registro da história desses grupos. O NI, em seu discurso, é mais emotivo na análise dos fatos e na forma de apresentar determinadas situações. Seu discurso

deu voz à sociedade local e o acesso aos seus arquivos nos permitiu conhecer os processos políticos e culturais da sociedade local, bem como sua participação efetiva na história recente.

As riquezas do acervo dessas mídias massivas, isto é, as que têm fluxo de informação centralizada, com controle editorial do pólo de emissão e são financiadas pela publicidade, ao longo de suas existências, são fonte inesgotável de referência aos historiadores. O conhecimento das maneiras pelas quais as transformações urbanística, social, política e cultural ocorreram é essencial para esses grupos sociais.

As mídias de função massiva são centradas na maioria dos casos em um território geográfico nacional ou local. As mídias e as funções massivas têm seu (importante) papel social e político na formação do público e da opinião pública na modernidade. As funções massivas são aquelas dirigidas para a massa, ou seja, para as pessoas que não se conhecem, que não estão juntas e que assim têm pouca possibilidade de interagir. (LEMOS, 2007, p. 121-137).

Graças às tecnológicas atuais de digitalização, esses preciosos documentos da história local podem ser recuperados dos danos naturais do tempo e agregados ao patrimônio da memória dessas comunidades. Nossa busca por informações sobre as publicações do jornal *Folha de S. Paulo* ocorreu de forma virtual, por meio do acesso ao acervo digitalizado, desde o início das publicações do jornal em 1923.

Situado na periferia da Zona Leste, a redação do NI, fundado oficialmente em 1979, iniciou suas atividades em 1980 com o intuito de levar aos novos moradores o conhecimento de seus direitos de cidadãos e integrando-os aos grupos distintos que se formavam naquele momento histórico da urbanização do bairro, quando ocorreu uma segunda grande migração.

O bairro de Itaquera, nos anos finais da década de 1970, ainda era muito precário e exigia das autoridades um maior investimento em saneamento básico e infraestrutura urbana. Para tanto, contava com a realização das promessas de implantação de equipamentos públicos a partir da realização dos projetos de habitação popular do programa COHAB.

No entanto, essa migração recebeu um grupo social heterogêneo e completamente distinto dos pioneiros japoneses.

Fragmentados social e culturalmente, valeram-se das únicas referências para a reconstrução do simbólico e inserção no contexto local por meio das informações disponíveis na mídia impressa, o que lhes permitiu o sentido de pertencimento.

Muito além de participar de um determinado grupo social, o sentimento de pertencimento está relacionado à necessidade de criar vínculos, à aceitação e integração com os iguais. Tal característica é própria do ser humano, o qual precisa viver em grupo desde os primórdios quando nômades e, principalmente ao fixar-se, dando início às vilas e povoados, transformados posteriormente em grandes centros urbanos. Isso lhe permite segurança emocional, social, desenvolvimento, práticas de suas crenças e transmissão de saberes. Passa a ser uma congregação e assimilação de valores, dos costumes, hábitos e cultura em relação a sua condição, enquanto sociedade, e seu lugar no mundo.

Figura 9 – Festa dos sexagenários da comunidade da Colônia Japonesa, data aproximada de 1954



Fonte: Arquivo família Yoshioka

Na figura acima podemos observar um grupo de idosos sentados à frente para a foto, com pacotes nas mãos. A comunidade da Colônia Japonesa reunia-se no antigo galpão construído para armazenar os frutos da colheita, e que também servia de clube para as festas tradicionais. As crianças dançavam usando trajes típicos em homenagem aos sexagenários, que somente a partir dessa idade recebiam presente de aniversário.

As danças típicas eram uma prática cultural muito comum entre o grupo que preservava suas tradições e, atualmente, na Festa das Cerejeiras, tornou-se um

produto cultural para o público que busca esse tipo de atração turística, como observamos nas imagens a seguir em duas edições diferentes da Festa das Cerejeiras. A figura 10 mostra uma apresentação de dança típica pelas senhoras, vestidas com *quimonos* e usando sombrinhas coloridas de papel de arroz e armação de bambu. Constatamos na figura 11 a continuação das tradições culturais e seus símbolos apropriados pelas novas gerações, que também se apresentam na festa ou simplesmente circulam entre os visitantes do parque.

Figura 10 – Apresentação de dança das senhoras com sombrinhas de papel de arroz. Festa de 2010/



Fonte: Fátima Nunes

Figura 11 – A continuidade das tradições por meio das novas gerações. Festa de 2014/



Fonte: Fátima Nunes

Publicado quinzenalmente, o *NI* pode ter funcionado como um “autor” na concepção foucaultiana, isto é, como “aquele que dá à inquietante linguagem da ficção, suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real”. (FOUCAULT, 1970, p. 28). O jornal, ainda segundo o mesmo filósofo, tornou-se não um indivíduo isolado que escreveu um texto, mas “o princípio do agrupamento do discurso, como lastro da sua coerência”. (FOUCAULT, 1970, p. 9).

Essa tomada de posição em relação ao *NI* é corroborada pela importância não só cultural, mas também econômica, atribuída ao próprio bairro da Colônia Japonesa. Trata-se de uma das poucas áreas preservadas de Mata Atlântica na região.

Suas chácaras, antigas produtoras de pêsegos, foram responsáveis pela expressiva comercialização dessa fruta no Estado.

O trabalho, em larga escala comercial, permitiu visibilidade, representatividade econômica e política também em outros meios de comunicação, os quais passaram a valorizar as práticas culturais e, principalmente, o trabalho voluntário que desenvolveu o Bosque das Cerejeiras.

Ao pesquisarmos outras mídias que promoveram e publicaram matérias relacionadas a esse grupo social no mesmo período, encontramos raras referências em jornais importantes como a *Folha de S. Paulo*, que tem maior distribuição e importância nos meios de comunicação na região da Grande São Paulo e interior e, por consequência, maior número de leitores.

Ao compararmos o número de publicações sobre o mesmo tema (a Festa das Cerejeiras do Parque do Carmo), notamos que o evento, mesmo sendo um fato social e cultural muito importante para a comunidade nipônica de São Paulo e que abriga o maior número de descendentes fora do Japão, não foi considerado significativamente expressivo para ser divulgada aos leitores de um jornal de abrangência tão significativa.

No entanto, a *Folha de S. Paulo*, em um caminho oposto ao do *NI*, como veremos no item 3.1, deu visibilidade e voz para os *outsiders*, expressando em suas publicações os desafios e anseios vividos por um grupo de grande proporção, que readequava todos os bairros da cidade com esse processo migratório.

Em outras palavras: a história recente desses personagens locais contou com a colaboração do *NI*. Sem ele, talvez a Colônia Japonesa tivesse sucumbido totalmente às pressões do mercado financeiro e imobiliário ou, numa hipótese mais otimista, as práticas culturais ali preservadas não repercutiriam como nos dias atuais, em que a florada das cerejeiras desloca, num único final de semana de agosto, sessenta mil pessoas para seus jardins, como comentado anteriormente.

Para Cardoso (1995) as celebrações orientais ganharam expressão no Brasil porque se misturaram aos que aqui encontraram e recompuseram sua identidade:

No processo vivido pelos japoneses no Brasil, selecionaram alguns aspectos culturais que continuavam organizados e vivos, isto é, se apresentavam como rituais, pois exprimiam em uma linguagem própria, conhecida da comunidade étnica, certas formas de organização que seguiam vigentes e que se combinavam com outras expressões rituais originárias de outras linguagens. (CARDOSO, 1995, p.175).

A visibilidade desses sujeitos sociais nas publicações da mídia impressa local pode ter fortalecido e propiciado o crescimento e reconhecimento de suas ações no bairro. As publicações divulgaram, ao mesmo tempo, suas práticas culturais, símbolos, os quais foram rapidamente assimilados e apropriados pelos novos moradores

O estudo do *NI* nos revela ainda que as novas gerações se apropriaram simbolicamente e ressignificaram alguns rituais, entre eles as do *hanami* (contemplação da florada das cerejeiras), mas que, gradativamente, foram também interferindo e hibridizando fortemente essas formas de expressão tão próprias de uma etnia.

A circulação gratuita desse jornal certamente colaborou nesse processo. Seria muita pretensão afirmar que o mesmo impediu a perda das referências culturais da população mais velha, mas pode ter influenciado para introduzir um novo discurso, de outra realidade mais hibridizada, outros rituais em que comparecem bens materiais e imateriais. Menezes (2005) lembra que:

Todo estabelecimento de vínculos acontece no contexto dos rituais de nossa cultura. Incapazes de vivermos sozinhos mantêm relações regulamentadas com nosso meio. Cultura e comunicação são inseparáveis, já que a cultura se constitui a partir das comunicações repetidas. (MENEZES, 2005, p. 28).

Esses vínculos culturais favorecem um sentimento de pertencimento na sociedade, ainda que seja *na* e *da*²⁵ Colônia. Mesmo sendo um jornal de bairro, e mantendo-se exclusivamente de anúncios pagos e em sua maioria por anunciantes pertencentes à colônia nipônica, representam a maior porcentagem de industriais e comerciantes locais.

O *NI* exerceu o papel de mediador entre os que detêm poder simbólico e os recém-chegados destituídos praticamente de todos os outros poderes: econômicos, políticos, sociais etc.

Ao estudarmos Martín-Barbero (2003), identificamos esse processo da fala repetitiva do jornal, divulgando a cultura japonesa como a mais significativa representação da comunidade local, e seus hábitos e práticas como símbolo histórico do grupo social e valorização de sua trajetória.

²⁵ Grifo nosso.

Mediação das ritualidades em que o jornal remete-nos ao sentido do simbólico e sustenta toda a sua forma de comunicação voltada à memória, ritmos e formas, seus cenários interação e repetição. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 19).

Basta lembrar que o *NI* era distribuído gratuitamente e enviado por mensageiro e circulou entre os novos moradores (população de baixa renda) em publicações quinzenais. Não estamos discutindo os critérios que definem “população de menor renda”, mas estamos considerando que este grupo social vive com menor poder aquisitivo e acesso mais restrito aos meios de comunicação, uma vez que no Brasil não se pratica a “isegoria”, isto é, o mesmo direito de todos para expor suas opiniões, vê-las discutidas, aceitas ou recusadas em público.

A gratuidade dos exemplares foi um meio que permitiu introduzir conceitos e regras sociais aceitas pela sociedade local. Por meio do discurso ufanista, que se orgulha exageradamente de seus ídolos, distinguiu os japoneses dos outros moradores, separando-os na forma de sua narrativa centrípeta, ou seja, por meio de uma verdade convergente, única e indiscutível.

Todavia, atualmente, jornais como o *NI*, diferentemente dos que sobrevivem por meios de assinaturas, favorecem as relações entre esses grupos sociais, uma vez que anunciam, entre outras notícias, as celebrações como a do *hanami*, resignificando-as para as gerações não-orientais.

A empresa local *Panco*, instalada em área da antiga Colônia Japonesa, atualmente Pólo Industrial de Itaquera, próxima ao Parque do Carmo, resignificou as mesmas cerejeiras, incorporando-as às embalagens das “bisnaguinhas” e à flora nacional, uma vez que estampa o enunciado “Conheça *nossas*²⁶ árvores” de 2008.

Podemos observar que a empresa *Panco*, administrada por uma organização familiar de descendentes orientais, por meio do simbólico, estampou nas embalagens uma concepção que projetou uma ideia com efeito ideológico. A mesma permitiu que o consumo desses produtos estivesse para além da bisnaguinha, ao inserir uma imagem que reforçou uma crença baseada nos registros históricos e culturais do bairro Colônia Japonesa.

As cerejeiras do bosque foram introduzidas no Brasil pela comunidade nipônica, mas, são originárias da China e Índia. O uso do simbólico nas embalagens permitiu resgatar a memória dos pioneiros que viveram na localização geográfica da

²⁶ Grifo nosso

empresa e articulou idéias de poder imperceptível mediante o consumo desse símbolo, uma vez que a série de embalagens, até então, apenas divulgava árvores nativas da Mata Atlântica.

O efeito propriamente ideológico consiste na imposição de sistemas de classificação políticos sob aparência legítima de taxinomias filosóficas, religiosas, jurídicas, etc. Os sistemas simbólicos devem sua força ao fato de que as relações de força que nele se expressam só se manifestarem neles de forma irreconhecível de relações de sentido. (BOURDIEU, 2000, p. 14).

O símbolo visual das cerejeiras, como elemento vinculado à identidade da comunidade local, é reforçado também no grande número de árvores que encontramos pelo bairro²⁷ como uma extensão do parque; quando começam a florescer, a população identifica visualmente que a festa está próxima, uma vez que as datas são flexíveis.

Essa re-apropriação dos símbolos não acontece apenas *pelos e nas*²⁸ empresas, mas também pelos sujeitos. Divididos por grupos, limites invisíveis, mas muito bem percebidos, sempre ocuparam diferentes partes do bairro.

Podemos considerar esses limites invisíveis que o *NI* construiu ao longo do período de análise, e por meio de um discurso estigmatizado, criou uma imagem negativa dos *outsiders* que se manteve na memória coletiva. Halbwaches (1990) comenta, em *A memória Coletiva*, que os acontecimentos e lembranças de uma situação desfavorável, ou de violência ou dolorosa que várias pessoas testemunharam (ou souberam pelos envolvidos, ou ouviram comentar), muito tempo depois, fazem reviver o mesmo sentimento desconfortável nas pessoas pertencentes ao grupo quando algo relacionado a esse ocorrido é citado.

E a mesma sociedade transformada, sem dúvida, por novas experiências, aliviada talvez de preocupações ou preconceitos antigos, enriquecida de elementos mais jovens, adaptada de algum modo porque as circunstâncias mudaram, mas é a mesma. (HALBWACHES, 1990, p. 70).

É o que Norbert Elias observou em 1965, na Inglaterra, quando publicou *Os Estabelecidos e Outsiders*: os que estavam no bairro há mais tempo (os “estabelecidos”) foram obrigados a conviver com os recém-chegados (os *outsiders*).

²⁷ Durante as floradas de 2013 e 2014, fotografamos e mapeamos 73 árvores de cerejeiras (espécies *Yukiware*, *Oshima* e *Okinawa*) plantadas em casas, praças e ruas do bairro, cujas mudas provavelmente foram adquiridas nas festas anteriores no Parque do Carmo.

²⁸ Grifo nosso.

Normalmente, os “estabelecidos” se percebem como um modelo a ser seguido pelos demais e, por isso, exercem seu poder. Já os *outsiders* nem chegam a constituir um grupo social propriamente dito.

Trata-se de uma forma de estratificação social. Diferentemente do que Norbert Elias observou na sua comunidade específica, Winston Parva, não chegou a haver atritos entre os antigos residentes e os novos moradores de Itaquera. Ao contrário: os grupos passaram a se hibridizar, em parte porque as condições políticas, sociais e econômicas no Brasil são diferentes das existentes na Inglaterra. Por outro lado, também, talvez os grupos pudessem participar e se reconhecer no NI, onde não só interagiram, dando e recebendo informações e serviços, como também disputaram o jogo do poder.

Onde há interação, há inevitavelmente tensão. Nesse caso, tensão entre tradição e ruptura. Rituais antes restritos à comunidade oriental, principalmente os relacionados às cerejeiras, começaram a ser divulgados aos 90 mil habitantes que passaram frequentar o *hanami* e a atribuir novos sentidos à festa, rapidamente incorporados e assimilados; afinal, o Bosque, antes fechado com cercas e portões, passou a ser aberto à visitação e suas celebrações foram compartilhadas com esse novo público.

Canclini (2002, p.43) parece dialogar com Norbert Elias quando afirma que: “a desordenada explosão rumo às periferias faz com que os habitantes percamos os limites de seu território, o que é equilibrado pelos relatos dos meios de comunicação sobre o que acontece nos lugares”.

O mesmo autor reafirma que a principal maneira de tratar os estranhos sempre se deu na construção de estereótipos.

Ao analisarmos o discurso do NI em seus cinco primeiros anos (agosto de 1979 a janeiro de 1986), foi possível reconhecer as maneiras pelas quais esse processo de hibridização se impôs aos milhares de novos moradores provenientes de várias localidades, resultando na ressignificação da cultura japonesa.

Quando se dão as migrações, quer populosas, quer em pequenos grupos, há um fenômeno de desterritorialização; o sistema de significação não se consolida mais em um espaço próprio, ocorrendo uma fragmentação do significado da própria cultura.

Compreendemos mais profundamente o papel do jornal naquele momento quando observamos, com Canclini (2000, p.289) que: “a mídia se transformou, até

certo ponto, na grande mediadora e mediatizadora e, portanto, em substituta de outras interações coletivas”.

Concordamos com o autor que, para tais agentes, a necessidade desses símbolos e signos se resume às suas práticas e aos valores que dão sentido à sua existência, definindo o possível e o impossível por meio das notícias locais que chegam pela mídia impressa.

3 REPRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS NO JORNAL *NI*

Como dissemos, o jornal divulgou e fortaleceu o sucesso das festas japonesas no bairro. Seus enunciados, como veremos na tabela 2, expressam a relação do bairro com a colônia japonesa e sua influência cultural, social e política.

O jornal também estampa em suas páginas, por meio da publicidade, a força das empresas e do comércio. Com distribuição gratuita, os anunciantes constituíam sua única fonte de recursos, como sugere a figura a seguir, na qual podemos constatar a forte relação de poder das indústrias da região.

Os anúncios publicados nos dois idiomas, português e japonês, reforçam a interação do capital industrial com a comunidade do bairro, enquanto as outras matérias, de interesse geral, são apenas em língua portuguesa. Em outras palavras: a expectativa dos anunciantes é garantir a adesão dos “estabelecidos”, uma vez que são eles os que leem os ideogramas orientais, e excluir os *outsiders*, os de renda familiar mais baixa e, portanto, os de menor poder de consumo.

Figura 12 – Publicidade ed. 10 a 16 de agosto/1985 p. 4 e 5



Fonte: Fátima Nunes

Segundo a análise do discurso, é necessário conhecermos o texto e o contexto em que o enunciado é produzido. Historicamente, como já dissemos, Itaquera estava passando, nos anos 1980, por um grande processo de urbanização.

A estação de metrô Itaquera, inaugurada em 1988 (e ampliada em 2000), tornou o bairro mais acessível aos seus moradores, apesar de ainda ser

caracterizado como bairro dormitório. Apenas essa informação já é suficiente para compreendermos melhor as assimetrias entre os dois grupos (os “estabelecidos” e os *outsiders*) que experimentaram a reconstrução de seus símbolos culturais.

Para reforçar um estudo de como o jornal apresentou aos novos moradores *outsiders* a vida cotidiana e as práticas e valores culturais da sociedade de “estabelecidos”, foram analisadas as publicações que vão de agosto de 1979 a janeiro de 1986, reproduzidas nos itens 2.1 e 2.2 e os dados foram reunidos na tabela a seguir.

Elas foram classificadas de acordo com assunto com seus enunciados e conforme os grupos a que se referem: aos “estabelecidos” ou aos *outsiders* do bairro.

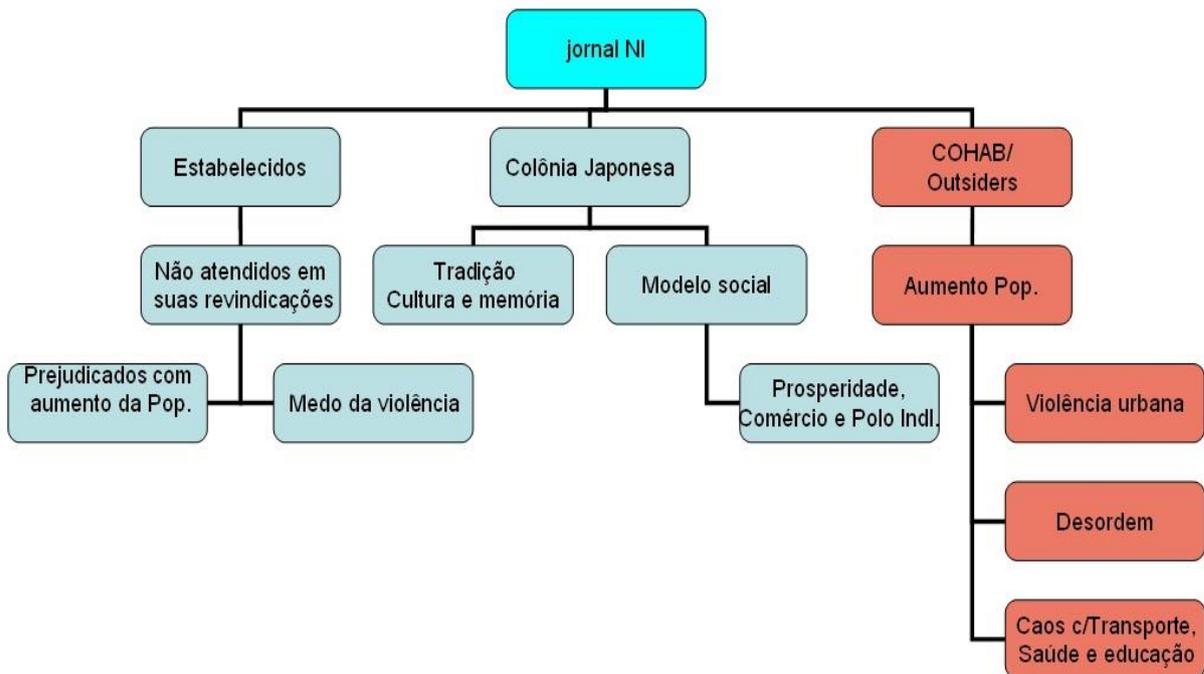
Tabela 2 – Publicações do *NI* com matérias selecionadas por tema

SUJEITOS SOCIAIS E TEMAS NAS EDIÇÕES No. 01 A 157 do NI					
OS LIMITES INVISÍVEIS NO DISCURSO DO JORNAL NOTÍCIAS DE ITAQUERA	MORADORES DAS COHABS	OUTSIDERS	Estabelecidos x Outsiders	Problemática	48 matérias
			O <i>NI</i> se refere à COHAB e seus novos moradores como focos de problemas e desordem, com áreas abandonadas, sem cuidados e com ratos, cobras e pessoas “perigosas”.	-- Esporte e lazer Organização social e política - Problemas com planejamento urbano - Falta de transporte	
			Os problemas com a violência urbana (na visão do <i>NI</i> , assaltos, roubos de carros, acidentes de trânsito), estão sempre ligados aos <i>outsiders</i> , muitas vezes indiretamente e em outras de maneira fortemente acusadora.	- Aumento da violência vinculado ao aumento da população	10 Matérias
	ANTIGOS MORADORES E COLÔNIA JAPONESA	ESTABELECIDOS	Em seu discurso, o <i>NI</i> transforma a colônia japonesa como modelo de civilidade a ser seguido pelos demais. É utilizado um tom de defensor da tradição e do padrão de comportamento que os <i>outsiders</i> devem ter, para serem aceitos pela sociedade local.	- 26 notícias sobre os japoneses, seus pioneiros e suas ações - 37 notícias em homenagem a esse grupo	63 matérias
		A precária infraestrutura do bairro cria um contraste extremo com os conjuntos habitacionais planejados. Isso causa revolta nos moradores antigos, que até então não haviam sido contemplados com os mesmos direitos.	- Mobilidade urbana, metrô e novas avenidas - Equipamentos de saúde e educação - Disputas por asfalto esgoto e iluminação urbana	17 matérias	

Fonte: Elaborada pela autora

A partir da tabela, elaboramos um organograma que permite visualizar as qualidades atribuídas aos “estabelecidos” e os problemas relacionados aos *outsiders*. Dentro do *corpus*, foram encontradas oitenta notícias que identificam os grupos “estabelecidos” no bairro, e cinquenta e oito notícias sobre os novos moradores que chegaram por meio do programa de habitação popular COHAB, os *outsiders*.

Gráfico 2 – Gráfico das publicações



Fonte: Elaborado pela autora

Os enunciados do jornal no período analisado permitiram observar que o *NI* legitima a cultura e a formação do bairro, enquanto denigre os novos sujeitos sociais.

Naquele momento, os que chegavam, fragmentados cultural e socialmente, eram ressignificados pelo jornal de bairro. Ao mesmo tempo em que o *NI* lhes apresentava o contexto social no qual estavam sendo inseridos, também criava barreiras que delimitavam seus espaços por meio de imposição de seu poder simbólico (por exemplo, quando noticia as questões sobre violência urbana e, exacerbadamente, refere-se aos territórios das COHABs como anômicos, isto é, onde não existem normas, regras ou leis, portanto, perigosos e intransitáveis).

O jornal teve condições de, ao mesmo tempo, apresentar a essas personagens o contexto social ao qual estavam sendo inseridas. Também criou barreiras que delimitaram os espaços e na sua forma de imposição de poder, por meio da repetição e a estigmatização do grupo de *outsiders*.

Segundo Canclini (2002) em *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*:

Embora se descrevam como informadores de fatos atuais e, portanto, como meios que privilegiam o presente, a maioria dos jornais insiste no já habitual, prolongando estereótipos formados historicamente. Os relatos diários mudam, mas as estruturas argumentativas que os sustentam, como afirma Aguilar, demonstram “estabilidade e fixidez”. (CANCLINI, 2002, p. 45).

Ao afixar rótulos a esses *outsiders*, o *NI* coloca-os em uma condição de inferioridade, fortalecendo, assim, as disputas de poder e visibilidade que expressam uma superioridade social, tal qual como ocorreu em Winston Parva, cidade estudada por Norbert Elias no início da década de 1960, quando escreveu *Os estabelecidos e os outsiders* e em quem apoiamo-nos para refletir sobre Itaquera.

No entanto, podemos observar que esse discurso se inverte quando se trata da expectativa de investimentos governamentais de equipamentos urbanos e modernização dos serviços públicos, graças ao novo quadro demográfico que naquele momento se desenhava com a chegada dos *outsiders*.

O discurso do *NI* tem forte apelo simbólico que, por sua vez, também define os papéis entre os grupos na perspectiva de Bourdieu (1989):

O que resulta de todas as relações objetivas são as relações de força simbólicas que manifestam na interação em forma de estratégias retóricas: estas relações objetivas determinam no essencial quem pode cortar a palavra, interrogar, responder fora do que foi perguntado, devolver as questões, falar longamente sem ser interrompido. Ou passar por cima das interrupções, etc., quem está condenada a estratégias de denegação (interesses estratégias interessadas, etc.), a recusas de respostas rituais, a formas estereotipadas etc. (BOURDIEU, 1989, p. 57).

3.1 Sujeitos sociais e os estereótipos no discurso do NI

A seguir, apresentamos a transcrição das matérias selecionadas que têm como tema os migrantes das Cohabs (*outsiders*).

1) Prioridade para os primeiros (maio 1981)

É muito louvável a política da atual administração municipal paulistana de voltar-se para a periferia e de governar, como ressalta o Prefeito Reynaldo de Barros, de costas para a Praça da Sé. Realmente, durante muitos anos, os administradores da capital paulista concentraram seus esforços e recursos na solução dos problemas [sic] das regiões centrais e daqueles que estavam diariamente ao alcance de suas vistas. Esqueceram-se da periferia. Esqueceram-se de que a capital crescia, estabelecia novas fronteiras urbanas que nessas novas faixas²⁹ havia municípios, havia contribuintes do [sic] etário, havia pagadores de impostos.

Em boa hora e certamente já com atraso, o atual ocupante do Ibirapuera decidiu alterar a orientação administrativa e contemplar as regiões periféricas com obras necessárias e capazes de minorar os problemas vividos durante muitos anos pelos seus moradores. Embora não possa dizer que a periferia goze de prioridade em todos os programas, não poderá negar que a ação do poder público, notadamente, a nível municipal, está chegando à periferia da grande capital. As naturais limitações de recursos [sic] vem fazendo com que se procure, de início, atender às aspirações mais urgentes da população, através dos programas de pavimentação, iluminação, circulação viária e obras de caráter social. Não houve ainda uma iniciativa maior em termos da infra-estrutura mais essencial, como saneamento básico, a drenagem das várzeas e fundos de vales e ainda a retificação e canalização das bacias hídricas. O que se anunciou ou se está fazendo nesse campo ainda é algo tímido e longe de solucionar os grandes problemas infra estruturais da periferia.

De qualquer forma, para quem ficou tantos anos alimentando esperanças, é muito importante aquilo que a municipalidade e o Estado vêm realizando no campo da pavimentação, iluminação pública, da construção de creches, escolas e postos de saúde. Para quem não tinha nada, já está sendo muito bom.

Um aspecto, entretanto, deveria ser levado em considerações pelos responsáveis por esses programas. É o aspecto da **antiguidade**³⁰, ou seja [sic], de atender-se prioritariamente [sic] àqueles que estão [sic] há [sic] mais tempo esperando. Sem demérito para ninguém, e sem pensar em privilégios, não se pode conceber que bairros ou vilas mais novas recebam maior volume de benefícios que outras mais antigas. Dever-se-ia considerar que, se a **antiguidade** não é posta, os moradores mais **antigos** vêm contribuindo há mais tempo. Vêm pagando seus impostos referentes há muitos anos, a espera de um dia chegarem as [sic] melhorias.

Há em Itaquera, por exemplo, vias públicas com mais de meio século de existência que ainda não foram contempladas com qualquer melhoria: nem pavimentação, nem iluminação, nem drenagem, de suas águas. Existem comunidades antigas que não receberam uma creche ou um posto de saúde, ou mesmo uma escola. Há casos gritantes. Até hoje, no jardim Ipanema, os seus escolares amargam o desconforto de frequentar uma escola improvisada e precária. A rua [sic] Itaúna, uma das mais antigas de Itaquera, até hoje não recebeu guia e sarjeta, nem iluminação. Toda a Vila Carmozina, onde Itaquera praticamente nasceu, é hoje uma das áreas com menor percentual de pavimentação se comparada a outras mais novas." N.I. no. 10 /maio/81 pag.2

Reconhecemos as idéias de Norbert Elias no discurso do jornal, especialmente no título "Prioridade para os primeiros", uma vez que "primeiros", evidentemente, refere-se à antiguidade dos bairros e, depois, aos ali "estabelecidos".

No NI, o autor inicia sua fala referindo-se às ações das autoridades com o termo "louvável"; notamos a insatisfação declarada dos "estabelecidos" em seu relato. A sensação de serem preteridos em suas reivindicações surge com o uso do

²⁹ "Novos limites" a que o autor se refere são do bairro com os conjuntos habitacionais Cohab I e Cohab II.

³⁰ Grifo nosso.

termo “novas faixas”, referindo-se aos conjuntos habitacionais dos *outsiders* e dos “antigos munícipes” que, aqui, consideramos os “estabelecidos”.

A energia elétrica chegou ao bairro apenas no ano de 1953, porém, o planejamento da iluminação pública nos anos de 1980 ainda era bastante precário. Nota-se essa questão quando o *NI* cita as ruas com mais de 50 anos, ainda às escuras, em detrimento de “outras mais novas” (nos conjuntos habitacionais).

Os “estabelecidos” até então não haviam tido seus direitos contemplados, como os novos moradores, os *outsiders*, que se instalaram já com ruas pavimentadas, linhas de ônibus exclusivas, iluminação pública e rede de esgoto. Também esses conjuntos contavam com infraestrutura para serviços de saúde, escolas de ensino fundamental e locais para integração como centros comunitários.

Essa comparação é perceptível quando são descritos os problemas enfrentados pelos alunos da escola do Jardim Ipanema, a falta de creches e outros equipamentos urbanos que trariam melhor qualidade de vida aos “estabelecidos”.

É importante salientar que, até meados da década de 1990, boa parte das ruas da Vila Carmosina ainda não contava com iluminação pública, rede de coleta de esgoto e asfaltamento. Quando se vale dos termos *antiguidade* e *antigos*, reforça-se a insatisfação dos moradores que testemunharam as transformações locais, porém sem sua inserção nos programas de urbanização, mesmo já o tendo requisitado por muito tempo junto às autoridades.

O jornal comenta que a prefeitura de São Paulo direcionou um olhar mais atento para as periferias do que as gestões anteriores, porém, suas ações ainda eram insuficientes para o volume de problemas nessas regiões. Os impostos pagos pelos “estabelecidos” eram transformados em recursos para beneficiar os novos *outsiders*, que chegavam com o bairro pronto, sem fazer esforço ou possuir mérito para tais conquistas.

O filósofo Elias (2000) quando avalia a maneira pela qual esses indivíduos se identificam em relação aos novos moradores, comenta que:

Os primeiros moradores fundavam a sua distinção e o seu poder em um princípio de antigüidade: moravam alí muito antes do que os outros, encarnando os valores da tradição e da boa sociedade. Os outros viviam estigmatizados por todos os atributos associados com a anomia, como a delinqüência, a violência e a desintegração. (ELIAS, 2000, p. 7).

Observamos que Norbert Elias comentou sobre Winston Parva: os *outsiders* ficavam à margem. Em Itaquera, a administração pública fez o contrário: deu mais condições aos que chegaram depois, o que pode ter acirrado a dicotomia entre os dois grupos sociais. Em seu discurso quase apaziguador, o *NI* cita que por mais que o poder público se desdobre nas ações, morosas e tímidas (quase invisíveis), não conseguia uma solução para os problemas de infra-estrutura que as periferias suportavam.

Vale salientar que, até o início dos anos 2000, a Vila Carmosina, tardiamente passava por um processo de implantação de rede de coleta de esgoto, sendo muitas as residências antigas que não haviam recebido tal benefício em suas ruas. Da mesma forma, a região do bairro Colônia Japonesa, nesse período, ainda era considerada área rural e, portanto, com menor índice de investimentos públicos.

Figura 13 – N. I. no. 10 /maio/81 pag. 2



Fonte: Fátima Nunes

2) “Um limite na escalada do crime (abril de 1981)

A [sic] medida que vai crescendo, Itaquera vê crescerem os seus problemas. Um deles, e dos mais sérios, é o da criminalidade, qual, no entanto, não experimenta um crescimento compatível [sic]mas muitas vezes maior. Pode-se dizer que o que mais cresce atualmente em toda região de Itaquera é a criminalidade. Com a vinda de novos habitantes, vêm também os marginais porque aumenta seu **mercado de trabalho**³¹, enquanto as condições de combate ao crime tornam-se insuficientes.

A criminalidade está aumentando não é apenas em decorrência da vinda de marginais para Itaquera ou pelo aumento daqueles aqui radicados. Cresce principalmente porque ela não é combatida, haja vista que para uma população de 600 mil habitantes, entre Itaquera, São Mateus e Guaianases, existem tão somente três delegacias. E, convenhamos, três delegacias desaparelhadas de pessoas e equipamentos que não conseguem sequer safar-se dos problemas mais rotineiros, quanto mais de exercer um combate eficaz ao crime. O policiamento pelas guarnições da polícia Militar, [sic]está longe de cobrir as reais necessidades.

Além disso, muitos outros fatores vão contribuindo para que a repressão ao crime se torne cada vez menos eficiente, como a situação precária da maioria das vias públicas, o seccionamento [sic] da região pelos trilhos da estrada de ferro, impedindo que as viaturas policiais se movimentem mais rapidamente. Falta iluminação pública para que o próprio povo se precavenha [sic] contra os assaltantes e para que as escuras, não se formem, como acontece em muitos locais, grupinhos de criminosos a espreita do primeiro transeunte.

Todo marginal sabe que a perseguição policial em Itaquera é inviável. Sabe, por isso, que chegando na Estrada Itaquera- Guaianases, à altura da fábrica de papel, estará salvo dos perseguidores: basta embrenhar-se no matagal, depois de atravessar a linha férrea, e desaparecer dos olhos da polícia; sabe também que atacando suas vítimas nos Jardins Santa Maria, Eliane, Marília, Fernandes e Brasília, está a salvo de qualquer perseguição, desde que alcance o jardim Santa Terezinha através dos trilhos e picadas por onde não passam viaturas, muito menos policiais; Todo marginal sabe também que as mesmas condições de fuga dispõe em Guaianases ou em São Mateus, onde os terrenos baldios oferecem o esconderijo adequado nos seus viçosos matagais. Tudo isso gozando do benefício da escuridão e do pequeno número de policiais que lhe dá combate.

Enquanto isso, a população fica indefesa, angustiada com o pesadelo de mais dias menos dia ser submetida ao vexame de um assalto em via pública ou de ver sua casa invadida pelos marginais, cada vez mais violentos e perversos. É tal a situação, que são bem poucas famílias moradoras nessa região que não tiveram um de seus membros ou todos eles vitimados pelos criminosos que não se contentam mais em subtrair-lhes os bens [sic], mas se esmeram em causar-lhes danos físicos de toda espécie. Há-de [sic] convir-se que, a perdurar essa situação, chegará o momento em que o próprio povo vai assumir pessoalmente a sua defesa. E, aí a insegurança será total [sic]. ” NI, no. 9 / abril/81 pag.2

No artigo acima, o jornal *NI* declara abertamente que os novos moradores e o conseqüente aumento da população no bairro tornaram-no mais violento, mais suscetível ao “vexame de um assalto em via pública ou de ver sua casa invadida pelos marginais, cada vez mais violentos e perversos”. Os já estabelecidos, isto é, os moradores antigos, são as vítimas potenciais deste novo “mercado de trabalho” que, conforme se vê ao longo do texto e nos mapas anexos, expande-se por todo o bairro e adjacências: Estrada Itaquera-Guaianases, Jardim Santa Maria, Jardim

³¹ Grifo do autor.

Eliane, Jardim Marília, Jardim Fernandes, Jardim Brasília, Jardim Santa Terezinha, Guaianases ou São Mateus.

Criar estereótipos é uma forma de exclusão social que gera discórdia e falsas crenças; não é o que se espera de um jornal, ainda que seja de bairro, de caráter mais pragmático, comercial e prestador de serviços locais. Nos mapas anexos³², constatamos que as localidades tidas como fragilizadas pela invasão dos “marginais” estão nos limites dos dois conjuntos habitacionais, conhecidos como COHAB1 e COHAB2, que pertencem à região de Itaquera.

Por meio desse discurso, o *NI* estabeleceu limites e zonas de interdição invisíveis, além de reforçar a maneira pela qual classifica os *outsiders* como anômicos, referindo-se a esse grupo como sem referências éticas, morais, valores sociais, sem vínculos com as leis e extremamente violentos.

Ao descrever os caminhos escuros e perigosos entre vielas e matagais, o *NI* também estava, indiretamente, denunciando a insatisfação dos moradores locais, uma vez que esses ainda viviam em ruas sem iluminação pública e asfalto; entretanto, os conjuntos habitacionais para abrigar os *outsiders* foram construídos por meio de planejamento urbano, chegando a se destacar na paisagem noturna.

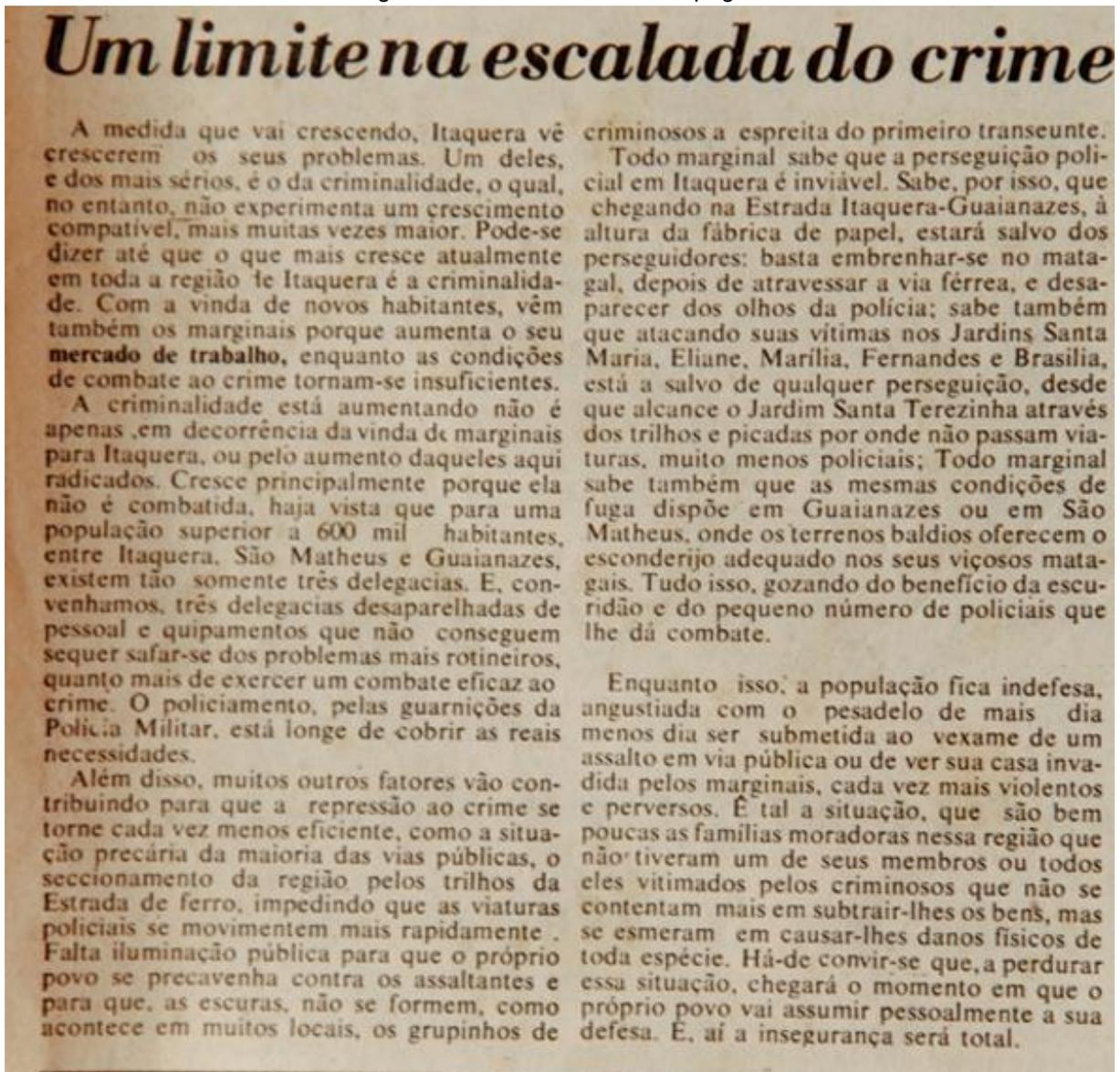
O *NI*, no exercício de seu poder de fala, encontrou nos leitores “estabelecidos” a aceitação de seus enunciados, validados por um direito indiscutível de reportar os acontecimentos e apresentar para o público geral a presunção de suas “verdades”. O fato de não haver outro jornal concorrente no bairro, naquele momento, tornou seu discurso único e incontestável e, por meio da política do medo, incentivou, nos “estabelecidos”, a exclusão dos recém-chegados

Esse mecanismo é estudado por Elias (2000) quando se refere a essas práticas de desclassificação social por grupos que se colocam em condição de superioridade:

Essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsider por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos outsiders pode fazer-se preponderar. (ELIAS, 2000, p. 24).

³² Ver Anexo 2 Mapa dos limites com COHAB1 e Anexo 3 Mapa dos limites com a COHAB2.

Figura 14 – N.I. no. 9 / abril/81 pag. 2



Fonte: Fátima Nunes

3) "Caminhada pela paz pelas avenidas de Itaquera (dezembro de 1982)

Promovida pelos grupos de jovens de Itaquera, foi realizada no dia 19 de dezembro de 1982, às 15 horas da tarde a "Caminhada Pela Paz", que teve início na Praça da Estação de Itaquera, indo em direção da praça do jardim nossa senhora do Carmo. Cerca de 1.000 pessoas participaram deste ato carregando faixas com slogans em favor da paz. Durante a caminhada cantavam várias músicas protestando contra as usinas nucleares, os gastos desnecessários em projetos que não trazem benefícios ao povo.

Na praça do Carmo, foi feito um ato público com apresentação de músicos e a leitura de cartas de protestos. Apesar do trajeto ter [sic] sido pelas avenidas de Itaquera, não houve problemas, e não houve intervenção militar. "Ed. Dezembro de 82/ 2ª. Quinzena pag. 5.

Podemos observar nesta notícia a maneira pela qual o *NI* dividiu e classificou dois grupos que, a princípio, precisavam conviver e dividir o mesmo espaço. Quando

apresentou a “Caminhada pela paz pelas avenidas de Itaquera”, afirmou o medo instaurado e o quanto os “estabelecidos” e ameaçados tentavam chamar a atenção das autoridades.

O mais interessante é que a organização do evento partiu dos jovens estudantes. Quando citou o protesto contra as usinas nucleares, reforçou a estreita ligação do bairro com os japoneses, uma vez que há uma escola na região do Parque do Carmo chamada Escola Pública Estadual Cidade de Hiroshima. A escola chegou a receber por muitos anos investimentos do Governo do Japão, e o programa educacional seguia os modelos japoneses de ensino.

No entanto, logo abaixo, podemos ler uma segunda nota, na mesma página, “Verdadeiro sucesso a feira de artesanato realizada em Itaquera”, a respeito da feira organizada pelos “estabelecidos”, com venda de plantas (produzidas pelos japoneses da Colônia) e de livros de poetas locais de família tradicionais e japoneses. Os “outros” estão excluídos; eles apenas a visitam e circulam por ela. Novamente citamos Elias (2000):

Em Winston Parva, podia-se observar, em miniatura, o núcleo de um grupo formado por membros das famílias antigas, uma ordem estabelecida central que preservava a virtude e a respeitabilidade especiais do vilarejo inteiro e que, como uma ordem estabelecida de nível inferior, cerrava solidamente suas fileiras contra os membros de um bairro considerado menos respeitável, como habitado por pessoas de menor valor humano. (ELIAS, 2000, p. 41).

As notícias, mesmo parecendo contraditórias, se complementam, uma vez que evidenciam o poder dos “estabelecidos” que se revoltam com a falta de segurança, ou quando expõem sua produção artística e seus vínculos sociais, e entre os jovens de famílias tradicionais que dividiam espaço com os poetas japoneses, também produtores de flores moradores do bairro Colônia Japonesa.

Aos *outsiders*, no artigo descritos como “vizinhança”, lhes foi apenas permitido assistir e também adquirir os bens produzidos pelos “estabelecidos”, como produção literária, apresentação de poesias, flores ou artesanato. No período estudado, não há sequer uma proposta de integração entre os grupos, como se entre os *outsiders* não houvessem poetas ou artesãos.

Figura 15 – N. I. Dez de 82/ 2ª. Quinzena pag. 5

NOTÍCIAS DA ITAQUERA

Caminhada pela paz pelas avenidas de Itaquera



Promovida pelos grupos de jovens de Itaquera, foi realizada no dia 19 de dezembro de 1982, às 15 horas da tarde a "Caminhada Pela Paz", que teve início na Praça da Estação de Itaquera, indo em direção da praça do Jardim Nossa Senhora do Carmo. Cerca de 1.000 pessoas partici-

param deste ato, carregando faixas com slogans em favor da paz. Durante a caminhada cantavam várias músicas protestando contra as usinas nucleares, os gastos desnecessários em projetos que não trazem benefícios ao povo.

Na praça do Carmo, foi feito um ato público com apresentação de músicos e com a leitura de cartas de protestos. Apesar do trajeto ter sido pelas principais avenidas de Itaquera, não houve problemas, e não houve intervenção militar.

Verdadeiro sucesso a feira de artesanato realizada em Itaquera

Realizou-se em Itaquera, na Praça Jacu a "Grandiosa Feira de Artesanato", que foi organizada pelo "Grupo de Expositores de Plantas Ornamentais Artesanais e Comidas Típicas". Em exposição havia: artesanatos de couro, gesso, cerâmicas, madeiras, barro, palha, sizer e as tradicionais comidas típicas.

A população itaquerense e vizinhança esteve presente nestes sete dias de festa, que contou ainda com a presença da "Escola de Samba Leandro de Itaquera", palhaços, Papai Noel e shows artísticos. No dia 18, às 15 horas, os escritores: Garcia Gambero autor do livro



autores do livro "Seis histórias de Natal"; ao lado de Antonio Vasconcelos autor também do livro "De Jovem Para Jovem" e outras obras estiveram presentes autografando e conversando com os poetas e público presente.

Apesar de uma pequena falha do som, os poetas Décio Y. Hatakelama, Donato Lima fizeram declamações de várias poesias. No encerramento "Toninho" subiu ao palco cantando músicas de Alceu Valença e outros ídolos da MPB. O Grupo de Expositores agradece ao grande apoio de todos aqueles que contribuíram para o grandioso sucesso da feira.

No encerramento do show, Toninho, Décio, Toninho 2 (organizador da feira) e Donato Lima.

"Da Cacimba ao Metro"; João Faduth e Maurício de Paulo, autor do livro "Louvação Insólita"; Donato Lima autor do livro "Desvaneios de Um Estudante"; Sérgio Canossa um dos




Fonte: Fátima Nunes

4) “Charge capa no. 78 de 23 a 30 de junho de 84

Figura 16 – N. I. no. 78 de 23 a 30 de junho de 84. Primeira página



Fonte: Fátima Nunes

Um dos diferenciais entre os dois grupos que dividiam o bairro era que os “estabelecidos”, em sua maioria antigos comerciantes ou pequenos industriais, na charge são representados pelo homem vestido de terno e gravata (o homem de bem), o mesmo que está sendo assaltado por uma fila de “marginais” que usam máscaras como uniformes.

O grupo de *outsiders* que formava a nova população está figurado como os assaltantes, basicamente composto por operários, uma vez que ter vínculo empregatício era um dos critérios de seleção para o aceite das inscrições para os apartamentos populares oferecidos pela COHAB. Portanto, usavam uniformes, ou seja, estavam desprovidos de identidade.

Esse discurso foi reforçado quando a charge foi publicada na primeira página, logo abaixo da notícia que divulgava que mais seis mil habitações estavam sendo entregues: a violência seria ampliada graças ao aumento da população, na visão do NI.

O jornal construiu, por meio de seu discurso, uma imagem de degradação do bairro a partir do momento que os “estabelecidos” passaram a dividir o espaço com os *outsiders*, desde a sua chegada na década de 1980.

Na primeira página, a imagem dos novos apartamentos toma um espaço tão grande quanto a indignação expressa na charge, em tamanho menor. A proporção de três assaltantes para uma vítima corrobora essa idéia de crescimento aritmético. A população local gerava uma expectativa de ser triplicada em um período de cinco anos.

Também precisamos analisar a publicação da notícia que anuncia a captura de um “maníaco” sexual na região de São Mateus, que faz limite com Itaquera, ao lado da charge. A diagramação, adicionada à veiculação na primeira página, conota que, no bairro vizinho, o controle da criminalidade era possível, uma vez que ali não havia grande demanda de migrações. São Mateus, naquele momento, não fazia parte do projeto de expansão dos programas de habitação popular.

Portanto, o *NI* repetiu, por meio de suas imagens, diagramação e editoriais um discurso ora inflamado, ora subliminar, contra a vinda dos *outsiders*, que os deprecia e os estigmatiza em relação aos “estabelecidos”.

Também usou a política do medo para criar limites invisíveis, impedindo, por meio de preconceitos, uma convivência natural.

Figura 17 – N. I. no. 78 de 23 a 30 de junho de 84. Primeira página



Fonte: Fátima Nunes

5) “Comunidade x COHAB

A forma de utilização dos Centros Comunitários dos Conjuntos Habitacionais está gerando uma grande polêmica entre a população e a direção da COHAB.

A situação atual é esta: Centros Comunitários (CCs) abandonados, servindo de abrigo à marginais, ladrões, viciados, ameaçados de depredação pela própria população, demolidos totalmente, falta de lazer, falta de segurança e falta de providências imediatas. CCs ameaçados (segundo usuários dos mesmos) de paralisação de atividades com o seu fechamento, causando medo e insegurança naqueles que utilizam os mesmos para fins sociais humanitários e de desenvolvimento, desencadeando para esses fins, cursos simples e de muito proveito para a população, assistência aos menores, assistência aos doentes, aos desempregados em forma de grupos como Pastoral da Saúde, Pastoral do Menor, Grupo Unidos Desempregados e Empregados, Associação de Mutuários, Mov. Pró-creche, Associações e grupos diversos, que não têm outro local para se reunirem a não ser os próprios CCs.

Os grupos sentem-se ameaçados pela posse que a COHAB informou fazer a qualquer momento, através de um documento enviado à todas as CCs. No momento, através de um documento enviado à todas as CCs. No documento consta a retomada dos equipamentos da Cohab, e a sua redistribuição. Na Cohab I, houve um abuso quanto ao uso dos CCs, e, as autoridades retomaram os mesmos redistribuindo **tranquilamente, restituindo assim, à população os CCs**, com novas entidades responsáveis. Na Cohab II e III, não houve até agora, o surgimento de casos em que entidades utilizassem os CCs com fins lucrativos, adentrando neles, a jogatina (segundo a superintendência do Departamento do desenvolvimento Social), mas há entidades fantasmas que fazem mal uso dos locais destinados à população local. Essas entidades estão sendo procuradas e, após, retomados os CCs, os mesmos serão devolvidos à comunidades (ou aos grupos *Organizados*) para continuar servindo de centro de lazer, cultura e de desenvolvimento. Porém, segundo a população, fins lucrativos existem e é com relação a isso que estão preocupados. As pessoas estão cansadas de esperar pacientemente a hora e o dia marcados para que as providências cheguem trazendo melhorias e benefícios. Tanto que após muitos pedidos e reivindicações, derrubaram um CCs, e, em seguida a ajuda chegou. Agora, para que a Prefeitura retire as pedras e o resto do que eram as paredes do CCs, há a necessidade de se aguardar uns quatro meses.

Maria Cecília Ziliotto, Superintendente de Desenvolvimento Social da Cohab, diz que o “medo deles é infundado. Não vamos retirar o CC de um grupo, de uma comunidade que está fazendo um bom trabalho social, que já sabemos e conhecemos. Há pouco tempo, ampliamos o CC. Como vamos ajudar e logo em seguida retirar?”. Segundo a coordenadora da Pastoral do Menor, “o trabalho que fazemos é sacrificado, é duro, ninguém ganha nada com isso. Aqui falta espaço e não atividades”. “Se retirarem o CC, ficarei chocada e chateada com a contradição, pois ao mesmo tempo que [sic] ela dá, ela retira?”, falou uma das senhoras que participa dos cursinhos que a Comunidade oferece. Na Comunidade santa Terezinha o apelo é para que entreguem as chaves o quanto antes, para que possam dar andamento às atividades. O responsável pela capelinha que está próxima ao CC e a EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil), inaugurada dia 06/03, pelo prefeito Mário Covas, é o padre Mário Celli. Ele diz que “a força da Igreja esta no fato de ser Comunidade-povo. Não está em ser papa, bispo, padres. A libertação nasce do povo, queiram ou não os poderosos. A nossa igreja é a Ministerial que a partir de problemas mais graves, tenta solucioná-los a partir da organização do povo. A igreja na Cohab, acredita na força das classes oprimidas. Numa ótica de fraternidade, cooperação e não de luta de classe. Isso na utopia. É um processo, não um ponto de chegada. Aqui na Cohab II e III, o poder com a própria ideologia macificante [sic] planejou uma selva de pedras, aonde o povo vivesse isoladamente em relacionamentos conflituais [sic]gerando desconfiança em qualquer proposta que prevenisse as comunidades. ”Os moradores do setor G, querem a liberação do CC imediatamente, e, a Superintendência, na pessoa de Maria Cecília, informa que tudo é a longo prazo, e que, a comunidade de Santa Terezinha, é a primeira da lista que retornará ao povo. Segundo Terezinha Maria Aleacherlj, “a Cohab diz que vai liberar o CC mas vai vigiar, e nós queremos o CC para nós administrarmos. Não é para a Comunidade católica. É para o povo. Queremos as chaves imediatamente o que vai ser difícil. ” Seguem-se reclamações de todos os

lados: das autoridades por parte da Cohab e dos coordenadores dos CCs, e dos grupos que utilizam os mesmos. O povo já está cansado de esperar uma atitude e começa a agir. Por um lado, a igreja se sente perseguida politicamente, por outro, as autoridades afirmam que a igreja católica persegue outras igrejas. De um lado, o povo convoca as autoridades para um debate, por outro “autoridades” [sic] não comparecem. Dezenas de pessoas convocam uma autoridade, duas, três, e elas não comparecem. Por outro, uma autoridade convoca dezenas, centenas de pessoas e elas tem que aparecer. É um verdadeiro choque de opiniões, de causas particulares e sociais. Diante desse choque de opiniões, porém, uma boa notícia, de Maria Cecília Ziliotto “a população pode se organizar, as entidades podem se reestruturar que vamos ouvir a todos, fazer [sic] um cronograma até para que todos ocupem os espaços dos CCs. Não vamos dar prioridade porque um é mais bonitinho que o outro e sim, ver o que essa entidade há de fazer, vamos reunir todas as entidades, sem preferir a católica, evangélica ou umbandista... Não podemos dar somente para a católica, sendo que outra por exemplo a Assembléia de deus também a quer. Nossos técnicos trabalham na área. Faremos uma reunião com as entidades, com os síndicos, com os grupos e haveremos de solucionar todas as questões. Vamos administrar junto com a comunidade.” N. I. no. 115 de 09 a 15 de março de 1985 pag.8

Observamos que, mesmo quando o jornal NI, aparentemente, tomou partido de um grupo, no caso os *outsiders*, em relação à forma com que a COHAB redistribuiu os Centros Comunitários, usou termos que reforçavam a estigmatização desses sujeitos sociais, colocando em discussão o uso dos prédios por “marginais”, usuários de drogas e vândalos, ou que os mesmos espaços serviriam aos movimentos assistencialistas como os da Igreja Católica para crianças abandonadas ou união de desempregados.

Podemos melhor compreender essa fala depreciativa em relação ao outro quando estudamos Erving Goffman. Este autor analisa como, desde os gregos, pessoas à margem da sociedade ganhavam marcas ou cicatrizes que denotavam e denunciavam que algo extraordinário acontecera com elas e, por isso, deveriam ser evitadas em público. Por exemplo, escravos com marcas de propriedade, cortes ou queimaduras denotavam alguma espécie de punição ou um criminoso: eram, enfim, pessoas que não mereciam o convívio social.

Por vezes, o outro está em uma condição desacreditada, como podemos identificar no texto quando o NI menciona os desempregados, doentes, crianças abandonadas e uma série de pessoas que buscavam apoio assistencial da Igreja para sobreviver. Por outro lado, refere-se aos desacreditáveis, que usam os espaços com instituições fantasmas, para jogatina, uso de drogas, etc.

Goffman (1963) identifica três formas diferentes de estigma que são perceptíveis nas sociedades contemporâneas:

A primeira está relacionada às abominações do corpo e todo tipo de deformidade. A segunda maneira está nas culpas de caráter individual consideradas como fraquezas conhecidas como vícios, distúrbio mental, alcoolismo, falsas crenças, homossexualismo, desemprego. Finalmente os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMAN, 1963, p. 7).

Atualmente, é evidente esse tipo de estigma de anomia para um grupo de certas identidades também nas redes sociais, com a desqualificação dos tidos como fanáticos evangélicos, destes para com os adeptos do candomblé, as manifestações homofóbicas, as rivalidades políticas ou esportivas.

Naquele momento, em 1985, quando a matéria foi publicada, o Brasil vivia o final do regime autoritário e a COHAB administrava e exigia reintegração de posse dos Centros Comunitários os quais a notícia se refere. Na verdade, os moradores estavam se organizando politicamente para exigir postos de saúde, mais escolas, criavam pequenos comércios ou mesmo a sede improvisada de jornal comunitário, que discutia os anseios e expectativas desse grupo de moradores (o jornal MB Notícias).

Todos os movimentos populares recebiam apoio da Igreja Católica que iniciava a construção de duas capelas na região, a de Santo Agostinho, com um padre negro (o Padre João, que tinha forte influência na comunidade), e a de São José Operário, com o Padre Gino, um italiano.

Enunciados dessa ordem, que depreciam o lugar onde há uma disputa de poder entre os grupos (“estabelecidos” x *outsiders*), conotam uma forma de atestar a parte antiga do bairro onde *não*³³ havia esse tipo de pessoas “inferiores e principalmente perigosas”. Elias (2000) relata como as fofocas em Winston Parva, funcionavam para desqualificar os *outsiders*:

A fofoca, em outras palavras, não é um fenômeno independente. O que é digno dele depende das normas e crenças coletivas e das relações comunitárias. A imagem negativa do loteamento, que levava os “aldeões” a perceberem como um mexerico bem-vindo, qualquer incidente que servisse de confirmação dela, era o inverso da imagem positiva que eles tinham de si mesmos. O uso comum nos inclina a tomar por “fofocas”, em especial, as informações mais ou menos depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas às outras. Estruturalmente, porém, a fofoca depreciativa, que costuma restringir-se ao próprio indivíduo ou aos grupos com que ele se identifica. (ELIAS, 2000, p. 121).

³³ Grifo nosso.

Essa forma de descrédito em relação ao outro pode ser também compreendida por 'desviantes sociais'.

Poderiam ser consideradas as pessoas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social. Elas são percebidas como incapazes de usar as oportunidades para o bem coletivo nos vários caminhos aprovados pela sociedade; mostra-lhes um desrespeito evidente aos seus superiores; falta-lhes moralidade; elas representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade. (GOFFMAN, 1963, p. 122)

Ao observarmos a composição das imagens no artigo, a fotografia do conjunto habitacional se sobrepõe tanto em tamanho como em posição (acima) em relação à imagem de Maria Cecília Ziliotto, Superintendente de Desenvolvimento Social da COHAB. Identificamos que o *NI* apresentou visualmente a enorme desproporção dos problemas enfrentados, muito superior ao poder de negociação da representante oficial, mesmo estando a fotografia dela sobreposta ao do conjunto de prédios: subliminarmente, a coloca como se estivesse intimidada com a dimensão das questões a solucionar.

A legenda revela essa proporção em termos numéricos: COHAB, 425 prédios equivalentes a 17.100 unidades, 1778 casas, 588 casas tipo embriões e "18" equipamentos sociais.

Ao referir-se aos equipamentos da disputa em questão, o *NI* coloca entre aspas o que põe à prova a utilidade social destes espaços, confirmando, assim, seu discurso estereotipado.

Figura 18 – N. I. no. 115 de 09 a 15 de março de 1985 pag. 8

página 6

Comunidade x Cohab

A forma de utilização dos Centros Comunitários dos Conjuntos Habitacionais está gerando uma grande polémica entre a população e a direção da Cohab.




Cohab: 425 prédios equivalentes a 17.100 unidades, 1778 casas, 588 casas tipo embrião e "18" equipamentos sociais.

Maria Cecilia Ziliotto

A situação atual é esta: Centros Comunitários (CCs) abandonados, servindo de abrigo a marginais, ladrões, viciados, ameaçados de depredação pela própria população, demolidos totalmente, falta de lazer, falta de segurança e falta de providências imediatas. CCs ameaçados (segundo usuários dos mesmos) de paralisação de atividades com o seu fechamento, causando medo e insegurança naqueles que se utilizam dos mesmos para fins sociais, humanitários e de desenvolvimento, desencadeando para esses fins, cursos simples e de muito proveito para a população, assistência aos menores, assistência aos doentes, aos desempregados em forma de grupos como Pastoral da Saúde, Pastoral do menor, Grupo Unidos Desempregados e Empregados, Associação de Mutuários, Mov. Pró-creche, Associações e grupos diversos, que, não têm outro local para se reunirem a não ser os próprios CCs.

Os grupos sentem-se ameaçados pela posse que a Cohab informou fazer a qualquer momento, através de um documento enviado à todas as CCs. No documento consta a retomada dos equipamentos da Cohab, e a sua redistribuição. Na Cohab I, houve um abuso quanto ao uso dos CCs, e as autoridades retomaram os mesmos redistribuindo tranquilamente, restituindo assim, à população os CCs, com novas entidades responsáveis. Na Cohab II e III, não houve até agora, o surgimento de casos em que entidades utilizassem os CCs com fins lucrativos, adentrando neles, a jogatina (segundo, a superintendência do Departamento do Desenvolvimento Social), mas há entidades fantasmas que fazem mal uso dos locais destinados à população local. Essas entidades estão sendo procuradas e, após, retomados os CCs, os mesmos serão devolvidos à comunidade (ou aos grupos Organizados) para continuar servindo de centro de lazer, cultura e de desenvolvimento. Porém, segundo a população, fins lucrativos existem e é com relação a isso que estão preocupados. As pessoas estão cansadas de esperar pacientemente a hora e dia marcados para que as providências cheguem trazendo melhorias e benefícios. Tanto que após muitos pedidos e reivindicações, derrubaram um CCs, e, em seguida, a ajuda chegou. Agora, para que a Prefeitura retire as pedras e o resto do que eram as paredes do CCs, há a necessidade de se aguardar uns quatro meses.

Maria Cecilia Ziliotto, Superintendente de Desenvolvimento Social da Cohab, diz que o "medo deles é infundado. Não vamos retirar o CC de um grupo, de uma comunidade que está fazendo um bom trabalho social, que já sabemos e conhecemos. Há pouco tempo, ampliamos o CC. Como vamos ajudar e logo em seguida retirar?". Segundo a coordenadora da Pastoral do Menor, "o trabalho que fazemos é sacrificado, é duro, ninguém ganha nada com isso. Aqui falta espaço e não atividades". "Se retirarem o CC, ficarei chocada e chateada com a contradição, pois ao mesmo tempo que ela dá, ela retira?", falou uma das senhoras que participa dos cursinhos que a Comunidade oferece. Na Comunidade Santa Terezinha, o apelo é para que entreguem as chaves o quanto antes, para que possam dar andamento às atividades. O responsável pela capelinha que está próxima ao CC e a EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil), inaugurada dia 06/03, pelo prefeito Mário Covas, é o padre Mário Celli. Ele diz que "a força da Igreja está no fato de ser Comunidade-povo. Não está em ser papa, bispo, padres. A libertação nasce do povo, queiram ou não os poderosos. A nossa Igreja é a Ministerial, que a partir de problemas mais graves, tenta solucioná-los a partir da organização do povo. A Igreja na Cohab, acredita na força do povo, aparentemente fraco. Acredita na força das classes oprimidas. Numa ótica de fraternidade, cooperação e não de luta de classe. Isso, na utopia. É um processo, não um ponto de chegada. Aqui na Cohab II e III, o poder com a própria ideologia maciçante planejou uma selva de pedras, aonde o povo vivesse isoladamente em relacionamentos conflituais, gerando desconfiança em qualquer proposta que prevenisse as comunidades." Os moradores do setor G, querem a libertação do CC imediatamente, e, a Superintendência, na pessoa de Maria Cecilia, informa que tudo é a longo prazo, e que, a comunidade de Santa Terezinha, é a primeira da lista que retornará ao povo. Segundo Terezinha Maria Aleacherji, "a Cohab diz que vai liberar o CC mas vai vigiar, e nós queremos o CC para nós administrarmos. Não é para a Comunidade Católica. É para o povo. Queremos as chaves imediatamente o que vai ser bem difícil." Seguem-se reclamações de todos os lados: das autoridades por parte da Cohab e das coordenadores dos CCs, e dos grupos que utilizam os mesmos. O povo já está cansado de esperar uma atitude e começa a agir. Por um lado, a Igreja se sente perseguida politicamente, por outro, as autoridades afirmam que a Igreja Católica persegue outras igrejas. De um lado, o povo convoca as autoridades para um debate, por outro "autoridades" não comparecem. Dezenas de pessoas convocam uma autoridade, duas, três, e elas não comparecem. Por outro, uma autoridade convoca dezenas, centenas de pessoas e essas tem de aparecer. É um verdadeiro choque de opiniões, de causas particulares e sociais. Diante desse choque de opiniões, porém, surge uma boa notícia, de Maria Cecilia Ziliotto "a população pode se organizar, as entidades podem se reestruturar que vamos ouvir a todos, fazer um cronograma até para que todos ocupem os espaços dos CCs. Não vamos dar prioridade por que um é mais bonzinho que o outro e sim, ver o que essa entidade há de fazer, vamos reunir todas as entidades, sem preferir a católica, evangélica, ou umbandista... Não podemos dar somente para a católica, sendo que outra, por exemplo a Assembléia de Deus também a quer. Nossos técnicos trabalham na área. Faremos uma reunião com as entidades, com os síndicos, com os grupos e haveremos de solucionar todas as questões. Vamos administrar junto com a comunidade."

Eltopaulo

Fonte: Fátima Nunes

6) “Conj. José Bonifácio um foco de problemas

O Conjunto José Bonifácio está se tornando um foco incontrolável de problemas. Reclamações surgem a toda hora. Os moradores reclamam da COHAB, enquanto colecionam provas do descaso, entre as quais incluem-se [sic] até cobras e escorpiões capturados em terrenos abandonados.” N. I. no. 118 /30 março a 06 abril de 1985 capa

Itaquera passou por muitos problemas relacionados às áreas inabitadas ou improdutivas, haja vista que o próprio Parque do Carmo é proveniente de uma fazenda inativa, adquirida pela prefeitura para criação de uma área de lazer que pudesse atender à demanda populacional que se iniciava.

Na publicação, percebe-se a maneira pela qual o discurso sobre o conjunto habitacional e as questões enfrentadas pelos moradores foram colocadas como sendo pontuais: em outras áreas do bairro, isto é, nas antigas regiões onde moravam os “estabelecidos”, não havia o mesmo tipo de problema. Naturalmente é uma inversão da realidade, pois o bairro, em sua parte mais antiga, pouco contava com redes de esgoto, asfalto ou iluminação pública.

O mesmo acontecia em Winston Parva, quando Elias (2000) reflete sobre a circunstância de depreciação do outro para uma autovalorização. Não é uma prática recente nem exclusiva de grupos que vivem em periferias e, sim, do próprio ser humano em sua condição de vida em sociedade.

Trata-se da questão de porque a necessidade de se destacar dos outros homens, com isso de descobrir neles algo que se possa olhar de cima para baixo, é tão difundida e enraizada que, entre as diversas sociedades existentes na face da Terra, não se encontra praticamente nenhuma que não tenha encontrado um meio tradicional de usar outra sociedade como sociedade outsider, como uma espécie de bode expiatório de suas próprias faltas. (ELIAS, 2000, p. 209).

A imagem que ilustra o artigo coloca os prédios a uma distância do fotógrafo, um limite visual, como se houvesse uma fronteira invisível. Cria idéia de um lugar excluído e completamente abandonado, sem a referência de uma escala de dimensão humana.

Visualmente, reforça o título “Conjunto José Bonifácio, um foco de problemas” e o desejo dos “estabelecidos” em manter distância segura e preservar os limites locais.

Figura 19 – N. I. no. 118, 30 março a 06 abril de 1985, primeira pág.



Fonte: Fátima Nunes

7) A hora de pensar em conjunto

É muito bem que venham para Itaquera os conjuntos habitacionais da COHAB, mesmo porque são empreendimentos imobiliários já completos em sua estrutura, dotados de todos os requisitos de um núcleo urbano civilizado. Se, no passado, os conjuntos deixavam muito a desejar, os novos programas da COHAB pouco deixam para reclamações. São conjuntos tecnicamente satisfatórios, prédios higiênicos, bem ventilados, erguidos a distância razoáveis uns dos outros, dotados de rede de água, esgotos (os únicos em toda região), luz de mercúrio, centros comerciais, escolas creches postos de saúde, linhas de ônibus, enfim tudo que a população desejar.

Acontece, entretanto que a COHAB está implantando esses conjuntos preocupados apenas com eles próprios sem levar em consideração a região como um todo e nem os bairros circundantes desses núcleos. Ao que parece e tudo indica os projetos da COHAB têm a única preocupação de erguer os edifícios e grupos de casas, povoá-los e o resto que se lixe. Tudo fica muito bonito, bem arrumadinho para os moradores dos conjuntos

Mas pouco importa o que possa acontecer à vizinhança ou a região.

Senão vejamos: da COHAB. Até hoje ninguém ouviu falar de tratamento de esgotos da COHAB. Ninguém sabe onde ficarão ou se serão construídas tais estações de tratamento. Até agora, seguindo o exemplo geral os grandes escoadouros dos esgotos continuarão sendo os córregos. Daí deriva o primeiro problema. Uma coisa é ter uma zona urbana pouco concentrada, com casas isoladas despejando seus esgotos nos córregos. Outra coisa é ter grande adensamentos [sic] habitacionais, com dezenas de milhares de pessoas, com redes e mais redes de esgoto poluindo e obstruindo os cursos d'água. Em pouco tempo nossos córregos ao lado do Rio Pinheiros, serão os maiores esgotos a céu aberto do mundo!

Um outro [sic] problema grave: construindo núcleos tão grandes e tão densos, como a COHAB pensa resolver o problema do transporte? Certamente não deve estar pensando nisso, acreditando apenas na promessa da vinda do Metrô. É certo que existindo o Metrô, com ponto final em Itaquera, a situação estará resolvida em termos locais, já que o sistema viário não comporta o movimento que será com tantos conjuntos e ainda um terminal metroviário, que será utilizado fatalmente por usuários de diversos bairros, além de Itaquera. Como ficará o sistema viário desta região? Talvez nem a própria Prefeitura saiba, porque até agora nenhuma iniciativa foi tomada e não se fala no alargamento de qualquer corredor de transporte, dentre os muitos planos existentes.

É hora, sem dúvida, de as autoridades pensarem no assunto mesmo porque é melhor evitar do que remediar. Que os conjuntos da COHAB tragam e ajudem trazer benefícios. Problemas, não. Já chegam os nossos, antigos [sic] e insolúveis. N. I. no. 142^a. Quinzena, agosto de 1981

O título “A hora de pensar em conjunto” apresenta uma polissemia com a palavra “conjunto”, que pode tanto significar trabalho em equipe, quanto pode estar se referindo aos conjuntos habitacionais da COHAB.

A matéria expressa a insatisfação dos que viviam em casas mais ricas e ainda usavam fossas assépticas, um problema antigo na região, o que aumentou as divergências dos moradores antigos em relação aos *outsiders*, especialmente ao questionar sobre o local de descarte do esgoto de tantas construções e sobre as preocupações dos moradores “estabelecidos” com o projeto para as estações de tratamento, como se realmente houvesse essa preocupação extrema dos administradores da Regional de Itaquera-Guaianases com o meio ambiente. Somente muitos anos mais tarde a Sabesp realizou obras de rede de esgoto na Vila Carmosina e seu entorno.

Recursos urbanísticos ainda precários criavam dessemelhanças. No entanto, havia uma cobrança da mesma criticada Sabesp para que os moradores “estabelecidos” aderissem à rede urbana de esgoto e deixassem de usar os antigos sistemas de fossas assépticas ou o próprio córrego. Tal ação trouxe polêmica e dividiu opiniões, pois tratava de custos para obras e, principalmente, de taxas que seriam cobradas nas mensalidades de consumo de água desses munícipes. Com a regularização urbana, os proprietários de residências na região da Vila Carmosina, passariam a arcar com altos dos valores de IPTU³⁴, pois até então, os imóveis de Itaquera, em sua maioria de pequenas chácaras e os da Colônia Japonesa, não se classificavam para esse imposto, já que ainda eram tidos como rurais vinculados ao INCRA.³⁵

³⁴ Imposto predial territorial urbano (IPTU)

³⁵ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)

Figura 20 – N. I. no. 142ª. Quinzena, agosto de 1981

A hora de pensar em conjunto

É muito bem que venham para Itaquera os conjuntos habitacionais da Cohab, mesmo porque são empreendimentos imobiliários já completos em sua estrutura, dotados de todos os requisitos de um núcleo urbano civilizado. Se, no passado, os conjuntos deixavam muito a desejar, os novos programas da Cohab pouco deixam para reclamações. São conjuntos tecnicamente satisfatórios, prédios higiênicos, bem ventilados, erguidos a distância razoáveis uns dos outros, dotados de rede de água, esgotos (os únicos em toda região), luz de mercúrio, centros comerciais, escolas, creches, postos de saúde, linhas de ônibus, enfim tudo o que a população possa desejar.

Acontece, entretanto, que a Cohab está implantando esses conjuntos preocupados apenas com eles próprios sem levar em consideração a região como um todo e nem os bairros circundantes desses núcleos. Ao que parece e tudo indica, os projetos da Cohab têm a única preocupação de erguer edifícios e grupos de casas, povoá-los e o resto que se lixe. Tudo fica muito bonito, bem arrumadinho para os moradores dos conjuntos, mas pouco importa o que possa acontecer à vizinhança ou à região.

Senão vejamos: até hoje ninguém ouviu falar nada em termos de tratamento dos esgotos da Cohab. Ninguém sabe onde ficarão ou se serão construídas tais estações de tratamento. Até agora, seguindo o exemplo geral, os grandes escoadouros dos esgotos continuarão sendo os córre-

gos. Daí, deriva o primeiro problema. Uma coisa é ter uma zona urbana pouco concentrada, com casas isoladas, desejando seus esgotos nos córregos. Outra coisa, é ter grande adensamentos habitacionais, com dezenas de milhares de pessoas, com redes e mais redes de esgotos poluindo e obstruindo os cursos d'água. Em pouco tempo os nossos córregos, ao lado do Rio Pinheiros, serão os maiores esgotos a céu aberto do mundo!

Um outro problema grave: construindo núcleos tão grandes e tão densos, como a Cohab pensa resolver o problema do transporte? Certamente não deve estar pensando nisso, acreditando apenas na promessa da vinda do Metrô. É certo que existindo o Metrô, com ponto final em Itaquera, a situação do transporte estará resolvido em termos amplos. Não estará resolvida em termos locais, já que o sistema viário não comporta o movimento que se terá com tantos conjuntos e ainda um terminal metroviário, que será utilizado fatalmente por usuários de diversos bairros, além de Itaquera. Como ficará o sistema viário desta região? talvez nem a própria Prefeitura saiba, porque até agora nenhuma iniciativa foi tomada e não se fala no alargamento de qualquer corredor de transporte, dentre os muitos planos existentes.

É hora, sem dúvida, de as autoridades pensarem no assunto, mesmo porque é melhor evitar do que remediar. Que os conjuntos da Cohab tragam e ajudem trazer benefícios. Problemas, não. Já chegam os nossos, antigos e insolúveis.

Fonte: Fátima Nunes

3.2 Os japoneses e a imagem criada pelos “estabelecidos”

Ao se referir à colônia japonesa e seus integrantes, o *NI* valorizou os que destacavam no cenário social, comercial e político. Também é visível o discurso ufanista adotado pelos orientais, isto é a maneira exacerbada com que a comunidade se orgulha do grupo de japoneses do bairro.

A visibilidade na mídia local, com reportagens sobre sua importância política e cultural em relação ao país de origem, tem um destaque significativo que denota a maneira pela qual a sociedade identifica seus mitos fundadores.

Esta é a narrativa que com que o jornal valorizou e incentivou esse grupo com seu discurso ideológico, com uma intencionalidade de criar mitos e heróis, e mascarando uma realidade.

Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. (CHAUÍ, 2001, p. 6).

A idéia de renovação da realidade que se repete, transforma e muda as maneiras de se expressar, por mais que pareça algo novo é, e sempre será, a repetição de si mesmo, como podemos confirmar quando Chauí (2001) avalia essa forma de referir-se ao outro com uma narrativa para tentar justificar determinada realidade e outra forma de narrar tensões, conflitos e contradições. Ou seja, “cria signos de poder e prestígio para conservar ou produzir um sistema de crenças ou sistemas de instituições que lhes permita dominar um meio social”. (p.10)

Sob a disputa de poder e prestígio, nascem o poder político, o patrimônio artístico e o histórico geográfico de um grupo e até mesmo de uma nação. A socióloga diz que, ao indagarmos como essa crença se construiu, devemos buscar explicitar nosso conceito de nação e a forte representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos.

Assim as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimenta-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que sob novas roupagens o mito pode repetir-se indefinidamente. (CHAUÍ, 2001, p. 7).

Podemos observar claramente essa relação do *NI* com a colônia nas publicações que seguem a repetição de frases e que confirmam seu discurso mitizador do grupo social.

Exemplo: *participação intensa dos nipônicos; receber de braços abertos seus irmãos oriundos do outro lado do mundo; desbravar os distantes municípios; implacável progresso; forma marcante; japoneses dão exemplo de civilidade; os dramas por que passaram.*

Com isso, o jornal no seu poder de voz deu o tom de legitimidade e idealização de sociedade que era considerada aceitável pela comunidade local.

“COLÔNIA JAPONESA: Parte de nossa história

Aos 60 anos da Colônia Japonesa de Itaquera serão comemorados no dia 1^o. De setembro deste ano num evento que significa mais que uma lembrança da chegada dos primeiros japoneses em Itaquera. É o retrato vivo de seis décadas de **participação intensa dos nipônicos**³⁶ dentro da comunidade itaquerense, ao lado de italianos portugueses e, evidentemente, de brasileiros que souberam **receber de braços abertos seus irmãos oriundos do outro lado do mundo**³⁷. Após ajudar a **desbravar**³⁸ os distantes municípios do interior de São Paulo, a força de trabalho japonesa chegou a Itaquera, tornando-se a primeira colocada na produção de pêssego e destaque no mundo todo por sua farta produção rural. O implacável progresso do município de São Paulo transformou Itaquera em Zona Urbana e Industrial, e também aí a presença japonesa se dá de forma marcante. No seio da Sociedade, com festas que lembram suas origens e honram a Pátria adotada, **os japoneses dão exemplo de civilidade**³⁹ e não esquecem os **dramas por que passaram**⁴⁰, como a fatídica “Bomba de Hiroshima”, cuja data de lançamento relembram com tristeza. Tudo isso você vai ver na reportagem especial que o **Notícias de Itaquera**⁴¹ publica nessa edição” N. I. 137 de 10 a 16 de agosto de 1985- Primeira página).

A comemoração dos sessenta anos de migração e formação do bairro Colônia Japonesa ganha um destaque de primeira página. A edição especial conta a história desses pioneiros e seus feitos para o desenvolvimento social, comercial, político e cultural no bairro.

São evidentes o respeito e a importância atribuídos à comunidade por seu empreendedorismo que transformou o entorno e colocou Itaquera no mapa da geografia produtiva do Estado.

O trabalho foi instrumento para construção dessa história. Em uma região altamente precária, esses japoneses enfrentaram todos os desconfortos e firmaram-se por meio da agricultura, inicialmente com plantio de morangos e tomates. Prosperaram com a produção de pêssegos, o que leva o nome do bairro a ser conhecido e reconhecido e seus agentes como importantes transformadores da economia e cultura na região.

Naturalmente, há esse respeito e reconhecimento dos feitos desse grupo pelos “estabelecidos”. O jornal *NI* usa essa valorização e apresenta-os como exemplo a ser seguido pelos novos moradores, uma vez que todo enunciado tem um destinatário.

³⁶ Grifo nosso.

³⁷ Idem.

³⁸ Grifo nosso.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Grifo do autor **NI**

Quando observamos esse discurso sob ótica de Fiorin (2006) podemos compreender as manobras verbais do *NI* em suas publicações aqui apresentadas e que, também, quanto refletem o pensamento da sociedade local naquele momento de transformações sociais profundas no bairro.

O discurso com apreciação admirativa dialoga com o discurso com entonação desdenhosa, um constitui-se a partir do outro. O que os diferencia é que o enunciado é a réplica de um diálogo, pois a cada vez que se produz um enunciado, o que se está fazendo é mesclar um diálogo com outros discursos. Nos quais estão sempre presentes ecos e lembranças dos outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante. (FIORIN, 2006, p. 20, 21).

Esses enunciados apresentam os japoneses como uma vitrine de virtudes, vistos como legítimos e únicos representantes da comunidade. Suas celebrações passam a figurar nas edições do jornal⁴². Um grupo que vivia apenas e tão somente fechado em seu núcleo passa a estar em evidência, e suas festas frequentadas agora não apenas pelas autoridades políticas, também pelos fragmentados *outsiders*.

Os japoneses se reconheciam enquanto comunidade, isto é um grupo de pessoas que se caracteriza no que lhes é comum. A comunidade não se divide, está sempre numa convivência face a face, o que reforça os sentimentos de unidade ou destinos comuns, como já comentados. Os *outsiders* passaram a fazer parte da sociedade local, mas não da comunidade. Significa que são diferenciados entre si pela individualidade, a qual rompe os elos e torna esses indivíduos frágeis por sua condição de isolamento; podemos compreender melhor essa situação quando observamos alguma forma de classificação utilizada em função de ideologia política, condição financeira, hierárquica, enfim uma divisão de classes. Por consequência, há uma separação também pela cultura que pode estar associada a uma cultura dominante, opressora, dominada ou oprimida.

O mundo moderno desconhece o que seja uma comunidade: o modo de produção capitalista da origem a *sociedade*, cuja marca primeira é a existência de indivíduos, separados uns dos outros por seus interesses e desejos. Sociedade significa isolamento, fragmentação ou atomização de seus membros, forçando o pensamento moderno a indagar como os indivíduos isolados podem se relacionar, tornar-se *sócios*. (CHAUI, p. 57).

⁴² Encontramos 106 notícias relacionadas à Colônia durante os 35 anos do *NI*. Edições às vezes quinzenais outras mensais.

Nesse momento, a celebração do *hanami* ainda é tímida e cerrada em seu meio social, com suas tradições, num espaço demarcado no parque por cercas e portões. Em destaque na mídia, estimula a abertura de seus espaços para o novo público.

Essa abertura para o público externo é anunciada pelo NI, colocando a comunidade como personagem que construiu a história, portanto, de heróis. Observamos quando Chauí (2008, p. 59) cita que “o lugar da cultura dominante e bastante claro: e o lugar a partir do qual se legitima o exercício da exploração econômica, da dominação política pela exclusão social.”

Figura 21 – N.I. 137 de 10 a 16 de Agosto de 1985 - primeira página.



Fonte: Fátima Nunes

3.3 Publicações especiais

A Colônia Japonesa recebeu destaque nas edições seguintes que os engrandecia e valorizava seu reconhecimento internacional. São os sujeitos sociais, que, no discurso do NI, preservavam as tradições com seu trabalho produtivo, ou enaltecidos por suas ações ambientalistas.

O jornal fora criado quase simultaneamente ao Bosque das Cerejeiras e, por essa razão, as coberturas jornalísticas evidenciavam as festas de Celebrações da Florada, e não as comemorações anteriores como a Festa do Pêssego, que deixou de existir no início da década de 1970.

As chácaras não tinham a mesma produtividade e seus proprietários conseguiram a aprovação de uma lei para a criação do Pólo Industrial da Colônia de Itaquera. O propósito era criar empregos com indústrias de atividades que não agredissem o meio ambiente e preservar o ecossistema das áreas de antigas chácaras iniciando um novo momento na região.

O que a princípio seria ideologia, ao mesmo tempo em que permite a valorização imobiliária do entorno, também vai gradativamente eliminando a memória arquitetônica e a história dos pioneiros. Os pomares de pêssegos não existem mais. As poucas chácaras que resistiram, rapidamente foram engolidas pelas indústrias e os impostos, antes vinculados ao INCRA, passando a pagar IPTU de Zona Industrial. Esse foi um forte motivo que inviabilizou a permanência dos pequenos hortifrutigranjeiros em seu espaço de assentamento original.

A representatividade do bairro na Câmara Municipal com os políticos locais (em sua maioria de descendência japonesa) também fortaleceu esse grupo, como podemos observar nas publicações do NI:

Tabela 3 – Publicações do *NI* com matérias especiais sobre a Colônia Japonesa de Itaquera

Publicação	Página	Tema
Agosto de 1980	P. 8	Morita presenteia Itaquera no seu 295º. Aniversário (matéria especial)
Setembro 1980	Capa	Sucesso consagrado na II Feira do Verde / Colônia japonesa
Novembro de 1980	Capa	Deputado Erasmo Dias visita Colônia de Itaquera
Outubro de 1980	Capa	Aquário é uma opção de lazer em Itaquera
Julho de 1981	P.3	Japão homenageia Colônia Itaquerense Personalidade na agricultura e cultura japonesa
Agosto de 1981	P.6	Aniversário da Escola Hiroshima
Outubro de 1982	Capa	“Itaquera em dois tempos” (comparativos com os dois momentos migratórios).
Outubro de 1982	P.4	Colônia Japonesa [sic]
Outubro de 1982	P.6	Itaquera Nikey Club (Antigo ACECI)
Outubro de 1982/ 2ª. quinzena	P.6	Nikkei [sic] Club participando
Dezembro de 1982/ 1ª. quinzena	P.8	Festa da Primavera (Colégio Hiroshima)
Dezembro de 1982/ 2ª. quinzena	Capa	“Parque do Carmo, melhor opção para quem busca lazer” Bosque das Cerejeiras
Agosto de 1983	P.2	Dia da Paz, [sic] na E.E.P.S. Grau “Cidade de Hiroshima”
Agosto de 1983	P. 4	Festa no Parque do Carmo (Festa das Cerejeiras)
Novembro de 1983	Capa	“A religião em nosso bairro” (valoriza Igreja N. S. do Carmo, TFP e templo Budista).
Março de 1984	Capa	Orquidófilos em Itaquera Associação Nipo Brasileira da Zona Leste
Mai de 1984	Capa	Secretário de transportes em Itaquera: debate franco (destaque para Getúlio Hanashiro)
Agosto de 1984	P.6	39º. Aniversário da tragédia de Hiroxima [sic]
Agosto de 1984	P.8	Coluna social- <i>Taichi Yoshioka</i>
Outubro de 1984	P.7	Especialistas discutem problemas dos idosos (destaque para longevidade dos orientais)
Novembro de 1984	Capa	“A grandiosa epopeia Itaquerense” (a forma exacerbada de apresentar os bens culturais locais como a locomotiva 353, os migrantes japoneses e a festa do pêssego).
Novembro de 1984	P.9	Homenagem da imigração japonesa ao Brasil (matéria especial)
Dezembro de 1984	Capa	Visite o Parque do Carmo (Bosque das Cerejeiras)
Agosto de 1985	Capa	Colônia Japonesa: parte de nossa história (matéria especial página dupla)
Setembro de 1985	Capa	Itaquera comemora um pouco de sua história (matéria especial de página dupla, dos 60 anos do loteamento Colônia Japonesa)
Outubro de 1985	P.3	Gerentes da <i>Pilot Pen</i> são favoráveis à industrialização (Kubo e Shimoda)
Novembro de 1985	P.6	Restaurante Hiroshima- o único
Novembro de 1985	P.7	Apreensão de painel na Colônia Japonesa. Crime da Prefeitura?
Novembro de 1985	Capa	“Origem de Itaquera” matéria que conta a histórias das famílias de “estabelecidos” e o desenvolvimento por meio da vinda dos migrantes japoneses.

Fonte: Elaborada pela autora

Figura 22 – Capa NI/ Outubro 1982- Itaquera em dois tempos



Fonte: Fátima Nunes

Ao observarmos as imagens de capa desta edição de outubro de 1982, percebemos que o NI reforça de forma imagética os contrastes que transformavam a paisagem do bairro e, principalmente, o processo migratório acelerado que pesava sobre a bucólica da Praça da Igreja do Carmo, na Vila Carmosina, local onde nasceu o bairro.

Em se tratando de um jornal quinzenal, ao estudarmos as edições que correspondem ao período definido, pudemos considerar que os novos moradores eram o público-alvo do único jornal da região. Afinal, graças às ações dos “estabelecidos” é que os *outsiders* podiam participar da Feira do Verde, conhecer um aquário e um orquidário e parte da história do próprio bairro, podendo também, claro, usufruir da beleza das cerejeiras em flor. Essa ideia é particularmente

reforçada pela repetição de mito conferido ao grupo de japoneses, que é beneficiado em sua comunidade social e politicamente.

É fato que o país passava pelo início de um processo de abertura política. O discurso reforçava o uso do mito como idealização de uma sociedade, a qual poderia vir a ser transformada pela possibilidade de eleger por voto direto seus mais significativos representantes.

Em sua forma foucaultiana de interdição da fala, o *NI* teve um discurso no qual representou a comunidade de japoneses, colocando-os em privilegiado destaque. Tratou um mesmo tema sob duas óticas diferentes, as quais convergem para o mesmo foco. Valorizou as ações da comunidade japonesa, dando voz e visibilidade, classificando, nomeando e reagrupando-os em suas ideias. Por outro lado, aos outsiders não foi possível o destaque positivo e, mesmo tendo grande visibilidade nos enunciados do *NI*, não lhes foi dado poder de voz; nesses termos, essa mesma evidência lhes conferiu limites invisíveis de exclusão total, gerando uma inexistência de sua qualificação para inserção junto à comunidade. (FOUCAULT, 2014, p. 51)

As festas e celebrações culturais da comunidade já existiam anteriormente à migração urbana de 1980, e cabia aos novos habitantes explorarem os lugares e atrações anunciadas no jornal. Como a eles não lhes foram dadas oportunidades para se pronunciarem nas edições consultadas, suas vozes foram silenciadas, manifestando, portanto, a desigualdade de poder que se desenhava no bairro naquele momento.

Os autores Lima (2011) e Bourdieu (1989), ao discutirem poder simbólico e poder político, assinalam como esses grupos se retroalimentam e só funcionam quando confirmam legitimidade. Os *estabelecidos* se valem do poder simbólico, influenciando e construindo realidades as quais dão sentido a esses *outsiders*.

Esses enunciados são reforçados pelo poder da palavra do jornalista em seu exercício de poder, ora pela objetividade ora por neutralidade, influenciando ações e crenças.

Os autores acima dialogam com Foucault (1988) sobre as práticas discursivas e os poderes que a permeiam, delineando os artifícios que moldam e controlam os discursos da sociedade. Para eles, esse discurso não é apenas o que traduz as formas e os sistemas de dominação, mas aquilo no qual que se acredita e do qual queremos nos apropriar.

“Um enunciado sempre é heterogêneo, pois sempre revela duas posições, a própria e aquela em oposição à que ele se constrói” (FIORIN, 2006, p.24). Politicamente, o jornalista exerce seu papel por meio de um direito de fala, de interdição e exclusão, criando com isso o tom da história.

A produção desse discurso tem uma entonação fiscalizadora, organizada e redistribuída por um número de procedimentos, e que tem a função de configurar seus poderes e perigos. Devemos considerar também o momento histórico que dominava o país naquele momento – a transição para democracia política –, mas que, entretanto, ainda era controladora e corroborava com os moldes dessa fala, ressaltando os privilégios dos que exerciam seus poderes pelo discurso e as interdições aos que foram submetidos, no caso, os novos moradores (*outsiders*).

Outra forma de exclusão bastante evidente nos enunciados são as que denegriam esses sujeitos sociais por meio de afirmações de falso ou verdadeiro dos fatos apresentados; no seu discurso centrípeto de verdade única, criou novas premissas.

As práticas culturais reconhecidas em suas publicações valorizavam o simbólico, eliminando possibilidades de outras expressões sob a forma de limites pelo reconhecimento de uma identidade, no caso a oriental, e reatualizando permanentemente as regras sociais. Encontramos em Foucault (2010, p. 37) uma referência que confirma esses personagens e suas falas: “nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes) enquanto outras parecem quase abertas sem restrição prévia.”

A repetição dos feitos e das regras sociais da Colônia em sua relação com a comunidade, por meio da repetição, inseriu uma disciplina que controlou e denotou o que a sociedade local, de *estabelecidos*, considerava e aceitava. Com isso, espaços complexos e hierárquicos marcaram lugares e indicaram valores. Esses enunciados forçavam uma obediência às mornas locais, principalmente quando trata dos espaços mistos, como no caso do Parque do Carmo e das festas japonesas.

As condições de convivência entre essas comunidades, por suas participações e visibilidade, são definidas igualmente pela possibilidade de ocupar os domínios desses grupos e seus objetos.

Podemos compreender o hibridismo cultural das festas das cerejeiras no discurso da mídia local, na sua funcionalidade de poder e lógica, e também na fala

hegemônica, a qual controla esses grupos com sua lógica de poder. Esse, exercido por estar fisicamente presente nos registros jornalísticos desses eventos, reafirma suas verdades e serve para a manutenção desse discurso.

Ao nos depararmos com membros dos grupos que, no início, faziam parte dos *outsiders* e que, atualmente, são seus descendentes, vemos que esses participam naturalmente das festividades como integrantes do processo cultural. Entretanto, os mesmos nem sempre percebem o caminho que os levou a essa apropriação.

Figura 23 – Jovem músico em grupo de *Taikô*. Apresentação da festa de 2013.



Fonte: Fátima Nunes

Atualmente, com as novas formas de comunicação, as mídias tradicionais dão continuidade a essa ideia de hegemonia, quando divulgam a Festa das Cerejeiras nos telejornais pela beleza da florada, pela tradição da festa ou, ainda, por meio da publicidade natural envolvida nesses processos, como patrocínio e apoio cultural de órgãos municipais e estaduais, o que também evidencia o poder político desse grupo.

4 OS SUJEITOS SOCIAIS REPRESENTADOS NO NI E NA FOLHA

Ao estudarmos o *NI* para compreensão de sua fala em relação aos grupos de “estabelecidos” e *outsiders*, pudemos conhecer como se deu o início da hibridização do bairro com a divulgação da festa das cerejeiras e da sua popularização e posterior “tradição” por meio da repetição.

O jornal, no entanto, tinha um expediente com cerca de 26 mil exemplares, distribuídos apenas no bairro, dificultando a divulgação da festa para a população paulistana em geral; curiosamente, o público que, nos dias de hoje, consome esses produtos culturais étnicos, participando das Festas das Cerejeiras.

Pesquisamos no mesmo período quais mídias massivas poderiam ter corroborado para ampliar geograficamente sua divulgação e atraído um público tão expressivo de turistas.

Ao definirmos um jornal em nível Estadual, buscamos um dos que, naquele momento, tivesse maior visibilidade e grande número de assinantes: a *Folha de S. Paulo*, que apresentou as seguintes notícias sobre a Festa das Cerejeiras:

Tabela 4 – Levantamento de publicações da Festa das Cerejeiras na *Folha de S. Paulo*

	FOLHA DE S. PAULO			
	ANO	DATA	PÁGINA	TEMA
Período referente ao estudado no <i>NI</i>	1982	26/ out.	p. 33	Referência à entrevista no Programa TV Mulher sobre o plantio do Bosque das Cerejeiras como melhor opção de programação do dia.
	1983	14/nov.	Caderno Geral p.12	Matéria sobre a colônia e o bosque.
	1984	22/jun.	Caderno de Turismo p.13	Matéria especial sobre parques e o bosque com a festa como opção de lazer.
	1985	7/ mar.	Caderno de Turismo	Matéria especial.
Início da popularização da festa das cerejeiras e busca por divulgação na <i>Folha</i> sobre o evento.	1990	6/dez	Caderno Geral 6	Matéria especial sobre o parque do Carmo e cita o bosque.
	1994	1/abr.	Caderno especial A-2	Pq. Do Carmo e Bosque
	2000	Setembro		Idem
	2006*	25/ago.	Caderno Geral p.20	Matéria sobre o parque do Carmo e lazer. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br/svma
	2008*	20/08	Caderno Geral p.68	Matéria sobre o parque do Carmo e lazer. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br/svma

Fonte: Elaborada pela autora. Disponível em: <www.acervo.folha.uol.com.br>. Acesso: 12 fev. 2016.

Obs.* Nos anos de 2006 e 2008, as duas matérias são idênticas, sendo copiadas do site da prefeitura de São Paulo, Secretaria do Verde e Meio Ambiente. SVMA. A seguir, o texto transcrito da *Folha de S. Paulo*:

Parque do Carmo:

É um dos maiores da capital, com 140 hectares de área verde. Em seu lago vivem peixes e aves como patos e garças. Os visitantes podem usufruir de cicloviás, pistas de Cooper, um bosque de cerejeiras e do museu do meio ambiente. É comum ver por ali gente descansando em redes amarradas nas árvores ou fazendo churrasco com amigo. (www.prefeitura.sp.gov.br/svma⁴³).

Ao buscarmos elementos comparativos entre *NI* e *Folha de S. Paulo*, o gráfico a seguir mostra uma grande desproporção de visibilidade dos sujeitos. Enquanto a *Folha de S. Paulo* distribuía 1.500.000 exemplares por dia na década de 1990⁴⁴, o *NI* 26.000 exemplares quinzenalmente. Dentro de suas proporções no mesmo período, encontramos a relação inversa de visibilidade que davam a esses sujeitos:



Fizemos uma seleção das matérias da *Folha de S. Paulo* para estabelecermos um parâmetro entre os assuntos dos jornais, e o conteúdo foi compilado em um resumo sucinto dos anos estudados aqui.

Ao usarmos o acervo digitalizado, por meio de palavra chave, obtivemos um resultado de 1514 notícias relacionadas à COHAB, muitas relacionadas aos editais de concorrência para a construção dos conjuntos; sobre as dificuldades da administração da COHAB em conseguir investimentos e saldar compromissos com fornecedores; a adesão das cidades do interior paulista⁴⁵ ao programa de habitação popular; e notícias relacionadas aos mutuários dos conjuntos de Itaquera.

⁴³ A *Folha* de S. Paulo colocou a fonte do site da prefeitura onde buscou a informação.

⁴⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/grupo_folha.shtml>. Acesso: 13/ abr. 2016

⁴⁵ Cidades citadas na *Folha* de S. Paulo que implantaram projetos semelhantes: Americana; Amparo; Araçatuba; Araraquara; Barra Bonita; Bauru; Bragança Paulista; Brodósqui; Cajuru; Campinas; Fernandópolis; Guarulhos; Itapira; Itu; Jaboticabal; Mococa; Patrocínio Paulista; Paulínia; Pindamonhangaba; Presidente Prudente; Ribeirão Preto; Santa Rosa do Viterbo; São João da Boa Vista; São Jose dos Campos; São Manuel; Urânia; Valinhos; Vargem Grande e Votuporanga.

Tabela 5 – Publicações da *Folha de S. Paulo*.

Folha de S. Paulo no mesmo período analisado no NI Novembro/1979 a janeiro/1986 com temas relacionados à COHAB		
Ano	Número de publicações	Obs. Período compatível ao analisado com NI
1979 Novembro	25 matérias	As publicações deste mês noticiavam os temores quanto à deficiência no abastecimento de água pela Sabesp nestas novas regiões.
1980	280 matérias	As notícias, em geral, se referem às dificuldades da COHAB em conseguir honrar pagamentos às empreiteiras e aos problemas enfrentados pelos inscritos para receber as chaves e assinar os contratos em filas que duravam até dois dias. Também houve uma exposição fotográfica de alunos da FAU/ USP sobre os registros das etapas de construção desses empreendimentos. Um encontro de 1500 jovens moradores dos conjuntos habitacionais, no Estado, para uma troca de experiências.
1981	309 matérias	Houve uma proposta da folha de uma série de entrevistas sobre a COHAB. A primeira foi com moradores “estabelecidos” e o administrador regional; este tem o mesmo discurso depreciativo em relação aos <i>outsiders</i> . Dois dias depois, entrevista com o eng. Presidente da COHAB, que tem olhar futurista e projeta o quanto será transformador para a sociedade tal empreendimento, tanto urbanístico, social e arquitetônico, pois o canteiro de obras é também um laboratório para novas metodologias e tecnologias que as construtoras colocavam em prática. No dia seguinte, uma terceira matéria com os líderes comunitários, com o jornalista Ricardo Kotscho, com o administrador regional que foi entrevistado anteriormente e líderes comunitários, que representavam as famílias citadas, que exigiam retratação da difamação e calúnia, publicamente ou judicialmente.
1982	297 matérias	Na maior parte, sobre os investimentos da CMTC para suprir as necessidades de transporte nas regiões e as dificuldades em implantar redes de telefonia para esses moradores. Novas inaugurações e planejamento para prosseguimento das ações.
1983	265 matérias	Entrevistas com moradores das COHAB I e II sobre o alto custo de vida nas regiões dos conjuntos. Os prédios da COHAB I foram invadidos por meninos que fugiram da FEBEM e praticavam assaltos. Várias notas com a programação do Cineclube União na COHABII, com exibição de filmes nacionais e desenhos animados estrangeiros. Reclamações sobre a baixa qualidade da construção dos edifícios e as tentativas da empresa governamental em amenizar esse debate.
1984	168 matérias	Em relação às publicações do NI no mesmo período analisado, não há uma relação comum entre as matérias jornalísticas.
1985	145 matérias	No mesmo período em que o NI fala das disputas pelos Centros Comunitários da COHAB II, o que encontramos foi uma pequena nota sobre os projetos de alfabetização de adultos nesses espaços e propostas de empresas para patrocinar recreação infantil para crianças em idade pré-escolar
1986- Janeiro	25 matérias	Matéria especial sobre os programas da COHAB como soluções para as questões de moradia popular na cidade.

Fonte: <http://acervo.folha.uol.com.br/>. Acesso em 17 abr. 2016.

Resumidamente, apresentaremos os conteúdos das edições de 24 de junho a 1 e julho de 1981, com a série de entrevistas com o jornalista Ricardo Kostcho, da *Folha de S. Paulo*, que gerou um debate acalorado entre os envolvidos.

4.1 A série de entrevistas da *Folha* de S. Paulo: "As novas fronteiras vão para o Leste"

Ao depararmos com a série de entrevistas que a *Folha de S. Paulo* publicou em 1981, "As novas fronteiras vão para o Leste", fez-se necessário um capítulo para estudarmos as relações dessa mídia massiva que, se por um lado não divulgou as festas culturais do bairro, por outro deu voz e visibilidade aos *outsiders*; assim, ela funcionou em alguns momentos como mediadora entre esse grupo e as forças políticas locais, a Igreja e a sociedade paulistana.

Pudemos conhecer a visão do jornal sobre a sociedade que se redeseenhava naquele espaço (conjuntos habitacionais), e como cada lado da questão se posicionava em relação a esse momento histórico.

Selecionamos três entrevistas mais significativas e que se alinham com o *corpus* desse objeto de pesquisa. Seu conteúdo foi resumido de forma sucinta, mas substancial para uma análise de como uma mídia apresentava e representava esses sujeitos sociais, bem como de suas correlações com o discurso do *NI* para esses mesmos personagens sociais.

Folha de São Paulo 25/06/ 1981, 1º. Caderno, p.18

Série: As novas fronteiras vão para o Leste

Título: A cidade expande suas misérias

Lide: Criminalidade, sub-habitação e falta de infraestrutura acompanham o crescimento.

Três imagens fotográficas ilustram a matéria:

1-A rústica Estação de trens que tem em sua plataforma um casal idoso caminhando cabisbaixo e uma jovem a segui-los pela plataforma vazia. Ao fundo, uma mata.



Fonte: *Folha de São Paulo*

A imagem evidencia a simplicidade local, precariedade e a ideia do vazio que ainda existia no bairro.

Legenda: A onda de crimes assusta os moradores e, até, as autoridades.

2- Foto de uma Rua, na Villa Carmosina, em ângulo descendente, mostra as casas simples e um ônibus subindo a ladeira. No horizonte ainda não se percebe a verticalidade que se instalava na paisagem. Ao fundo, parte da Mata do Carmo.

Figura 25 – *Folha S. Paulo*, 25/06/1981, 1º. Caderno p. 18



Casas humildes, favelas e falta de infra-estrutura, a realidade da área.

Fonte: *Folha de São Paulo*

Legenda: Casas humildes, favelas e falta de infra-estrutura, a realidade da área.

3- Foto de uma mangueira e um pessegueiro em uma chácara da Colônia Japonesa; a imagem remete ao pensamento que o bairro ainda era uma área rural e pouco explorada comercialmente.

Legenda: Alguns pessegueiros lembram as plantações iniciais, feitas por japoneses.

Figura 26 – *Folha S. Paulo*, 25/06/1981, 1º. Caderno p. 18



Alguns pessegueiros lembram as plantações iniciais, feitas por japoneses.

Fonte: *Folha de São Paulo*

Transcrição das matérias originais publicadas no jornal *Folha*:

Folha de S. Paulo 25/06/1981, 1º. Caderno, p.18
As novas fronteiras vão para o Leste

A CIDADE EXPANDE SUAS MISÉRIAS

Criminalidade, sub-habitação e falta de infra-estrutura acompanham o crescimento

Ricardo Kotscho

A Zona Leste é, atualmente, a região que mais cresce na cidade. E os urbanistas são unânimes em reconhecer que é esta para qual São Paulo se expandirá, pelo menos até o ano 2000. A “Folha” inicia hoje uma série de reportagens mostrando um pouco da história dessa área, personagens e perspectivas. Ali, zonas rurais se misturam com distritos industriais, a miséria das favelas convive com fantásticas fazendas e a criminalidade atinge índices considerados “assustadores”.

Itaquera dos pêssegos aos assaltos

Uma pequena estação de trem de São Paulo para o Rio de Janeiro, duas ruas e meia dúzia de casas. Esta era a paisagem de Itaquera no início do século, quando chegou a “Companhia , Comercial, Agrícola e Pastoril” que deu início à colonização. [...]

Mas era preciso cruzar as ruas estreitas e congestionadas da velha Zona Leste, seguir em ritmo de cortejo fúnebre atrás dos ônibus da Estrada de Artur Alvim para se chegar a esta nova São Paulo. [...]

A CORRIDA

No fim dos anos 60, quando a cidade não tinha mais para onde crescer, o dique foi rompido com a abertura da Radial leste pelo ex-prefeito Faria Lima. São Paulo começou correr para o que se chamava “lestão” e não parou mais: viadutos, avenidas, conjuntos habitacionais, loteamentos clandestinos ou não em menos de uma década a zona rural de Itaquera, Guaianases, São Miguel Paulista, Itaim Paulista e São Mateus foi incorporada à área urbana.

Logo depois de assumir, o ex-prefeito Olavo Setúbal, anunciou que, até 1985, o metrô chegará a Itaquera, o atual governo começou a rasgar a Via Leste; o Corinthians vai construir ali seu estádio; a Cohab que já plantou casas e apartamentos para 150 mil pessoas, tem terras e planos para mais 600 mil e, se ainda havia alguma dúvida que Itaquera e Guaianases constituirão o maior bairro de São Paulo, antes do final dos anos de 1980.[...]

Favelas e samambaias, as “atrações”

[...] De fato, já são muitas casa de japoneses abandonadas, o mato crescendo entre os pés de pêssego.[...] em compensação alastram-se favelas onde caçadores com espingardas tiram o sossego dos passarinhos. Seguindo pela estrada do Iguatemi, rumo a Guaianases, alguns sobreviventes dos tempos de terra de ninguém: pequenas oficinas de “desmanches de carros”, biroskas e prostitutas baratas.

Uma placa da Passagem Funda anuncia para o breve “Jardim Lilian”, próximo ao conjunto da Cohab, [...] Jegues pastam à beira da estrada dos Pereiras, que leva a Ferraz de Vasconcelos, onde se multiplicam os tosocs templos das Assembléias de Deus, terreiros de umbanda e centros espíritas. [...] Aqui o único elo com a civilização é um ônibus velho que, segundo os moradores, passa de vez em quando.

PEDRAS

Apesar da miséria, das ruas íngremes, corroídas pela erosão, por onde há muito tempo não passa um carro, os moradores do Bairro dos Pereiras, ainda vivem mais tranquilos do que os do jardim São Carlos, vizinhos das Pedreiras de São Mateus. São Paulo chegou ali e as pedras continuam voando sobre as casas a cada explosão. Fazer o que? Perto dali uma mulher que foi violentada, pede auxílio para conseguir fazer um aborto, além de engravidá-la, explica, “o bandido me passou doença venérea”. Os freqüentes estupros constituem hoje, mais que o desemprego, mais que fome e a miséria o maior drama de Guaianases.

A “outra desgraça” - como os moradores se referem a passagem de nível, está com seus dias contados; já começaram as obras de um viaduto que custará mais de 200 milhões de cruzeiros e a demolição do cine Tupi, o único da região. Quando o Viaduto ficar pronto Jesus Teixeira poderá encerrar sua estatística de vítimas dos trens na passagem de nível, seu necrológio da vítimas, que pode ser consultado em qualquer bar à beira da estação, já passa de seis mil pessoas. Mas ainda não terá chegado ao fim de outra desgraça, cujo

número de vítimas fatais, é desconhecido: o marreteiro “Zoinho”, que já ganhou muito dinheiro vendendo carne de porco contaminada e peixe podre.

Dentro desse sincretismo sócio- econômico-religioso, alterna-se mais adiante motéis com televisão à cores, plantações de café, fábricas de brinquedos, jegues e uma boiada. Quase diariamente a administração regional é convocada para retirar burros e cavalos mortos do caminho, mas quando os funcionários chegam só encontram a parte dianteira dos animais. Os traseiros, certamente, já estão sendo vendidos em forma de churrasquinho ou lingüiça.

O TIME

Uma bandeira do Corinthians hasteada no terceiro andar de um dos prédios quebra a silenciosa monotonia da Itaquera do futuro. [...] onde se multiplicam como nos desenhos animados os prédios de cinco andares do Conjunto habitacional José Bonifácio. Até o entardecer aqui lembra o início de Brasília. [...]

Surgem também novas lideranças políticas, rompendo os velhos currais eleitorais, quase sempre na esteira dos centros comunitários dos conjuntos habitacionais ou nas comunidades de base que pipocam nas vilas e jardins. Para lembrar o passado, restarão os velhos casarões de Sábado D’Ángelo, no velho centro de Itaquera, perto da estação de trem, que hoje abrigam a sede campestre da TFP (Tradição, Família e Propriedade).

Uma dura batalha, que esgotou o administrador

[...] Um ano depois de abandonar sua carreira jornalística de 25 anos, para cuidar de dramas como esse que afligem seus conterrâneos nordestinos – 80 por cento da população de 700 mil habitantes empilhados nos 129 quilômetros quadrados de Itaquera- Guaianases – o baiano Augusto Mario Ferreira, 44 anos, resolveu tirar férias. “Ninguém agüenta trabalhar mais de um ano seguido aqui. Ou tira férias, ou cai fora, porque o trabalho é desgastante. Até briga de marido e mulher tive que separar às dez da noite e levar o homem para o hospital”. [...]

COMEÇO

As desventuras do jornalista-administrador começaram às sete horas da manhã de uma sexta feira de abril do ano passado, quando o telefone toucou na sua casa. Era o prefeito Reinaldo de Barros. “Ele é louco, ligar uma hora dessas... Minha mulher ficou apavorada.” Às 10 horas do dia seguinte, ele estava assumindo a Administração Regional de Itaquera-Guaianases, um lugar maldito, tantas são as carências e absoluta falta de recursos da região. [...] “Eu senti que estava chegando ao final da vida e tinha uma dívida de gratidão com São Paulo. Além disso, queria fazer alguma coisa pelos nordestinos”, explica Augusto Mario Ferreira.

Nos primeiros meses, ele circulava cerca de 200 quilômetros por dia, na região e, hoje – depois de pegar uma hepatite que o deixou 40 dias de cama-, ele garante que não há um lugar, um buraco em Itaquera que não conheça. As segundas e quartas-feira, ele atende uma média de 100 pessoas por dia em seu gabinete, que levam reivindicações e reclamações.

PROJETOS

[...] Argumentos para contar boas histórias não lhe faltarão. Como no caso da favelada que, recentemente, foi-lhe exigir providências para mudar de barraco. “Os homens não me dão sossego, doutor. Entram no meu barraco à noite, não tem mais jeito[...]

“Coloca trancas nas portas, e fecha bem as janelas”, tentou aconselhar o administrador.

“Não adianta, doutor. Eles entram pelo telhado, e pulam em cima da minha cama[...], retrucou a favelada, uma mulata vistosa.

[...] a grande maioria de casos que chegam à sua mesa nada tem de folclórico ou pitoresco.

[...] O maior problema dessa região, tão calma até há cinco anos,[...] é atualmente a insegurança em que vivem seus moradores. É por causa dessa insegurança, principalmente, que eles pedem iluminação pública pavimentação (para permitir a passagem de viaturas de polícia) , limpeza de áreas abandonadas.

CRIMES

Em algumas ruas onde estão localizadas as casa de classe média não há uma única que não tenha sido assaltada, uma mulher que não tenha sido estuprada. “Os casos de violência de mulheres são tão comuns que o delegado já nem anota mais[...],” comenta o

administrador. Todas as manhãs, ao chegar à Regional, ele ouve casos de meninas que foram seqüestradas nas proximidades das escolas, violentadas e abandonadas nuas nos matagais.

Depois da violência, dos altíssimos índices de criminalidade, vem o problema habitacional, que vai da posse da terra até a construção das casas. De cada 10 edificações construídas na Regional, oito são clandestinas. “É algo incontrolável. Num fim de semana, e forma de mutirão, eles levantam uma casa feita de blocos e telhas de amianto. Aqui não existiam favelas. Agora, já catalogamos 46 favelas na região, com mais de 30 mil pessoas. [...]”

DIÁLOGO

“Se os funcionários municipais trabalhassem tão rápido como ele, com essa diligência toda, nosso nível de eficiência seria incrível”, constata Augusto Mario. Quando o dia amanheceu, havia uma nova favela plantada sobre duas linhas de tubos, que conduzem gás e óleo para São José dos Campos. O administrador tentou argumentar que qualquer pancada mais forte no oleoduto poderia provocar uma explosão, mas foi fulminado por uma favelada.

“A área não é da Petrobrás? Então o petróleo é nosso, esse terreno também é, o povo tem direito de ocupar[...]”

“Mas há perigo de uma explosão[...]”

“Doutor, se explodir isso aqui não vai atingir todo o bairro, não vai acabar com São Mateus?”

“Vai, sem dúvida[...]”

“Então, se vai destruir tudo mesmo, não adianta sair daqui[...]”

[...] Nestas ocasiões, quase sempre surgem atritos com os padres que acompanham os favelados. “Às vezes eles tem atitudes incompreensíveis.” [...] Eu vou à todas as reuniões, já fui vaiado, chamado de safado e de mentiroso. Discordo da maneira como eles fazem as coisas, mas não dos propósitos.”[...]

ENTIDADES

Fica evidente que o administrador de Itaquera- Guaianases- como, de resto, todos os outros- prefere o contato com as mais de 80 sociedades de amigos de bairro credenciadas pela Prefeitura na região, mas ele admite que elas perderam o crédito em virtude do seu envolvimento político ou pelo não atendimento das suas reivindicações. “São incapazes de fazer um trabalho de conscientização que envolva a comunidade. Por exemplo, uma campanha para que não

se jogue lixo na rua. Isso causa um problema de saúde grave, além de obstruir córregos, causando inundações.” [...]

AMEAÇAS

No conflituoso Condomínio Santana, em São Mateus, Augusto Mario já passou muitos apuros. Depois de tentarem invadir uma área do seu superior hierárquico, o secretário das Administrações Regionais, Francisco Nieto Martin, os moradores de um loteamento clandestino que britou no terreno vizinho cercaram o administrador, que tentava embargar as construções: “O senhor tem amor à vida? Então não se meta nisso, que pode levar um tiro[...]”

[...] O “pau-de-arara durão”, como é chamado na Regional, no entanto, também tem seus momentos de fraqueza, e, ele balançou diante de uma situação. Chegou a denúncia de que alguém estava erguendo um barraco, à noite, numa área da Prefeitura. Quando chegou lá encontrou uma paraibana rodeada de filhos. Uma das crianças agarrou-se na sua calça, chorando, a mulher começou a chorar também disse que foi abandonada pelo marido, que não podia mais pagar o aluguel, que estava a ponto de matar os filhos e se matar.

“isso machuca a gente” diz Augusto Mario. Mesmo assim, ele mandou chamar o caminhão da Prefeitura e removeu o material do barraco. “Ali ia passar uma rua e, se deixo erguer o primeiro barraco no dia seguinte tem uma favela no lugar.” Justifica o administrador destas novas fronteiras da cidade, que recebem mais de 100 mil habitantes por ano, trazendo sonhos de uma vida mais decente e que acabam repartindo não a riqueza, mas a miséria. Lá, casos como do jornalista-administrador Augusto Mario Ferreira, o nordestino que deu certo em São Paulo, são cada vez mais raros.

O Jornalista Ricardo Kotscho inicia a matéria descrevendo os contrastes das zonas rurais que têm limites com a COHABII, com subtítulo “Itaquera dos pêssegos aos assaltos”. Refere-se à paisagem bucólica da estação de trens (símbolos do bairro), ao clima ameno, à vida simples dos japoneses e sua produção rural.

Em tom poético, comenta sobre as dificuldades gerais e precariedade dos transportes urbanos que são grandes desafios para a administração pública. Comenta sobre a gestão de Olavo Setúbal e o promissor crescimento da Zona Leste nos anos de 1980.

Subtítulo: Favelas e samambaias, as “atrações”

Compara a paisagem com Brasília e os contrastes de chácaras e prédios, ruas estreitas e miséria; o abandono das casas rurais e a depredação do local.

Entrevista o administrador regional Mario Augusto Ferreira, que relata sua experiência no período em que atua na prefeitura, e cita casos de violência, estupros, invasões de terras e sobre a absoluta falta de recursos da região. Projeta que o bairro atingiria em poucos anos dois milhões de habitantes e, com isso, surgiriam novas lideranças políticas, em especial nos centros comunitários dos conjuntos habitacionais, rompendo os velhos “currais eleitorais”.

O administrador fala sobre o volume de problemas a enfrentar como, por exemplo, as invasões de barracos nas favelas, a falta de asfalto; a inexistência de iluminação pública e a insegurança. Conta sobre casos de jovens estudantes que, ao saírem do colégio, foram arrastadas para matagais, violentadas e abandonadas nuas; sobre as invasões de terrenos que brotavam favelas da noite para o dia em áreas de periculosidade e o pouco sucesso em conscientizar esses invasores sobre os riscos dos dutos petroleiros nas áreas invadidas.

Também cita o incômodo causado pelas pressões que a Igreja Católica exercia sobre a prefeitura e sua articulação entre as lideranças comunitárias dos conjuntos habitacionais.

Termina a matéria dizendo que as fronteiras da cidade receberiam cem mil novos moradores que traziam sonhos de riquezas e acabariam dividindo a miséria.

Folha de São Paulo 30/06/ 1981, 1º. Caderno, p.10

As fronteiras vão para o Leste

Título: A Cohab constrói uma nova cidade

Figura 27 – *Folha de S. Paulo*, 30/06/1981, 1º. Caderno, p.10.



Fonte: *Folha de São Paulo*

A foto acima que ilustra a matéria tem, em primeiro plano, as casas; ao fundo, os prédios que compõem um dos conjuntos habitacionais. A simetria e ritmo da imagem remetem ao tom futurista que o presidente da Cohab, o Engenheiro José Celestino Bouroul, refere-se como a nova Brasília dos anos de 1980.

Figura 28 – *Folha de S. Paulo*, 30/06/1981, 1º. Caderno, p.10



Fonte: *Folha de São Paulo*

A segunda imagem é um retrato do Eng. José Celestino Bouroul, com um olhar de reflexão sobre o tema.

Legenda da foto: Os conjuntos habitacionais da Cohab vão abrigar mais de 1,5 milhões de moradores.

Folha de S. Paulo, 30/06/1981, 1º caderno, p.10

As novas fronteiras vão para o Leste – 6

A Cohab constrói uma nova cidade

Ricardo Kotscho

Esta é a sexta e última reportagem da série sobre a zona Leste da cidade, direção para qual, segundo os urbanistas, São Paulo vai crescer pelo menos até o ano 2000, sua situação, personagens e perspectivas.

São Paulo, zona Leste, 1985: quando o futuro chegar, e se todos os planos derem certo o metrô e as grandes avenidas levarão a uma nova cidade 1.685.000 habitantes, 337 mil moradias e 22.400.000 metros quadrados. Esta é uma projeção que faz hoje o entusiasmado engenheiro aposentado da Prefeitura José Celestino Bourroul, 58 anos, há seis anos presidente da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab), que joga todos os seus trunfos nas novas fronteiras da zona Leste.

A decisão de levar os planos da então raquítica e mal-vista Cohab para a zona Leste foi adotada logo após a sua posse, seguindo um princípio básico: para produzir habitações populares a preços realmente acessíveis era preciso antes de mais nada, adquirir terrenos baratos. Até por eliminação, foi escolhida a zona Leste, região de latifúndios improdutivos que serviam de lazer para tradicionais famílias paulistanas.

Na zona Oeste, a urbanização já havia chegado e ultrapassado as fronteiras da cidade e não havia mais áreas livres; ao Norte, a serra da Cantareira e uma topografia desfavorável, reclamando custosos movimentos de terra, inviabilizariam economicamente qualquer projeto habitacional de baixo custo e, na zona Sul, além das dificuldades de acesso, a existência de mananciais hídricos apresentava incontornáveis restrições para a construção civil.

COMPRAR TERRENOS

“Restava apenas a zona Leste e a Cohab procurou comprar tudo que pudesse”, explica Bourroul. As primeiras terras foram compradas do BNH, que herdara os patrimônios imobiliários do IAPs. Depois de entregar as mil unidades do Conjunto Habitacional Prestes Maia, em Guaianases- construído no início dos anos 70 e que ainda se encontrava desocupado por falta de redes de água e esgoto- a Cohab, que em dez anos havia entregue apenas 3.597 unidades, partiu para o projeto Itaquera I, numa área de 2.700.000 metros quadrados.

Deste conjunto, que fica entre o futuro estádio do Corinthians e o pátio do metrô, já foram entregues 10 mil unidades. Outras três mil serão entregues até o final deste ano e há espaço para a construção de mais duas mil moradias. O ritmo das obras nos Conjuntos Itaquera 2 e 3, antiga fazenda da família Morganti, faz lembrar os tempos pioneiros de Brasília; ali esta sendo executado o maior projeto de habitação popular do País, com 24 mil moradias.

Cerca de oito mil unidades já foram entregues: mais duas mil estão concluídas e, até o final de 81, outras 10 mil unidades estarão habitadas. Está sendo iniciada agora a construção das últimas 4 mil unidades, cuja conclusão deverá ocorrer antes do final do próximo ano.

No rumo de Guaianases, 8 mil unidades deverão ser entregues até o final de 82, onde antes era a Fazenda Santa Etelvina, da família Rodovalho, com seus 6 milhões de metros quadrados. Com as áreas próximas do Barro Branco, Jaquenino, Rosamilia, Muranaka, Gleba Baruel chega-se aos 10 mil milhões de metros quadrados, capazes de abrigar projetos já prontos de 100 mil moradias. Em outubro do ano passado, a Cohab comprou mais de 4.400.000 metros quadrados da família Oscar Americano, ao lado do Parque do Carmo por Cr\$ 100,00 o metro quadrado. “Não foi um grande negócio?”, indaga José Celestino Bourroul, lembrando que hoje essas terras valem dez, vinte vezes mais.

Com efeito, quando a avenida Aricanduva chegar até o Parque do Carmo, como está previsto nos projetos da Prefeitura, esta será uma das regiões mais valorizadas da zona Leste. O ufanismo do velho engenheiro é quebrado quando se lembra da crise irrompeu no BNH em agosto do ano passado. A torneira dos financiamentos começou a ser fechada e, sem eles, esta Brasília dos anos 80 não poderá sair das pranchetas da Cohab.

Empreiteiras tiveram que mudar a tecnologia

Uma coisa é certa: nestes seis anos, a Cohab provocou uma verdadeira revolução tecnológica na construção de habitações populares. Quando as empreiteiras passaram a ter

confiança na continuidade da programação, começaram a investir na produção de formas e elementos pré-moldados, que permitiam uma redução de custos em relação aos métodos convencionais de assentar tijolo sobre tijolo. Dispensando vigas e colunas, o sistema autoportante provocou uma grande economia, permitindo às firmas empreiteiras ganharem no volume da produção, em menor prazo.

Depois de uma fase de incertezas, surgia na zona Leste uma nova engenharia de construções, que aliava um baixo custo à boa qualidade do produto final. Hoje, os canteiros de obras da Cohab constituem um importante laboratório para os alunos dos cursos de pós-graduação da Politécnica.

Até se chegar a isso, porém, além das inovações tecnológicas foram fundamentais alterações na legislação. “Ou vamos construir para gente pobre ou a Cohab vai continuar sem fazer nada, como até hoje”, disse Bourroul ao então prefeito Olavo Setúbal, que acabou autorizando a construção de prédios de cinco andares sem elevador, com a diminuição do pé direito- fatores que permitiram a diminuição dos custos.[...]

PROBLEMAS

A transferência de populações faveladas para esses conjuntos habitacionais não se deu de forma muito pacífica no início. Houve, por exemplo, uma grande resistência dos moradores do conjunto Prestes Maia quando chegaram as primeiras 200m famílias, vindas dos “alojamentos provisórios” (como são chamados os “favelões oficiais” da Prefeitura). “Os incomodados que se mudem”, sentenciou o presidente da Cohab. “Eles tem que entender que os favelados são gente como nós.”

Bourroul notou uma rápida evolução no nível de vida destas populações, que até hoje contam com auxílio de assistentes sociais, encarregados de desenvolver a capacidade de liderança e espírito comunitário. Quando o conjunto pioneiro de Guaianases completou seu primeiro aniversário, Bourroul chegou a ficar emocionado: “Em apenas um ano, os moradores tinham formado uma fanfarra havia grupos de meninas com roupas de balé e meninos que estudavam judô. Uma senhora do conjunto havia feito naquele anos 180 partors, sem cobrar nada.”

“Estamos atingindo nossos objetivos” [...]

CARRO PRÓPRIO

Enquanto isso, a única queixa dos que já foram beneficiados pelos programas da Cohab é a falta de maiores áreas para estacionamentos de veículos nos conjuntos. [...] Numa primeira etapa, serão mais 600 mil paulistanos morando nesses conjuntos e, quando eles formarem a cidade de 1.685.000 habitantes prevista para 1985, certamente uma nova sociedade, com suas próprias lideranças e costumes terá surgido na última fronteira de São Paulo.

Ricardo Kostcho encerra a serie de entrevistas com o presidente da Cohab. O engenheiro relata que, quando tomou posse na Instituição, fez uma transformação e investiu fortemente na Zona Leste. A escolha da região se deu por falta de opção de outra área disponível na cidade e pelo baixo custo dos terrenos. Cita a inviabilidade da região da Cantareira, com a topografia dos terrenos, e da Zona Sul, com áreas de proteção de mananciais.

Comenta sobre seu plano de ações para entregar os novos conjuntos, sendo esse o maior projeto de habitação popular no Brasil, com 24 mil unidades.

Cita a programação de entregas de 1981 a 1984, e o quanto foi um bom negócio para o Governo adquirir terras devolutas da família Oscar Americano a baixo custo, que na época já haviam valorizado entre dez a vinte vezes mais.

Também fala das dificuldades para seguir com as construções: “A torneira dos financiamentos começou a ser fechada e, sem eles, esta Brasília dos anos 80 não poderá sair das pranchetas da Cohab”.

Subtítulo: Empreiteiras tiveram que mudar a tecnologia

O engenheiro fala da importância do projeto que obrigou as construtoras brasileiras a uma revolução metodológica e tecnológica para atender a Cohab com rapidez, a baixo custo e qualidade final. Cita também que os canteiros de obra se tornaram verdadeiros laboratórios para os alunos de Pós Graduação da Politécnica da USP. Tais mudanças exigiram alterações inclusive na legislação.

Observa a rápida ascensão econômica e social promovida entre os mutuários e o acelerado ritmo das obras para atender às necessidades por moradias; no entanto, também reflete sobre as falhas de visão de futuro para esse crescimento, em relação ao uso dos espaços, e à falta de terrenos para estacionamentos dos automóveis dos moradores.

Afirma que sua ideia de futuro era a de que, em 1985, surgiria nas fronteiras da cidade, na Zona Leste, uma nova sociedade com lideranças e costumes próprios na última fronteira de São Paulo.

Folha de São Paulo 01/07/ 1981, 1º. Caderno, p.13

Título: Entrevista causa crise em Itaquera

Lide: Conselho comunitário quer que o administrador regional se retrate das declarações à “Folha”

Figura 29 – *Folha de São Paulo* 01/07/ 1981, 1º. Caderno, p.13



Como jornal nas mãos, Benedito e Valdimir fizeram a queixa ao “Doutor Amparo” (direita).

Fonte: *Folha de São Paulo*

A fotografia que ilustra a matéria mostra cena da reunião em questão, com políticos da região de Itaquera que representavam as entidades e que haviam se incomodado com as declarações do administrador regional na matéria do dia 25/06/1981. Exigem retratação do jornal e do entrevistado.

À esquerda, com o jornal em mãos, o representante do Rotary Clube de Itaquera, Benedito Salim⁴⁶, do Lyons Clube e, posteriormente, Vereador; ao seu lado, Valdimir Paulino Alves, Presidente do Conselho Comunitário; à direita, o Secretário de negócios Extraordinários da Prefeitura Roberto Pastana Câmara, o “Dr. Amparo”.

Na transcrição do texto seguinte, grifamos as frases que compõem nossa análise.

Folha de S. Paulo 01/07/2016, 1º. Caderno, p.13

Entrevista causa crise em Itaquera

Conselho comunitário quer que o administrador regional se retrate de declarações à “Folha”

O Conselho comunitário de Itaquera, formado por representantes de diversas entidades da região, em reunião realizada anteontem à noite, **pedir a retratação do administrador regional** de Itaquera-Guaianases, jornalista Mário Augusto Ferreira, devido às suas declarações publicadas pela “Folha”, na série de reportagens “As novas fronteiras vão para o Leste”. **O Conselho pede ainda que caso, o administrador negue-se a fazê-lo “amigavelmente”, o desmentido será exigido judicialmente, sob a acusação de crime de difamação e calúnia às “famílias de Itaquera”.**

Ao receber integrantes do Conselho, o secretário de Negócios Extraordinários. Roberto Pastana Câmara o “Doutor Amparo”, externou “por mim, ele já teria saído”, referindo-se ao administrador e à crise criada pelas afirmações do regional. E prometeu uma solução até amanhã.

Em entrevista concedida ao jornalista Ricardo Kotscho, Mario Augusto ferreira, fez um balanço sobre sua atuação frente à regional de Itaquera, na qual ilustrou suas colocações com diversos fatos ocorridos na Regional. **O que mais irritou os membros do Conselho foi uma afirmação do administrador, segundo a qual, em algumas ruas onde estão localizadas as casas de classe média, não há uma única que não tenha sido assaltada, uma mulher que não tenha sido estuprada dizendo ainda que os “casos de violência de mulheres são tão comuns que o delegado já nem anota mais”.**

Estas, no entanto, não foram as únicas afirmações contestadas pelo Conselho. Seus membros dizem estar **”revoltados”** com uma expressão usada por Mário Augusto, quando este conta como foi convidado pelo telefone, pelo prefeito Reinaldo de Barros para administrar Itaquera. “Ele (o prefeito) é louco, ligar a uma hora dessas[...] Minha mulher ficou apavorada”, disse Mário Augusto.

“FINS POLÍTICOS”

O Conselho Comunitário acusa ainda Mário Augusto Ferreira de estar usando a Regional para “fins políticos, já que ele é candidato à vereador”, e de estar “favorecendo os deputados Nodeci Nogueira e Jorge Paulo”(ambos do PDS, mas eleitos pelo ex- MDB).

[...]

CONVOCAÇÃO

Pastana informou à comissão do conselho Comunitário de Itaquera que a primeira providencia que tomaria seria chamar, ainda ontem à tarde, o administrador regional ao seu gabinete.[...]

⁴⁶ O Vereador Dito Salim, em 1996 foi indiciado por corrupção na Administração Regional de Itaquera, que controlava politicamente. Em 20 de abril de 2004, foi condenado por ato de improbidade administrativa. Teve seus direitos políticos cassados por cinco anos. Também era proprietário da maior loja de materiais de construção na região, onde os imóveis da Cohab eram entregues sem revestimentos de pisos e azulejos.

Como o Conselho pediu apenas a retratação do administrador, Pastana disse que, no “momento não se cogita em demiti-lo do cargo, e isto devido apenas à proposta deste Conselho, a mais suave do mundo”.

Seguiu-se então um rápido diálogo entre Pastana e o representante do Lions Clube de Itaquera, Benedito Salim, membro do conselho Comunitário:

Benedito: “Não é assim, Dr. Amparo. Não foi uma proposta suave.”

Pastana: “Vocês falaram apenas em retratação. Vocês teriam que ir mais longe então.”

Benedito: **“Mas vocês terão condições de manter o administrador no cargo depois da entrevista?”**

Pastana: **“Por mim ele já teria saído.** Mas tomei posse na semana passada. Ainda estou meio cru [...]

Ao tomar conhecimento da decisão do Conselho Comunitário, **Mário Augusto Ferreira, informou por telefone à “Folha”, que confirma os termos da entrevista, “mesmo que isso custe o meu cargo”,** dando a entender que o Conselheiro irá processá-lo judicialmente.

“O LOUCO”

[...]

A entrevista foi considerada ainda “desonrosa, mentirosa e oportunista”, juntamente com os demais artigos da série publicada pela “Folha”, que foi acusada de distorcer os fatos, mostrando apenas o lado mau de Itaquera.” Argumentam os membros do conselho que, para eles, um jornal deve sempre mostrar as coisas boas que estamos fazendo para a população, e não atacar o governo, como o jornal tem feito”.

O Conselho, então fez um apelo formal à direção da “Folha”, para que no mesmo espaço dedicado à série original, publique o lado **“bom de Itaquera”**, com entrevistados com “nível superior”. Por sugestão do repórter, seus membros passaram a indicar pessoas que, em sua opinião, deveriam falar de Itaquera dando os próprios nomes: Francisco Nicolau, advogado e presidente do Clube de Lojistas de Itaquera; Benedito Salim, do Lions Clube; Valdimir Paulino Alves, presidente do Conselho Comunitário e membro do PDS; Fernando Peres Moreira, vice-presidente do Conselho; Jesus Teixeira da Costa, presidente da Sociedade Amigos do bairro de Guaianases; José Arcanjo Araújo, 1º. Tesoureiro do “Conjunto José Bonifácio”, da Cohab de Itaquera, e membro do PT; Leandro Alves Martins, “futuro” presidente do Clube de Lojistas de Itaquera e Alcides Camanho, da Associação de Pais e mestres de Itaquera.

RAZÕES POLÍTICAS

[...] A entrevista [...] não foi, entretanto, a causa principal para o Conselho [...], pedir retratação [...]. Foi sim, a gota d’água de uma situação [...] Segundo o presidente do Conselho, [...] no início deste ano, esteve com o prefeito Reinaldo de Barros “para apresentar a situação política da regional e contar as queixas contra o atual administrador”.

Irritação marca a reunião dos “conselheiros”

A reunião do Conselho [...] seus quinze membros efetivos- sete filiados do PDS, cinco do PP, dois do PMDB e um do PT, estavam reunidos, pela primeira vez, [...] todos preocupados em tomar uma posição perante a entrevista concedida pelo administrador. [...] Mas também demonstrando irritação e mal estar pelas afirmações do atual administrador regional.[...]

COMENTÁRIO

O texto da entrevista foi comentado pela maioria dos presentes (25 pessoas) que lotou a pequena sala da rua Heitor, no. 9 em Itaquera Suas afirmações de que nossas mulheres foram estupradas, denigrem o bairro e nossas famílias”. [...]

Durante a reunião, Mario Augusto ferreira, foi mais atacado do que defendido. Um dos **que tentou defendê-lo, [...] foi logo aparteado pelos presentes** que protestavam. [...] “Quem trouxe melhorias para o bairro não foi o Mario, mas o esforço e trabalho das associações”.

Francisco Nicolau chegou a fazer uma proposta ao repórter, convidando-o a publicar novas reportagens sobre a região, “mas agora mostrando o lado bom de Itaquera” Mas advertiu que **“deveria ter cuidado com quem iria falar não escolhendo o primeiro morador que encontrasse, gente simples, humilde, que não está preparada para responder perguntas específicas principalmente aquelas que envolvem administração**

pública”. Para ele, **“devem ser ouvidos aqueles que tiverem instrução de nível superior, como os membros deste Conselho”**.

[...] Para ele, a **“Folha”** foi tendenciosa ao publicar fotos do pior lado de Itaquera, escolhendo a dedo as pessoas, as mais pobres, que passavam pelas ruas”, informando que a região tem **“diversos prédios dignos de serem fotografados como o da Caixa Econômica Estadual ou as casas da Cohab”**.

CONCENTRADOR

A denúncia da utilização política da Regional foi feita pelo atual secretário do diretório Regional do PDS, Gilberto Mota, [...] **Nelson Ventura Seco acusou a “Folha” de usar “um peso e uma medida”, explicando que o jornal só ouve representantes da Igreja, Oposição, pobres e favelados**”. [...]

DECISAO

[...] Se durante a reunião, a **“Folha”** foi acusada de ter publicado **“mentiras”** sobre Itaquera, ao final dela seus membros já falavam em pequenas **“pequenas inverdades”**. [...]

Acima de tudo, a tutela

Ricardo Kotscho

Entre as indignadas manifestações daquele que eram conhecidos como representantes das “forças vivas” da sociedade, sem dúvidas a que melhor espelha o abismo hoje existente entre a velha e a nova cidade que convivem na zona Leste é a do advogado Francisco Nicolau. [...] Quando sugere que o repórter tome mais cuidado “na escolha dos nomes” e da próxima vez, procure os que têm “nível superior e não o primeiro morador que for encontrado na rua”, Francisco Nicolau, talvez sem querer, completa o que faltou mostrar na serie de reportagens sobre as novas fronteiras de São Paulo: **a desesperada tentativa dos donos dos velhos “currais eleitorais” em manter sua tutela sobre uma população que começa a andar com suas próprias pernas**.

Este legítimo representante da antiga Itaquera dos latifúndios e dos “currais” deve ter bons motivos para afirmar que “o povo não está preparado para responder as perguntas específicas, principalmente aquelas que envolvem a administração pública”. Tanto não está preparado, [...] que há muitos anos se encontra proibido de eleger seus governantes, não é mesmo? Só que o próprio povo já não concorda com seus tutores e foi para conhecer essa nova realidade que a **“Folha”** percorreu, durante duas semanas, as vilas e “jardins” da zona Leste, ouvindo dezenas de moradores, sem se importar com seu nível de escolaridade. Entre elas, foram ouvidas pessoas do governo e da oposição, das Igrejas e das escolas, mas a grande maioria falou apenas em seu próprio nome, preocupada somente com questões de sobrevivência.

Os representantes destas chamadas “forças vivas” aproveitaram-se da entrevista franca e sem segundas intenções, dada pelo administrador **Mário Augusto Ferreira à “Folha” para, mais uma vez, pedir sua cabeça, já que, por independente, ele não serve aos interesses dos donos doas antigos “currais”**. Desta vez, procuraram a pessoa certa, [...] o “dr. Amparo”. Sem rodeios ele foi logo afirmando que “por mim, ele já estaria saído”. Nada mais justo: o **“dr. Amparo” é o melhor representante da velha política de clientelismo e do arbítrio que começava a ser quebrada pelo administrador Mario Augusto Ferreira em Itaquera e Guaianases**. [...]

Uma coisa é certa: não é tirando o administrador nem se irritando com a realidade da vida da [população da zona Leste, preocupada com outras questões, como a insegurança, os loteamentos clandestinos, as favelas, a falta de iluminação, de escolas, de hospitais, etc.

Representantes de diversas entidades de Itaquera decidiram, em reunião, pedir retratação pública do administrador regional Mario Augusto Ferreira sobre suas declarações feitas na entrevista concedida à **“Folha”** e publicada no dia 25 de junho.

Caso ele não resolvesse retratar-se “amigavelmente”, isto seria exigido judicialmente, sob acusação de crime de difamação e calúnia “às famílias de Itaquera”.

O secretário comenta que, em sua opinião, o administrador já não deveria continuar no posto e prometeu uma solução até o dia seguinte.

Em entrevista a Ricardo Kotscho, Mario Augusto Ferreira fez um balanço de sua experiência na administração da Regional de Itaquera-Guaianases. Irritou os poderosos representantes das entidades comunitárias; o que mais feriu as famílias foi dizer que, nas ruas sem asfalto de casas de classe média, a onda de assaltos e casos de estupros era tão grande que o delegado não fazia mais anotações dessas ocorrências.

Subtítulo: Fins Políticos.

O Conselho acusa-o de usar seu cargo na Regional com fins políticos, uma vez que Mario Augusto Ferreira era futuro candidato à Vereador.

Houve uma acalorada discussão, em que o Secretário disse que as medidas deveriam ser mais duras e que todos foram prejudicados politicamente nas declarações.

Por outro lado, ao telefone, Mario Augusto Ferreira confirmou suas falas e não se intimidaria mesmo que isso lhe custasse o cargo.

Os membros acusam a entrevista de ter sido tendenciosa ao mostrar o pior lado de Itaquera, escolhendo a dedo as pessoas pobres que passavam pelas ruas; segundo esses membros, o bairro tinha lugares mais dignos para serem fotografados, como as casas da Caixa Econômica e os prédios da Cohab.

Também afirmaram terem sido os depoimentos desonrosos, mentirosos e oportunistas, e que a “*Folha*” deveria ter entrevistado pessoas com nível de educação superior; acusaram o jornal de ouvir apenas a os “representantes da Igreja, a oposição, os pobres e favelados”.

Subtítulo: Acima de tudo, a tutela.

O jornalista, em resposta, diz que as indignadas manifestações, daqueles que antigamente eram conhecidos como as “forças vivas” da sociedade, sem dúvida eram o que melhor espelhava o abismo existente entre a velha e a nova cidade, dos que conviviam na Zona Leste.

Diz que, ao comentarem sobre entrevistar alguém com nível superior, confirmavam que ainda faltava uma matéria na série: a desesperada tentativa dos

donos velhos “currais eleitorais” em manter a tutela sobre a população que começava a andar com as próprias pernas.

Esses representantes da antiga Itaquera dos latifúndios e dos “currais” deveriam ter bons motivos para afirmar que o povo não estava preparado para responder perguntas específicas e, principalmente, as que consistiam em questões de administração pública.

O próprio povo não mais concordava com seus tutores e foi para conhecer essa nova realidade que a reportagem da “*Folha*” percorreu, por duas semanas, as vilas e “jardins” da Zona Leste. Ouvindo dezenas de moradores, sem se importar com seu nível de escolaridade. Entre eles, foram ouvidas pessoas do povo, da oposição, das Igrejas e das escolas.

Afirma que os representantes das “forças vivas” prejudicaram o administrador, já que sua posição independente não serve aos interesses dos donos dos “velhos currais”. Finaliza dizendo que o administrador não seria demitindo, que dariam por resolvidos os problemas de insegurança, dos loteamentos clandestinos, das favelas, a falta de iluminação, as escolas, hospitais e etc.

Ao observarmos as três matérias da *Folha de S. Paulo*, percebemos que as declarações do administrador incomodaram as lideranças políticas que atuavam na região. Reconhecemos o tom controlador que pesou sobre todos os sujeitos que figuravam nas entrevistas. Estas lideranças estavam envolvidas politicamente com as tradicionais instituições⁴⁷ que definiam as regras sociais e contavam com forte representatividade no discurso do NI, em relação aos *outsiders*.

Se, por um lado o NI deu voz e permissão de fala aos “estabelecidos” representados nas várias associações do bairro e excluiu os *outsiders* por meio de seu discurso, por outro notamos nas publicações da *Folha de S. Paulo* uma visão mais ampliada dos temas relacionados às comunidades, como no caso dos moradores dos conjuntos habitacionais.

O discurso do NI era objeto de interdição dos *outsiders* por meio de estigma de desacreditáveis e interdição velada para inserção na sociedade local. A *Folha* fez um caminho inverso nas várias entrevistas que encontramos para seleção de dados. O jornal permitiu que os *outsiders* encontrassem um veículo pelo qual tivessem a

⁴⁷ Rotary Clube, Lions de Itaquera, Instituição Religiosa Tradição Família e Propriedade- TFP, Associação de Lojistas de Itaquera, Associações de Pais e Mestres, Associação das Indústrias de Itaquera AIRI e Associação Cristã de Moços - ACM.

permissão de expressar seus desafios com a nova realidade, seus anseios e direitos.

A *Folha*, ao publicar as ações da Cohab, afirmou seu ideal para uma “nova sociedade” que se formava nos limites da Zona Leste e observou uma independência política que se organizava. Na entrevista com os moradores, deu voz aos *outsiders* para que suas queixas e reivindicações fossem ouvidas junto à própria Instituição, que tinha responsabilidades quanto à qualidade do que entregava. Também cobrava ações dos poderes como mediadora entre os sujeitos, como quando o jornalista expõe a transformação dessa sociedade e sua caminhada para um novo grupo político que se tornaria independente dos antigos donos dos currais eleitorais.

Foucault, em seu livro *A Ordem do Discurso* (1996), ao analisar esses modos de dizer o que temos por necessidade de verdades, pode incomodar os que tratam desses temas como tabus e que se colocam confortavelmente como detentores dessas verdades.

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é o *interdito*. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. Tabu do objecto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: jogo de três tipos de interditos que se cruzam, que se reforçam ou que se compensam, formando uma grelha complexa que está sempre a modificar-se. Basta me referir que, nos dias que correm, as regiões onde a grelha mais se aperta, onde os quadrados negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: longe de ser um elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, é como se o discurso fosse um dos lugares onde estas regiões exercem, de maneira privilegiada, algumas dos seus mais temíveis poderes. (FOUCAULT, 1996, p. 2).

Evidentemente, essa verdade foi “exigida” pelos que exerciam esse poder local: isso ocorre quando lemos a terceira matéria, na qual criticam o jornal de usar as entrevistas com finalidades políticas ao dar voz às pessoas pobres que passavam na rua. Sugeriram que outros, com nível superior, fossem procurados; com essa fala, separaram por classe social e cultural os sujeitos na sociedade de Itaquera, estigmatizando-os como desacreditáveis, com isso afirmando que não teriam importância ou valor.

Foucault (1996, p.10) também avalia essas práticas discursivas dos poderes que a permeiam e que definem os artifícios que moldam e controlam os discursos da sociedade. Para ele, o discurso não é apenas aquilo que traduz as lutas e os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, enfim, o poder que desejamos nos apropriar; ainda, discute como atuam as instituições que conferem seu poder de interdição de fala e exclusão.

Desta forma, a produção do discurso, ao mesmo tempo em que é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um número de procedimentos, também configura os poderes e perigos que dominam os acontecimentos e omitem sua terrível materialidade.

Morrer pelo conhecimento absoluto poderia fazer parte do fundamento do ser. O que não quer dizer, no sentido da crítica, que a vontade de verdade seja limitada pela finitude do conhecimento! Mas que ela perde todo o limite e toda intenção de verdade no sacrifício que deve fazer do sujeito de conhecimento. "E talvez haja uma única idéia prodigiosa que ainda poderia aniquilar qualquer outra aspiração, de modo que ela ganharia das mais vitoriosas – eu quero dizer a idéia da humanidade se sacrificando a si própria. Pode-se jurar que se a constelação dessa idéia aparecesse no horizonte, o conhecimento da verdade permaneceria a única grande meta a que semelhante sacrifício seria proporcionado porque para o conhecimento nenhum sacrifício é grande demais. (FOUCAULT, 1988, p. 22).

Ao observarmos a maneira pela qual há uma desqualificação das declarações do administrador regional, notamos um princípio de exclusão ao citarem a possibilidade de demiti-lo. Na verdade, ao questionarem suas declarações como tendo motivações, vão além, entendendo-se como algo que estaria desestabilizando uma organização social declarada como os velhos “currais eleitorais”. Referiam-se ao eleitorado pobre e ignorante que, por muitos anos, foi interdito de seus poderes e jamais teriam condições de ascender politicamente, vivendo sujeitados aos seus tutores sociais.

Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição. Penso na oposição razão e loucura. Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo. (FOUCAULT, 1996, p.11).

É evidente o uso de interdição pelo poder, quando comparamos as três matérias: na primeira, mesmo entrevistando um administrador regional indicado

politicamente, a *Folha* deu aos moradores consultados a possibilidade de expressar sua insatisfação; na segunda entrevista, apóia os movimentos políticos que lá começavam a se organizar; e, na terceira publicação quando os antigos políticos querem uma retratação dos testemunhos “caluniosos” e discutem a demissão do administrador regional, o que já configura uma forma de interdição pelo poder.

Podemos compreender melhor essa relação de poder e interdição quando retomamos a matéria publicada quatro anos depois no *NI*, com o título *Comunidade x Cohab*; nesta, o jornal estigmatiza as organizações sociais que usavam os espaços comunitários como sendo anômicas, depreciando-as com intuito de enfraquecer um movimento político que lhes daria maior autonomia.

Foucault associa essa disputa de poder, representada pelos modos operantes de interdição da fala, ao caso dos moradores da *Cohab* a quem se confere o descrédito de alguém que não tem ainda maturidade para expressar suas necessidades, como os loucos que o filósofo cita em seu livro.

Ao voltarmos na matéria do *NI* de 1985, “*Comunidade X Cohab*”, observamos que a forma de o jornal apresentar as questões do uso dos espaços comunitários requeridos pela Instituição, confirma que o jornal *NI* considerava o uso desses lugares como problemáticos pelos moradores, desqualificando-os para essas responsabilidades. Nesse pronunciamento, encontramos a origem da problemática que emergiu quando a publicação da *Folha de S. Paulo* de 1981 valorizou o quanto era significativa a organização política que se desenhava naquele grupo, que contava com apoio da Igreja e essa passou a ser motivo de incômodo aos tradicionais políticos regionais. Esse pensamento foi confirmado na fala dos representantes da sociedade de Itaquera, que reclamam dos moradores pobres e das constantes cobranças da Igreja.

Foucault (1996) avalia que esses conflitos se dão pela vontade de verdade que os grupos possuem:

Dos três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade. Há séculos os primeiros não cessaram de orientar-se em sua direção; é que cada vez mais o terceiro procura retomá-los, por sua própria conta, para, ao mesmo tempo, modificá-los e fundamentá-los; é que se dois dos primeiros não cessam de se tornar mais frágeis mais incertos na medida em que são agora atravessados pela vontade de verdade, esta, em contrapartida, não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e incontestável. (FOUCAULT, 1996, p. 19)

Podemos encontrar essa vontade de verdade quando lemos, na terceira matéria, o testemunho do jornalista que fez as entrevistas: aqui, ele contesta as falas dos representantes das associações comunitárias, ao confirmar que por duas semanas testemunhou o cotidiano do bairro e circulou por suas duas realidades: a da pobreza com as favelas e seus insolúveis problemas e, outra, dos “jardins” (refere-se ao bairro nobre Jardins da zona Sul de São Paulo), onde moravam os tais líderes.

O firme posicionamento do administrador regional, que colocou seu cargo à disposição, e negou-se à retratação, e do jornalista em relação às acusações, intimidaram os acusadores que, ao final da reunião, já estavam referindo-se ao fato como uma “inverdade” e não mais caluniosos. Afinal, o administrador havia documentado todos os fatos relatados e contava com apoio da mídia jornalística que regularmente noticiava sobre essa problemática

Essa mudança de postura dos tidos como prejudicados politicamente tem um forte jogo de interesses, pois estavam em campanha as eleições diretas para Governador que aconteceriam no ano seguinte, em 1982, e apoiavam Reinaldo de Barros, do partido de direita PDS: os mesmos não desejavam uma situação desfavorável em relação à *Folha de S. Paulo*, pois o poder da mídia jornalística como formadora de opinião era o maior aliado que esses políticos se esforçavam em manter.

A imagem do bairro apresentada pela mídia estava na contramão do interesse dos representantes do bairro, que é bastante evidente quando se posicionam quanto às fotografias na primeira entrevista que apresentaram o bairro com suas paisagens rústicas e degradadas.

Ao criticarem o jornalista, que deveria ter valorizado a região com fotografias das novas construções que traduziam a modernidade, impuseram ao jornal que se apresentasse uma ideia, ainda que um simulacro, que maquiava a realidade do abandono social que era de responsabilidade desses tais políticos.

Baudrillard (1991) em sua publicação “*Simulacros e simulação*”, analisa que as imagens podem criar novas ideias de realidades, como na foto da Rua na Vila Carmosina: o ângulo em que foi capturada a fotografia torna a paisagem mais singela e evidencia sua fragilidade social; podemos conhecer o local e imaginar todo o contexto com a imagem do ônibus velho, as casas simples, o matagal ao fundo e a confusão de fios que emaranhavam no poste de luz.

Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença e o segundo a uma ausência. Mas é mais complicado, pois simular não é fingir: “Aquele que finge uma doença pode simplesmente meter-se na cama e fazer crer que está doente. Aquele que simula uma doença determina em si próprio alguns dos respectivos sintomas.” (Littré). Logo fingir, ou dissimular, deixam intacto o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, mas disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença do “verdadeiro” e do “falso”; do “real” e do “imaginário”. (BAUDRILLARD, 1991, p. 9).

O *NI* explorou o inegável exercício de poder na constância de suas publicações, nas quais inseriu uma idealização de sociedade por meio de seu poder de voz; ainda, usou termos que geraram a ideia de mito fundador que identificou e consolidou a comunidade de japoneses em suas formas culturais, sociais, econômicas e políticas junto à sociedade local.

O mesmo também garantiu, por meio de anúncios e propagandas das empresas, sua sobrevivência enquanto único meio de comunicação direta com aos novos outsiders.

É notório o número de anúncios de empresas japonesas na região, como *Sanyo*, *Panco*, *Yamakawa*, *Okabe* e sua forte influência quanto ao posicionamento do jornal em relação às tradições.

Durante a década de 1990, a Festa das Cerejeiras e o Bosque no Parque do Carmo encontravam-se fortemente estruturados e o público ainda restrito às comunidades de japoneses da região e do Estado e à sociedade local de “estabelecidos” e *outsiders*.

Pode-se, assim, aventar a hipótese de que a informação massiva contemporânea constitui um campo social relativamente autônomo, com repertório cultural próprio, tecnologias específicas e formas diferenciadas de organização, suscetível de conformar as ações sociais dos agentes nele inseridos. (SODRÉ, 2006, p. 100).

Nesse momento, a televisão brasileira, em especial o telejornalismo, começou a divulgar o *hanami* e, dois anos depois, a Rede Globo de Televisão fez uma matéria especial para o *Bom dia, São Paulo* (telejornal matutino) sobre a florada das cerejeiras e seu espetáculo no Parque do Carmo.

A repórter Ananda Aple⁴⁸, anualmente, desde o ano 2000, apresenta na última semana de julho ou início de agosto, nas manhãs de sexta-feira, no Quadro

⁴⁸ Conversamos informalmente com a repórter, que confirmou o ano que conheceu o bosque e a festa. Via *Twitter*, em 23/02/2016.

Verde, dentro da programação do telejornal *Bom dia, São Paulo*, matérias sobre o florescer das árvores de cerejeiras no parque e, no sábado seguinte, a festa e sua programação no SPTV 1ª. Edição.

A exposição do local e os significados dos símbolos ligados a essa tradição conquistaram o gosto dos telespectadores e, por consequência, o aumento de público que buscou conhecer essa nova proposta de festa turístico-cultural.

A televisão, como mídia massiva, tem grande abrangência e influência na formação de opiniões. Em relação à Festa das Cerejeiras foi e é, até os dias atuais, divulgadora de um produto cultural como uma nova proposta de lazer e evento turismo na cidade.

A apresentação televisiva do Bosque em flor, com vários tons de rosa em uma época do ano (inverno) em que, normalmente, não se encontram jardins floridos com tanta exuberância, provoca um encantamento no público que passa a desejar estar naquele lugar e fazer parte da contemplação de sua beleza. A repórter faz, durante alguns dias da semana, pequenas filmagens que são editadas para criar no público a ideia do florescimento progressivo que foi registrado; detalhadamente, vai mostrando as características das espécies e as diferentes formações das flores, em cachos, nos galhos e penduradas em conjuntos de três ou quatro fores.

Sodré (2006) em seu livro *As estratégias sensíveis*, observa que, com as mudanças do mundo globalizado, tornamo-nos reféns das imagens e nos transformamos também em imagens. O reconhecimento e assimilação dessas imagens transformam a realidade e um novo espaço e tempo, que podemos considerar um novo espaço de controle ou *bios*, pela alta tecnologia de reprodução como parte das estratégias de indução social.

Assim, uma "telemorfose integral da sociedade" não deve ser compreendida como efeito específico de uma programação especial da tevê, e sim como evento da midiatização, isto é, da articulação exponencial das tradicionais instituições sociais com o conjunto das tecnologias da informação a reboque do mercado. Posta em outros termos, trata-se de uma associação estreita entre práticas sociais e espaço público, ativada por processos tecnológicos de comunicação. (SODRÉ, 2006, p.101).

A midiatização da Festa das Cerejeiras colaborou para uma migração da divulgação do evento e, simultaneamente, para uma regularidade na veiculação nos meios televisivos que, anualmente, à época da florada, já reservam uma pauta para visitar o parque.

O reconhecimento, como também a inserção da celebração do *hanami* no Calendário Turístico do Estado em 1998, trouxe visibilidade e maior atenção das mídias.

A indústria cultural privilegia o consumo do simbólico e a mídia televisiva tem papel fundamental nesse processo, desde que se fortaleceu como meio de comunicação no Brasil nos anos de 1960 até os dias atuais. O consumo desses bens é amplamente proposto ao público por meio do apelo às emoções e às sensações de participação.

A necessidade do paulistano de lazer, no caso ao ar livre, com proposta de ambiente natural, de forma gratuita, aliada ao consumo simbólico, uma gastronomia tipicamente japonesa, são apelos emotivos para atrair o novo tipo de consumidor da Festa das Cerejeiras. A divulgação anual no Quadro Verde criou uma agenda para esse público, que aguarda o anúncio da florada para visitar o parque e a festa.

Esther I. Hamburger avalia os processos da televisão como formadora de gostos na formação do *habitus* e opinião. Ela afirma que o “significado dos diversos produtos culturais reside não em conteúdos discursivos ou formais, mas na teia de relações que os manipula, forjando hábitos, gostos que sinalizam pertencimento social”. (2002, p.55)

Se, por um lado a televisão influenciou a formação de um novo público, agora proveniente de outras localidades da Grande São Paulo, portanto mais diversificado e consumidor do simbólico, por outro, o *NI* perdia seus patrocinadores mais significativos: os empresários japoneses da região de Itaquera. Sua fragilidade enquanto mídia local vai se desenhando ao longo desse período, quando a Federação de Sakura e Ipê do Brasil buscou maior visibilidade nos meios televisivos, o que ocasionou anualmente o aumento de público e seu maior poder de barganha para conquistar investimentos públicos e patrocínios para a realização do evento.

5 O RETORNO DOS DEKASSEGUIS E A POPULARIZAÇÃO MASSIVA DA CULTURA PELOS NOVOS OUTSIDERS

No mesmo período no qual o jornal tem sua maior expressão enquanto comunicador e mediador entre os grupos de “estabelecidos” e *outsiders*, o Japão despontava como potência econômica mundial; neste contexto, ocorre o “fenômeno *dekassegui*”⁴⁹. Segundo Reis (2001, p. 18, 19), os brasileiros na década de 1980, desencantados com a situação econômica do Brasil, dívida externa, choque da crise do petróleo, diversas mudanças de moeda, buscaram em países mais desenvolvidos, em especial os industrializados, melhores condições de vida.

Muitos descendentes de japoneses migraram para a terra de seus ancestrais, e este foi um fenômeno mundial e marcante também para a história do bairro. O êxodo teve seu momento de maior contingente entre os anos de 1986 a 1996, como podemos observar na tabela a seguir.

Tabela 6 – Brasileiros no Japão 1986- 1996

Ano	Número de brasileiros que vivem no Japão	Ingresso durante o ano
1986	2.135	135
1987	2.250	115
1988	4.159	1.909
1989	14.528	10.369
1990	56.429	41.909
1991	119.333	62.904
1992	147.803	28.470
1993	154.650	6.847
1994	159.619	4.969
1995	176.440	16.821
1996	201.795	25.355

Fonte: Departamento de Imigração do Ministério da Justiça do Japão *in*: Reis, M. E. F. Brasileiros no Japão: O elo humano das relações bilaterais. São Paulo; Kaleidus-Primus, 2001.

⁴⁹ *De+ kassegui*, neologismo a partir dos ideogramas japoneses que expressam as formas infinitas dos verbos “*deru*” (sair) e “*kassegui*” (trabalhar). Em japonês, no entanto, “*fazer dekassegui*” implica buscar, fora do seu ambiente nativo, trabalho para o sustento e poupança. (REIS, 2001, p. 17).

Uma migração de tamanha expressão reata laços imaginários entre os japoneses que ficaram no Brasil, seus ancestrais e seus descendentes, que puderam conhecer de perto a vida cotidiana e cultural do país ancestral.

Os laços são imaginários, pois na relação entre os japoneses e os *dekasseguis* também não houve nenhuma cordialidade. Para o povo japonês, esses eram os descendentes dos que abandonaram o país em um momento de extrema necessidade, e que retornavam apenas para colher os frutos do trabalho duro dos que ficaram. O termo que os japoneses usavam para se referir a esses brasileiros, “forasteiros”, também era uma forma pejorativa e estigmatizadora de tratá-los.

A autora cita que o *dekassegui* japonês guarda, assim, analogia com os movimentos migratórios mundiais da atualidade, compostos por jovens que buscavam melhores salários nas áreas industrializadas e tecnologicamente desenvolvidas e, assim, conquistar sua independência econômica, o que nem sempre era realizável. A autora observa que a História se repetiu, porque os imigrantes japoneses foram os primeiros *dekasseguis* em 1908, no eixo Brasil - Japão. (REIS, 2001, p.18)

Assim, os brasileiros que emigraram nos anos de 1987, também como seus ancestrais que vieram ao Brasil, sofreram em terras nipônicas os mesmos sentimentos de desterritorialização. Perderam referências e, fragmentados, buscaram uma nova identificação simbólica.

Se, por um lado, eram brasileiros com ascendência japonesa, o que lhes fortalecia um sentimento de pertencimento à comunidade, no Japão eram forasteiros e suas referências culturais não tinham o mesmo significado simbólico; eram vistos apenas como estrangeiros, pobres, em busca de trabalho. O termo *dekasseguis* era uma forma pejorativa de tratamento também entre os brasileiros, que o usavam para se autodefinirem em solo japonês.

Os movimentos migratórios desse momento histórico se caracterizaram pelo deslocamento de trabalhadores no sentido sul-norte dos países em desenvolvimento em busca de emprego e melhores salários. Esse processo fora tão expressivo a nível mundial que se compara ao final das guerras napoleônicas até as primeiras décadas do século XX. (REIS, 2001, p. 33).

O Brasil, que teve em sua História, nos séculos IXX e XX o maior contingente mundial de imigrantes de todas as nações para o trabalho nas lavouras, nesse momento viveu uma inversão como país de emigrantes.

Muitos *dekasseguis* conseguiram prosperar e a entrada de dólares no Brasil, enviados por eles, em especial na cidade de São Paulo, confirmavam a idéia de mito fundador. Deste modo, tudo que representasse o povo japonês era considerado de extrema superioridade, quer tecnológica (pensamento que vale até os dias atuais), quer produtiva ou cultural.

Houve também aqueles que não se adaptaram à nova condição; os poucos recursos adquiridos no exterior se traduziram em pequenos comércios que se espalharam na cidade paulistana, com o retorno desses.

O regresso também trouxe muitos casos de desajustes. Muitos sofriam com uma “síndrome do regresso” é muito comum entre os que voltam e foi observada de forma crescente entre os brasileiros que retornaram do Japão. No caso das crianças que nasceram no Japão, também tiveram dificuldades em estabelecimento de identidade. Elas não entendiam por que não eram japonesas, afinal tinham os mesmos traços físicos e falavam a mesma língua. Ao chegarem no Brasil não se identificavam como brasileiras e muitas resistiam à adaptação. (REIS, 2001, p.180-181).

Os hábitos, costumes, as celebrações e, principalmente, a gastronomia japonesa popularizaram-se nas grandes cidades em que esses *dekasseguis* retornaram. Em São Paulo não poderia ter sido diferente.

Como já dissemos, a cultura de um povo passa também pela culinária e a experiência de novos aprendizados, o que torna esse patrimônio cultural e imaterial relacionado aos saberes disponível para hibridação a partir do momento em que essa prática cultural do saber mistura-se à experiência de outros grupos e que a ressignificam. Exemplo: quando, nos restaurantes, colocam uma borrachinha para prender os palitos de *hashis* transformando-os em pinça, perde-se o simbólico do bico da ave para o prático ferramental, para a comodidade dos brasileiros desacostumados a essas novidades.

Os restaurantes típicos já não estavam somente no bairro oriental da Liberdade; nesse momento, por volta da década de 1990, o modismo gastronômico popularizou esses alimentos que, por sua apresentação visual, estetização dos pratos em suportes temáticos (como barcos em artesanatos de bambu) se espalharam por todos os cantos da cidade. A sua popularização interferiu diretamente na construção de novos hábitos e estes, mais uma vez, estimularam os processos de hibridação tão constantes no mundo globalizado.

Tal elo se fortalece em outubro de 2008, quando o governo japonês criou a JICA⁵⁰, que passou a ser responsável por implantar no Brasil a Assistência Oficial de Desenvolvimento (ODA). A instituição possui 100 escritórios pelo mundo e presta assistência a mais de 150 países (no Brasil, apenas por meio de bolsas de estudos).

A JICA tem como missão o “desenvolvimento humano inclusivo”, sustentada por quatro pilares ideológicos: 1) desafios que acompanham a globalização com mudanças climáticas e questões relacionadas à água alimento e doenças infecciosas; 2) Redução da pobreza e crescimento justo; 3) melhoria da governança, como políticas e sistemas de governo de países em desenvolvimento; e 4) garantias da segurança humana.

Essa ajuda ocorre por meio de um sistema de oferta de bolsas de estudos com um rigoroso sistema de seleção e garantias financeiras para o estudante conseguir sobreviver no Japão durante o período em que estiver sob esse benefício. Este formato é bastante difundido entre os centros universitários dos países em parceria e, no Brasil, tem representação no campus da Universidade de São Paulo/ USP.

A modernidade das universidades japonesas e seu desenvolvimento tecnológico são grandes oportunidades aos jovens estudantes. A JICA oferece cursos superiores de especialização, estágios e cursos de Mestrado e Doutorados em tecnologias. Na maioria dos casos, quando o estudante retorna ao país de origem, está empregado em uma empresa conveniada ao programa em multinacionais japonesas.

A contrapartida esperada do estudante beneficiado com a bolsa de estudos é de atuar como voluntário nos programas ligados à missão da JICA e, em especial, na divulgação e manutenção da cultura japonesa em sua cidade.

O Governo Japonês tem propagado hábitos e cultura simbólica entre os meios universitários, os quais são consumidores dessas celebrações, em forma de festas temáticas, principalmente das típicas, e que atualmente fazem parte do calendário de eventos culturais e tradicionais da cidade de São Paulo e em outras no mundo que possuem esse vínculo educacional.

O voluntariado entre esses jovens universitários gera a identidade de comunidade com o mesmo ideal. Renovam a divulgação e a metodologia organizacional por meio das novas tecnologias que o mundo globalizado dispõe;

⁵⁰ Fonte: www.jica.go.jp/brazil/ visto em 20/02/2016 Japan International Cooperation Agency - JICA

ainda, abrange um número incontável de adeptos por meio das comunidades virtuais e dissemina valores simbólicos que são referenciais da cultura oriental.

As redes sociais com sua interatividade permitem que durante o ano todas as pessoas acessem as informações sobre esses eventos, sua programação e abertura de vagas para voluntariado. As novidades tecnológicas interferem no que antes era apenas no espaço urbano da cidade ou bairro temático, e ressignifica a festa a nível mundial virtualmente.

Lemos (2007, p. 121) em *Cidades e mobilidade, Telefones celulares, funções pós massivas e territórios informacionais*, observa o quanto a mobilidade tecnológica nos permite, por meio de equipamentos, estarmos imersos em novos espaços e em uma nova relação com o tempo. As redes sociais e os *smartphones* estão criando cidades desplugadas; as tecnologias sem fios estabelecem novas relações em zonas de conexão permanentes e em territórios informacionais. Essa transformação gera crises culturais, de identidade, de fronteiras geográficas e políticas.

As transformações tecnológicas dos meios de comunicação passaram por profundas transformações e o termo comunicação massiva como dissemos, qual tem um público e espaço geográfico definido, passou a sua forma pós-massiva com as novas ferramentas de comunicação virtual. Mais do que informativas criam processos mais comunicativos, por troca bidirecional de mensagens e informações entre consciências. (LEMOS, 2007, p. 121).

No caso da Festa das Cerejeiras, tanto no *site* oficial quanto nos *blogs* específicos sobre o tema e no *Facebook*, pode-se conhecer a programação da florada no Japão e acompanhar em cada cidade a celebração do *hanami*. Também é possível saber quando ocorre a florada e suas celebrações no EUA e no Japão.

Atualmente, a organização e divulgação estão nas mãos das novas gerações, em sua expressiva maioria jovens universitários com faixa etária entre 19 e 30 anos, em grande parte composta de ex-bolsistas da JICA que, ao retornarem ao país, empenham-se no compromisso de manutenção dos ícones e símbolos que dão a essa comunidade o sentimento de resgate dos elos de pertencimento de sua ancestralidade.

Em São Paulo, o *Sakura Matsuri* encontra-se reorganizado por esse processo das redes sociais e seus voluntários em mídias pós massivas, isto é, as mídias digitais com *internet* e suas ferramentas.

5.1 A nova fase como mundo digital que mantém a tradição e a ressignifica

A evolução cidade- comunicação acompanha o desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Se as cidades da era industrial constituem sua urbanidade a partir do papel social e político das mídias de massa (jornal, rádio, televisão), as cibercidades contemporâneas estão constituindo sua urbanidade a partir de uma interação intensa (e tensa) entre mídias de função massiva e mídias de função pós massiva. (LEMOS, 2004, p. 124).

As mídias pós-massivas, isto é, as mídias que surgiram com a Internet, permitiram uma maior fluidez na divulgação do evento e tornaram-se ferramentas preciosas no novo momento. Elas possibilitaram a publicação e a disseminação da informação de forma livre sem controles externos. Fortemente interativas, favorecem a comunicação e o processo criativo, permitindo a criação de comunidades de usuários que interagem diretamente em seus nichos.

Lemos (2004, p.125) observa que experiências como as da *internet* com blogs, *softwares* livres, *podcasting* e *wikis* insistem em três princípios fundamentais que formam a cibercultura: a liberação da emissão, a conexão generalizada e a reconfiguração das instituições e da indústria cultural de massa.

O autor considera que essas ferramentas comunicacionais, ao permitirem interações e liberdade ao público para se expressar, transformam esses em formatos plenos de comunicação. No entanto, esse exercício também comporta uma importante dimensão política; esses espaços informacionais propiciam maior interação entre os grupos, também por se tratar de uma ferramenta para cidadania

O autor segue analisando que esses territórios podem ser classificados como territórios informacionais, os quais possuem uma área informação digital e se transformam em uma zona de interseção entre o urbano e os espaços informacionais em rede, o ciberespaço. Considera esses territórios como espaços que se movem, híbridos formados pela relação do espaço eletrônico e o espaço físico que altera e modifica também a mobilidade pelos espaços físicos das cidades com a circulação das informações em tempo real. Podemos considerar, como exemplo, o uso dos celulares e o incalculável cruzamento dos acesos da mesma informação em tempo real por indivíduos em lugares diferentes na mesma cidade, ou em qualquer outra no mundo virtual

Em sua mais recente configuração, a transformação tecnológica desplugou por completo a informação em rede (antes estruturada pelos computadores de

mesa) com o uso dos *smartphones* e todas as suas formas eletrônicas de mobilidade. Portanto, conclui que o território informacional cria um lugar, e esse se configura pelas atividades sociais que geram pertencimentos (simbólico, econômico, afetivo e informacional).

Por meio da análise de André Lemos, podemos compreender a rapidez do desenvolvimento de elos que foram se firmando entre a juventude que frequenta as festas e interage por meio dessas ferramentas. A tecnologia atual permite uma imediata comunicação, integrando os comunicadores e sua comunidade em rede.

Os moradores dos conjuntos habitacionais de Itaquera, que buscavam a informação sobre o local no *NI* e que tiveram voz na mídia massiva, *Folha de S. Paulo*, atualmente migraram para o espaço digital, o que também permitiu a esse grupo o acesso às redes sociais para se organizarem enquanto comunidade no ciberespaço.

A comunicação por meio virtual integrou o grupo e gerou uma identidade de comunidade. Se, por um lado, os japoneses no início tinham um objetivo em comum e todos se conheciam e tinham fortes laços na história das famílias, a migração para o espaço virtual incluiu pessoas que, mesmo tendo caminhos semelhantes e atividades em comum, nem sempre se conhecem pessoalmente.

Fizemos uma busca na *internet* para conhecer essas comunidades virtuais. A lista segue abaixo:

Tabela 7 – Comunidades do *Facebook* acessadas em 19/03/2016

Número de participantes	Comunidades no <i>facebook</i>
20.024	Amigos Cohab2 José Bonifácio
54.002	Cohab 2 Amizades e vendas ☺
20.607	Cohab 2 Itaquera Comunidade
4.801	Cohab 2 Ativa
591	Cohab II
1.993	Cohab 2 Itaquera
1887	Cohab1
5.395	Cohab
187	Cohab2
1503	Pedala Cohab
3.426	Cohab 2 Itaquera
1770	Cohab 2 ZL bairro

Fonte: Elaborada pela autora

Ao observarmos os números de participantes, constatamos sua expressão significativa em relação às páginas de grupo das comunidades de estudantes que divulgam a Festa das Cerejeiras. No entanto, se considerarmos que as comunidades acima existem em média de 2 anos, elas são formadas por pessoas que, em sua maioria, mesmo morando próximas, não se conhecem pessoalmente, o que torna a experiência inovadora para esse grupo. A mobilidade dos *smartphones* aliada a serviços de baixo custo como a telefonia móvel pré-pago, e investimentos de *Wi-fi* livre que a Prefeitura tem implantado nesses conjuntos, promovem a rápida adesão dessas pessoas e uma forte integração dos grupos no meio virtual. Pela ótica foucaultiana, esse seria um fenômeno relativo à vontade de verdade.

Podemos afirmar que essa prática virtual fortalece os *outsiders* como comunidade, isto é, com senso comum, e principalmente no exercício de cidadania e na inclusão digital como ferramenta de integração, tanto nos grupos de ciclistas que se reúnem para lazer quanto nas inúmeras trocas de experiências e no fortalecimento do sentimento de pertencimento.

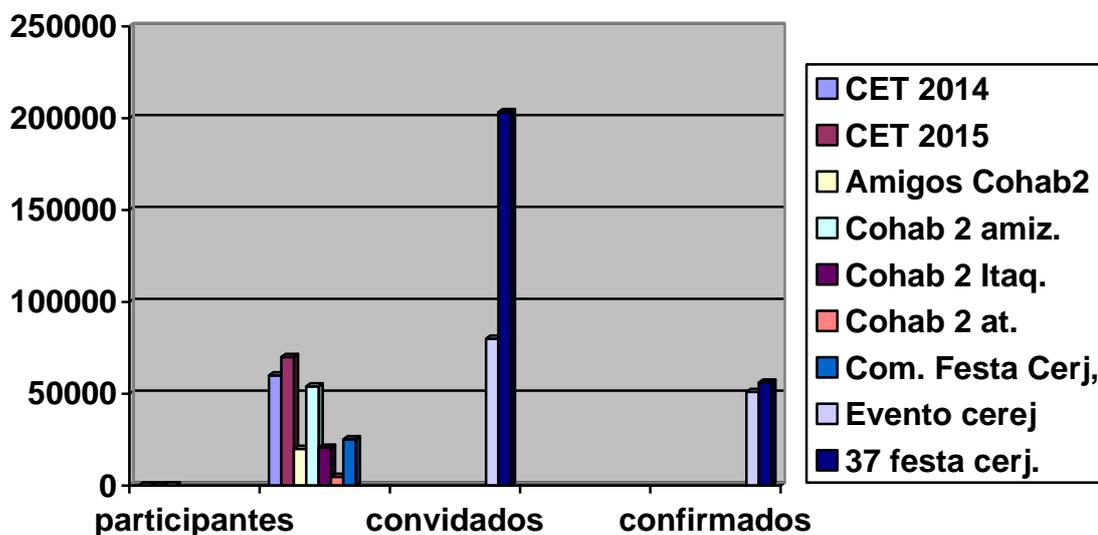
Ao considerarmos o número de visitantes registrados pela C.E.T. na festa de 2014 (60 mil visitantes) e na de 2015, com 70 mil pessoas, e compararmos com os números de participantes das redes sociais que divulgam o evento e os membros das comunidades das Cohabs, teremos um dado interessante e que nos ajuda a analisar como esses grupos interagem e se complementam virtualmente.

Os valores numéricos das comunidades virtuais dos *outsiders* se equivalem ao número de participantes confirmados e do público que frequenta a festa.

Os que confirmam presença por meio de convites de evento fazem parte das redes como membros das comunidades virtuais relacionadas à organização da festa ou de pessoas que se identificam com as celebrações japonesas na cidade e com esse tipo de oferta de turismo cultural. No entanto, não podemos esquecer o quanto a divulgação televisiva tem influenciado esse público também na regularidade de sua programação jornalística.

Segue uma avaliação gráfica dos números de participantes das redes sociais selecionadas e registros oficiais de 2014 e 2015. Esses números podem ser conferidos no gráfico seguinte, que apresenta os números de participantes e os *links* das redes sociais.

Gráfico 4 – Gráfico comparativo dos grupos em redes sociais das Cohabs e dos eventos do Facebook que divulgam a Festa das Cerejeiras.⁵¹



Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico mostra a forte divulgação da festa nas redes sociais por meio dessas comunidades e convites do evento com número expressivo de confirmações, o que praticamente equivale à análise da C.E.T. Podemos considerar que os meios digitais são efetivamente significativos para a divulgação e organização da festa ao observarmos os números oficiais e confirmados que, praticamente, se equivalem. Lembramos que a organização da festa se dá também pela projeção de fluxo desse público.

André Lemos (2007) observa que:

As cidades se desenvolvem como “sociedades em rede” (física, simbólica cultural, política, imaginária, econômica). A particularidade contemporânea é a hegemonia de um conjunto de redes. As redes telemáticas, que passam a integrar, e mesmo a “comandar” (cibernética), as diversas redes que constituem o espaço urbano e diversas formas de vínculo social que daí emergem. O processo de complexização do “organismo rede”, continua com as metrópoles cibernéticas contemporâneas, as “ciberurbes” (LEMOS, 2007). Estas podem ser definidas como cidades onde as infraestruturas de comunicação e informação já são uma realidade e as práticas daí advindas constituem uma nova urbanidade. Essa urbanidade chamamos em outro lugar de “ciberurbe”. (LEMOS, 2007, p. 122-123).

⁵¹ O gráfico trata de hipótese de um possível cruzamento das informações. Há cerca de um ano o *Facebook*, retirou de sua plataforma digital as ferramentas que possibilitavam os cruzamentos de informações e; encontrar denominadores comuns entre os grupos, idade, região geográfica, interesses, fotos, lugares e eventos.

A comunicação em rede, além de modernizar por completo as estratégias organizacionais do evento e divulgar em maior abrangência geográfica, também atrai um público com faixa etária mais jovem pelo perfil das comunidades do *Facebook*; por isso, encontramos uma diversidade maior nos grupos de participantes. Como exemplo: os *cosplays* que começaram a se reunir no parque por volta de 2011, em 2015 tornaram-se um evento à parte dentro da própria festa, o que podemos considerar também como forma de hibridização e democrática para novas expressões culturais e cidadania.

Lima (2011) assinala que o conceito de cidadania pode ser dividido em três bases institucionais distintas:

A primeira é a cidadania civil, que tem como princípio básico a liberdade individual e como direitos, por exemplo, a liberdade de expressão, a liberdade de ir e vir, a igualdade perante a lei, o direito de propriedade, o direito de não ser condenado sem o devido processo legal. A segunda é a cidadania política, que tem como princípio básico o direito à informação e que significa participar do exercício do poder público tanto diretamente pelo governo, quanto indiretamente pelo voto. A terceira é a cidadania social, que tem como princípio básico a participação na riqueza coletiva através do direito à educação, à saúde, ao emprego, a um salário justo e a *comunicar-se*. (LIMA, 2011, p. 129-130).

Diferentemente do momento migratório na década de 1980, em que o indivíduo se encontrava fragmentado emocional e socialmente, no ciberespaço esses sujeitos sociais exercitam seu direito de comunicar-se; quando em rede, discutem a busca de soluções para as questões locais, divulgam pequenos comércios da região, discutem temas sobre a educação e a busca de controle dos espaços físicos do bairro para conter a violência, fazem propostas de imóveis e ofertas de trabalho.

A comunicação no espaço virtual fortaleceu esse grupo na construção de sua identidade enquanto comunidade, e lhes permitiu maior acesso às informações locais em tempo real.

Novamente, Lemos (2007, p. 125) nos mostra que “diferentemente dos meios de massa, como a televisão e jornais, os meios de função pós-massiva permitem a personalização, publicação e a disseminação da informação de forma não controlada por empresas ou por concessões do Estado”.

A imagem a seguir é um exemplo. O Verdejando, promovido pela *Rede Globo de Televisão*⁵², promove consciência ambiental em bairros de periferia e comunidades carentes, distribuição de mudas de plantas e atividades culturais com artistas locais. Em setembro de 2015, teve grande participação dos moradores do Conjunto José Bonifácio (COHAB II) e sua divulgação aconteceu somente nas redes sociais.

Figura 30 – Inauguração da Praça Brasil com a festa promovida pelo Verdejando em 17/10/2015.



Fonte: Fátima Nunes

A integração por esse meio também se dá na divulgação e participação desses sujeitos nos *blogs*, nos quais incluem *links*, as programações culturais no bairro, os shows do SESC Itaquera, as diversas ofertas de cursos livres, as apresentações de grupos de dança e capoeira dos centros comunitários, as atividades culturais no bairro promovidas pela prefeitura e suas festas tradicionais como a Festa das Cerejeiras.

Facilmente identificável nos sites de busca no *Google*, ao digitarmos o nome da última festa realizada (37ª. Festa das Cerejeiras em Flor) nos dias 31 de julho a

⁵² A Rede Globo não divulgou o evento em sua programação como de costume no SPTV 1ª e 2ª edição, pelo desconforto causado por uma matéria que criticava o uso de verba da prefeitura, na reforma do espaço de lazer da praça. Manteve sua agenda e como a prefeitura publicou apenas no site oficial.

02 de agosto de 2015, encontramos uma lista de 61.100 resultados relacionados a esse evento. Também obtivemos 114.000 *links* no *site* UOL.

Destacamos alguns *links* que, além de nos dar uma dimensão do público envolvido, confirma o poder da atuação da comunicação nesses ciberespaços como elemento de continuidade da imagem das cerejeiras e dos japoneses como símbolos ou mitos fundadores do bairro.

Tabela 8 – Sites acessados em 28/08/2015

PÚBLICO	ENDEREÇO VIRTUAL
25.254 seguidores	https://www.facebook.com/festadascerejeirasparquedocarmo
80.000 Convidados 51.000 confirmados	https://www.facebook.com/events/1591731691116582/
203.269 convidados 56.125 confirmados	http://heyevent.com/event/7u6jrmw27ssfqa/37a-festa-das-cerejeiras-do-parque-do-carmo-2015
Pessoas que se organizam p visitar a festa	Grupos particulares no Facebook para visitação da festa Encontramos 34 páginas formadas de grupos familiares, religiosos evangélicos, estudantes, saídas fotográficas e inscrições de voluntários.
Editora de eventos japoneses no Brasil	http://editorajbc.com.br/agenda/37-festa-das-cerejeiras-do-parque-do-carmo/
Blog com Agenda do evento	http://diariodesampa.com/2015/07/festa-das-cerejeiras-2015-no-parque-do-carmo-participe/
Matéria da repórter Ananda Apple 3 chamadas ao vivo durante a programação na sexta feira	http://g1.globo.com/sao-paulo/blog/o-que-fazer-em-sao-paulo/post/festa-das-cerejeiras-no-parque-do-carmo-vai-ate-domingo.html
G1.com/ Portal rede Globo	- Bom dia São Paulo com Ananda Apple quadro VERDE gravado dois dias antes da festa, quando do auge do florescimento. - SPTV Edições 1 e 2: A repórter Ananda Apple em chamadas ao vivo durante a programação na sexta-feira, de 6h às 13h - JN Jornal Nacional - Jornal CBN - Jornal O Globo
TV Cultura	- Repórter ECO
Site de programação gratuita na cidade	https://catracalivre.com.br/sp/agenda/gratis/parque-do-carmo-realiza-a-37a-edicao-a-festa-das-cerejeiras/
Site de passeios e excursões	http://sp.viajantebrasileiro.com.br/especialista/parque-carmo-lindas-cerejeiras-na-zona-leste/
Revista Veja Ed. on-line	http://vejasp.abril.com.br/atracao/37a-festa-das-cerejeiras-parque-do-carmo/
Jornal Estadão Ed. on-line	http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,parque-do-carmo-abre-festa-das-cerejeiras,1736226
Site Prefeitura do município de São Paulo	http://www.capital.sp.gov.br/portal/noticia/5865#ad-image-0

Fonte: Elaborada pela autora

A visualidade pós-moderna é a encarnação de uma dupla perda: do roteiro e do autor. A desapareição do roteiro quer dizer que já não existem os grandes relatos que organizavam e hierarquizavam os períodos do patrimônio, a vegetação de obras cultas e populares nas quais a sociedade e classes se reconheciam e consagravam suas virtudes. Por isso na pintura recente um mesmo quadro pode ser ao mesmo tempo hiper-realista, impressionista e *pop*, um retábulo ou uma máscara combinam ícones tradicionais com o que vemos na televisão. O pós-modernismo não é um estilo mas a co-presença tumultuada de todos, o lugar onde os capítulos da história da arte e do folclore cruzam entre si e com as novas tecnologias culturais. (CANCLINI, 2002, p. 329).

A visibilidade por meio dessa ampla divulgação exerce uma grande atração de turistas urbanos que consomem esses produtos culturais. A idéia de tradição da comunidade de orientais no bairro, aliada à questão visual, seduz pelo resultado fascinante da florada com seus significados simbólicos e cria novas lendas urbanas.

Na última festa, em 2015, pudemos perceber a união dos valores cultivados pelos formadores do bosque, com as danças tradicionais e o esmero na recepção dos idosos. Essa foi também uma programação que mesclou tendências e comprovou uma nova fase inevitável de hibridação cultural, a qual gerou uma identificação com o novo perfil de público, em seu território comunicacional pós-massivo.

Muito popular e visualmente espetaculares são as danças típicas de celebração do *hanami*, com leques orientais e senhoras vestidas de ricos *kimonos* e sombrinhas de papel de arroz, cujas apresentações são intercaladas com grupos da terceira idade (compostos por descendentes japoneses) de danças como forró, música *country* e *twist*.

Encontramos uma produção visual que envolve os elementos simbólicos que são amplamente expostos na festa, quer por uso de figurinos, objetos decorativos, acessórios, quer por maquiagem ou instrumentos, e que exercem fascínio ao público que se transporta para um tempo e espaço construídos para reforçar o imaginário coletivo. Os produtos oferecidos comercialmente no evento são mudas de cerejeiras e alimentos tradicionais japoneses que dividem espaço com barracas de churrasquinhos, cocadas, sonhos, tapiocas e artesanatos de crochê. Outro exemplo: a cantora japonesa, Mariko Nakahira, há 14 anos viaja especialmente ao evento para apresentação de música tradicional, mesclando música popular brasileira (de Tom Jobim, Roberto Carlos a Michel Teló).

Também o reconhecido cantor sertanejo da comunidade japonesa, Joe Hirata, participa de praticamente todos os eventos da colônia no Estado de São Paulo.

Figura 31 – Joe Hirata na 37ª. Festa das Cerejeiras no Parque do Carmo, 2015



Fonte: Fátima Nunes

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *hanami*, comemoração da florada das cerejeiras, passou a ser um evento vinculado ao bairro de Itaquera e faz parte do calendário turístico do Estado de São Paulo. Encanta os que visitam o bosque florido pela primeira vez e é percebido nas ruas do bairro, quer pelos nomes dos japoneses pioneiros da Colônia, quer pela população que leva para casa, em forma de muda de árvore, um pedaço “desse” Japão.

A população que migrou para Itaquera com os programas de habitação, os *outsiders*, como vimos, participa dos eventos, quer por meio do trabalho voluntário, quer pela ideia de tradição pela repetição. Inseridos pelas redes sociais ou pelo hábito de participar do evento desde quando se abriu ao público, os *outsiders* colaboraram para o hibridismo do bairro.

Partindo do utilitário (produção de alimentos) para o simbólico (flores e festa das cerejeiras) os japoneses ressignificaram a Festa e o espaço do Bosque das Cerejeiras como patrimônio simbólico cultural desse coletivo. Identificamos esse desenvolvimento quando Arantes (1984) refere-se ao conceito de cultura como aquela que toma por referência básica a regularidade e o significado dos comportamentos criados pela manipulação dos sistemas simbólicos.

O reconhecimento da importância da dimensão simbólica no comportamento humano permite recolocar certos aspectos que havíamos encontrado na noção de senso comum e implica a existência de múltiplas referências no conceito de cultura. Uma delas remete, basicamente, aos produtos da atividade humana e se refere mais diretamente à produção material: pinturas, monumentos, objetos. Mas há também o reconhecimento de uma produção mais especificamente simbólica, que resulta da manipulação da linguagem: obras literárias, teorias científicas, sistemas religiosos, códigos jurídicos. Essa noção de produção simbólica é fundamental, pois nos permite atingir o problema central da concepção de cultura que é a questão da significação. (ARANTES, 1984, p. 26-27).

Apesar de ser um jornal de bairro de circulação restrita, o *NI* foi prestador de serviços e formador de gostos (mas não de opiniões). O jornal cumpriu seu papel, qual seja, o de fomentar as culturas (no plural, mesmo) entre “estabelecidos” e *outsiders*. Além disso, também colaborou para o bairro se inserir cada vez mais na geografia da cidade, especialmente em agosto, nas floradas das cerejeiras.

Atualmente, a pouca periodicidade de suas publicações conota a fragilidade da sua sustentabilidade, mesmo tendo migrado para o espaço virtual. Ao longo dos anos da globalização, o jornal perdeu seu significado e expressão enquanto veículo informacional. Também não tem mais valor cultural na forma introdutória dos símbolos culturais e sociais da comunidade para a sociedade local.

A divulgação do evento pelas mídias virtuais e televisivas incentivou um grande deslocamento de turistas urbanos, os quais jamais tiveram conhecimento da existência do *NI*.

No entanto, os conceitos de mito fundador que geraram a identidade dessa comunidade no início de seu processo de transformações culturais no bairro são visivelmente constatados nos dias atuais, por meio da renovação desse discurso nas mídias sociais e em seus espaços informacionais. Com isso, as idéias de tradição e de patrimônio cultural se mantêm vivas por meio da repetição em nível global.

Inversamente ao caminho que trilhou o insucesso atual do jornal *NI*, as redes sociais, beneficiadas pelas facilidades e baixos custos para sua divulgação, são transformadoras de hábitos e geram novas comunidades no ciberespaço. A fluidez dessas mídias abrange o território informacional, mais significativo e numeroso, multiplicando e agilizando a comunicação, o que permite a manutenção das práticas culturais e resgata constantemente a memória e os valores simbólicos dos japoneses no bairro de Itaquera.

Disseminando uma nova forma de identificação, também há um novo perfil de público desse grupo, que se articula em rede e se adaptou, assimilando novas práticas e hibridizando-se também.

As facilidades dessa comunicação, aliadas à visibilidade nas mídias televisivas que exploram o evento nas várias faces, quer visual, simbólico, turístico, ambiental, patrimonial, de cultura urbana ou de lazer, contribuem para o fortalecimento e continuidade das idéias de mito fundador do qual que esse grupo de orientais fortemente se beneficiou na disseminação de suas práticas culturais, sociais e também políticas, inicialmente na sociedade local e, nos dias atuais, em todo o mundo

A mitificação desse grupo pela sociedade é replicada na forma dos depoimentos livres escritos no livro de assinaturas dos turistas que estiveram na Festa das Cerejeiras de 2015, como podemos constatar a seguir.

“Festa maravilhosa e um parque deslumbrante dentro de São Paulo. **A festa traduz a riqueza de um povo!!** As cerejeiras lindíssimas!

Adorei a exposição dos 90 anos da Colônia Nipônicos dessa **família japonesa no nosso país. Amigos para sempre.** Japão e Brasil. J. F. S

Simplemente lindo **organizados** e as pessoas até **parecem mais educadas** dado o todo do evento. A. L.

Admiro aqueles que respeitam a cultura japonesa, o **respeito** dos quais eles passam deveria ser **contaminante. Cultura maravilhosa** e está além de tudo, tem amor ao próximo!

Neste imenso universo, em que o ser humano ainda não sabe onde começa e onde termina, a **colônia Japonesa** nos **proporciona esta maravilha**, que encanta os olhos, a alma e a vida. L.V.

Sinto que esta beleza desse bosque tem suor e muito **trabalho** de homens que não estão mais conosco. Devemos ter consideração e manter isso para as futuras gerações. Obrigada. A.S.

Estive aqui e fiquei contente em conhecer e reconhecer o trabalho de um **povo culto e organizado.**

Parabéns por mais um ano e que por muitos ainda continuem florescendo o que mais belo existe na mãe natureza. A preservação do meio ambiente e de todas as imigrações originárias que Deus abençoou em nosso lindo país chamado Brasil! E o mais belo de tudo é que essa beleza se encontra na **colônia Japonesa que tanto faz e fez por e no país, fazendo este ainda mais bonito.** Parabéns por esta linda festa! Obrigada por esse carinho aqui em Itaquera. S.B.S.

Parabéns aos organizadores! Deu vontade de chorar com tantas recordações, sou da região de Itaquera desde 1975. Pena que deixaram a colônia japonesa acabar. O governo da Dona Martha Suplicy transformou a área em urbana e os colonos não conseguiram mais pagar o alto valor do IPTU. Dá pena de ver no que se transformou a área, só favelas e até a APA está destruindo. O povo japonês é educado e gentil, os **brasileiros deveriam aprender com esse povo ordeiro e trabalhador.** M. H. F.

Sempre respeitei todo e qualquer tipo de **trabalho** deste **fascinante povo!**

Parabéns pela homenagem aos imigrantes, e a **Cohab II** agradece pelo seu **desenvolvimento.** Z. E.

As palavras que grifamos acima são usadas pelos visitantes para definir a Colônia Japonesa e têm uma estreita relação com o discurso da mídia local, o NI. Esse mesmo jornal, como vimos, por muito tempo levou à sociedade de Itaquera a assimilar esses conceitos, quer por ideologia política de exclusão, quer por ser a voz que representou a força, o poder dos “estabelecidos” e o ideal da cultura hegemônica no bairro e que, ainda assim, teve inegável participação na construção do hibridismo local.

Atualmente, o Parque do Carmo está reformulado e atualizado com os novos conceitos urbanos de espaço e lazer. Recebeu iluminação noturna, uma ciclovia em

seu entorno e novos equipamentos de ginástica ao ar livre. Também conta com um horário mais flexível, graças à iluminação em seus espaços mais utilizados para treinamento de atletas. Reformou seus banheiros e possui nova comunicação visual, como também, novo nome: Parque Olavo Egydio Setúbal - Parque do Carmo, em homenagem ao seu idealizador.

Essa modernização do parque é apenas reconhecida visualmente e no uso dos espaços pelos moradores locais, isto é, os novos “estabelecidos”. Aos turistas que o visitam pela primeira vez, a maior referência desse lugar está no elemento hibridizado mais significativo da região: o Bosque das Cerejeiras.

O uso turístico étnico-cultural pode ser *material* (as construções de monumentos pelo parque com inscrições em ideogramas japoneses, que identificam esses grupos) ou *imaterial*, com a interação entre os mesmos por meio do intercâmbio da migração, da hibridação e do cruzamento das identidades que dão origem ao hibridismo cultural, também na cidade de São Paulo.

O patrimônio da comunidade nipônica na região de Itaquera, durante as últimas quatro décadas, passou de material (com a produção de frutas como o pêssego e festa vinculada à colheita destinada apenas àquela comunidade) para imaterial, como produto cultural nas celebrações da festa das cerejeiras. Esse sucesso decorre também das mudanças urbanísticas que obrigaram muitos desses personagens a migrar para outras localidades, mas que retornam ao local de origem para dedicar-se à manutenção do *hanami*.

O Bosque das Cerejeiras, com a Festa das Cerejeiras, criou vínculos identitários com a memória dos pioneiros e sua histórica trajetória de desenvolvimento agrícola, cultural e política no bairro. Inicialmente como um jogo de poder com aval da sociedade local, teve seu fortalecimento na mídia pós-massiva.

O *NI* teve expressiva participação nesse processo introdutório na divulgação dos valores étnico- culturais da comunidade com uso da linguagem e seu poder enquanto comunicador.

O sucesso do evento e a divulgação em outros veículos da mídia, como a televisiva, contribuiu para a confirmação do uso turístico desse espaço por meio da identidade visual desenvolvida ao longo dos anos e com o crescimento das árvores, da festa e da florada do bosque.

A grande visitação de turistas, aliada à nova geração de administradores e programadores do evento, gerou também uma nova fase de hibridização com as

comunidades virtuais do ciberespaço, em especial nas formas como estes personagens se articulam para visitar ou trabalhar na festa.

A apresentação desse espetáculo se compara aos grandes eventos de expressões culturais tradicionais da etnia oriental em outras cidades pelo mundo.

Os símbolos visuais que os identifica (decoração, danças, tambores de *taikô*, gastronomia típica com alimentos que são preparados e comercializados por descendentes das primeiras famílias) também se hibridizaram por completo. Esse fenômeno é perceptível, inicialmente, com a oferta de produtos que atendem às exigências dos consumidores diversos, como tapiocas, doces de leite, cocadas, churrasquinhos; adiante, para além da programação que tem uma mescla das tradições ancestrais e danças populares como forró, *rock and roll* e samba, reflete também a diversidade de gostos e origens dos integrantes dos grupos que se apresentam.

A festa com suas mudanças e adaptações às novas estruturas comunicacionais, confirma o constante processo de hibridismo cultural que a identifica e a insere também como elemento globalizado a partir da cidade de São Paulo.

Artigo 4 – A defesa da diversidade cultural é um imperativo ético, inseparável do respeito à dignidade humana. Ela implica o compromisso de respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais, em particular os direitos das pessoas que pertencem a minorias e os dos povos autóctones⁵³. Ninguém pode invocar a diversidade cultural para violar os direitos humanos garantidos pelo direito internacional, nem para limitar seu alcance. (UNESCO, 2002).

⁵³ **Significado** de "autóctone" adj m+f (gr autókhthon) 1 Natural do país em que habita e proveniente das raças que ali sempre habitaram; aborígine, indígena. 2 Diz-se da primeira língua que se falou num país. 3 Med Aplica-se aos fenômenos que se produzem no próprio lugar onde são percebidos.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, A. A.; Estratégias de construção de Patrimônio Cultural, **Produzindo o Passado**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.
- BAUDRILLARD, J.; **Simulacros e Simulação**. Lisboa, Relógio D'Água, 1991.
- BENEDICT, Ruth, **O crisântemo e a espada**, padrões da cultura japonesa. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- BENI, M. C. **Sistema de Turismo – SISTUR** Estudo do Turismo face à Moderna Teoria de Sistemas. São Paulo: Ed.USP, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil S/A, 1989.
- CANCLINI, N. G.; **Culturas Híbridas**; estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- _____. **Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação**, OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. VIII, nº1, 2002.
- CARDOSO, R. C. L.; **Estrutura Familiar e Mobilidade Social**- Estudo dos Japoneses no Estado de São Paulo (tese de doutoramento, 1972) edição bilíngüe português/japonês São Paulo: Primus Comunicação, 1995.
- CHAUÍ, M. **BRASIL Mito Fundador E Sociedade Autoritária**. 1ª Edição: Abril De 2000, 2ª Reimpressão: Outubro De 2001, Revisão Maurício Balthazar Leal Vera Lúcia Pereira. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/brasil_mitofundador_e_sociedade_autoritaria_marilena_chau_i.pdf>. Acesso 20/02/2016.
- CHAUÍ, M. **Cultura e democracia** . En: Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed.UNESP, 2001.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. São Paulo: Artmed, 2010.
- ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FILOCZAR. **Dicionário de Sociologia**. Disponível em: <<http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/DICIONARIO-DE-SOCIOLOGIA.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2016
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 20.ed. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. **Microfísica do Poder**. 7.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

_____. **Aqueologia do Saber**, tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do Discurso**, aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault_ordemdodiscurso.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2016.

FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (orgs.) et al. **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2002.

GOFFMAN, I. **Estigma** – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, Título Original: Stigma – Notes on the Management of Spoiled Identity; 1963 Tradução: Mathias Lambert, Digitalização: 2004. Disponível em: <<https://groups.google.com/forum/#!topic/tousp2009/sEpQVmt9zgo>>. Acesso em: 15 fev. 2016

GOVE, J.; S. WATT. “Identity and gender” in K. Woodward (ed.), **Questioning identity: gender, class, ethnicity**. Londres: Routledge, 2004.

HALBWACHS, M., **A memória coletiva**, traduzido do original francês: La mémoire Collective (2ª. ed.), Paris: Press Universitaires de France, 1968. Tradução de Larent León Schaffer. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, S. Fundamentalismo, diáspora e hibridismo. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HAMBURGUER, E. I. Indústria cultural brasileira (vista daqui e de fora). In: MICELI, Sérgio (Org.). **O que ler na ciência social brasileira**. São Paulo: ANPOCS/Editora Sumaré, Brasília: Capes, p. 53-84, 2002.

LEMOS, A. **Cidade e mobilidade. Telefones celulares**, funções pós-massivas e territórios informacionais. Matrizes, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, 2007.

LEPETIT, B. **Por uma nova história urbana**; Bernard Lepetit; seleção de textos, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro; tradução Cely Arena.- São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

LIMA, V. A., **Regulação das comunicações: História, Poder e Direito**. São Paulo, Paulus, 2011.

MARTÍN-BARBERO, J.; **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MENESES, U. T. B. Conferência Magna – **O Campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. in I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural : desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009 / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; coordenação, Weber Sutti. -- Brasília, DF: Iphan, 2012.

_____. **Os “usos culturais” da cultura**. In; YAZIGI, et al. Turismo; espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 88-99.

MENEZES, J. E. de O. **Os meios da comunicação**. São Paulo, Annablume, 2005.

REIS, M. E. F. **Brasileiros no Japão: o elo humano das relações bilaterais**; tradução para japonês de Masato Ninomiya. São Paulo: Kaleidus-Primus, 2001.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TRAVANCAS, I. **Fazendo etnografia da comunicação**. In Duarte, J.; Barros, D. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S., **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2005.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2016

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CORNEJO, C., Yumi, M. **Kasato Maru a alvorada do novo mundo**. São Paulo: Ed. Jaboticaba Design, 2012

HANDA, T. O imigrante japonês. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

GONÇALVES, J. R. dos S. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ IPHAN, 2002.

NONONO, Nononon; **De sol a sol: o Japão que nasce no Brasil: perfis**/ Fernando Portela.-1ª. ed.- São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2008.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAKURAI, Célia; **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2014.

WADA, K.; ODA, Sergio. **Sakura: Cultivando uma semente de amizade entre o Japão e o Brasil**. São Paulo, 2008.

ANEXOS

- 1- Print Infocidade Prefeitura de São Paulo/ Densidade demográfica 1980- 2010
- 2- Mapa dos limites da Cohab 1 com bairro de Itaquera
- 3- Mapa dos limites da Cohab 2 com o bairro de Itaquera
- 4- Print Jornal *Folha de S. Paulo* 25/06/1981, 1º. Caderno, p 18
- 5- Print Jornal *Folha de S. Paulo* 30/06/1981, 1º. Caderno p. 10
- 6- Print Jornal *Folha de S. Paulo* 01/07/1981, 1º. Caderno, p. 13

Anexo 1

23/04/2016

infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseada_e_taxas_de_crescime_1980_10747.html

População Recenseada e Taxas de Crescimento
Município de São Paulo, Regiões e Distritos Municipais
1980, 1991, 2000 e 2010

Unidades Territoriais	1980	Tx. Cresc.80/91	1991	Tx. Cresc.91/2000	2000	Tx. Cresc.2000/10	2010
MSP	8.493.226	1,16	9.646.185	0,88	10 434 252	0,76	11 253 503
CENTRO	526.170	-1,24	458.677	-2,24	373 914	1,43	431 106
Bela Vista	85.416	-1,56	71.825	-1,41	63 190	0,95	69 460
Bom Retiro	47.588	-2,47	36.136	-3,35	26 598	2,45	33 892
Cambuci	44.851	-1,72	37.069	-2,80	28 717	2,55	36 948
Consolação	77.338	-1,35	66.590	-2,20	54 522	0,51	57 365
Liberdade	82.472	-0,71	76.245	-2,29	61 875	1,11	69 092
República	60.999	-0,49	57.797	-2,11	47 718	1,79	56 981
Santa Cecília	94.542	-0,88	85.829	-2,06	71 179	1,64	83 717
Sé	32.965	-1,74	27.186	-3,29	20 115	1,63	23 651
LESTE	2.877.590	1,70	3.465.397	1,13	3.835.354	0,42	3.998.237
Leste 1	1.630.352	0,02	1.634.838	-0,42	1 574 554	0,27	1 617 454
Água Rasa	112.609	-1,52	95.099	-1,12	85 896	-0,11	84 963
Aricanduva	92.790	0,36	96.512	-0,20	94 813	-0,56	89 622
Artur Alvim	107.130	0,92	118.531	-0,71	111 210	-0,55	105 269
Belém	57.195	-1,27	49.697	-2,49	39 622	1,29	45 057
Brás	38.630	-1,28	33.536	-3,14	25 158	1,52	29 265
Cangaíba	97.792	1,49	115.070	1,99	137 442	-0,06	136 623
Carrão	99.218	-1,15	87.336	-1,22	78 175	0,63	83 281
Moóca	84.583	-1,45	71.999	-1,42	63 280	1,81	75 724
Pari	26.968	-2,12	21.299	-3,95	14 824	1,56	17 299
Penha	140.213	-0,48	133.006	-0,75	124 292	0,28	127 820
São Lucas	156.430	-0,26	152.036	-0,96	139 333	0,21	142 347
Sapopemba	178.989	3,37	257.617	1,02	282 239	0,08	284 524
Tatuapé	89.389	-0,80	81.840	-0,34	79 381	1,45	91 672
Vila Formosa	106.108	-0,73	97.940	-0,47	93 850	0,10	94 799
Vila Matilde	117.530	-0,68	109.023	-0,64	102 935	0,19	104 947
Vila Prudente	124.777	-0,79	114.297	-1,25	102 104	0,21	104 242
Leste 2	1.247.239	3,55	1.830.559	2,37	2 260 800	0,52	2 380 783
Cidade Líder	70.508	2,98	97.370	2,05	116 841	0,81	126 597
Cidade Tiradentes	8.603	24,55	96.281	7,89	190 657	1,04	211 501
Emelino Matarazzo	80.513	1,57	95.609	1,24	106 838	0,62	113 615
Guaianases	50.417	4,45	81.373	2,15	98 546	0,54	103 996
Iguatemi	32.595	5,67	59.820	6,08	101 780	2,29	127 662
Itaim Paulista	107.259	3,89	163.269	2,98	212 733	0,52	224 074
Itaquera	126.727	3,00	175.366	1,56	201 512	0,17	204 871
Jardim Helena	91.079	2,41	118.381	1,81	139 106	-0,30	135 043
José Bonifácio	24.049	14,21	103.712	0,36	107 082	1,49	124 122
Lajeado	69.418	4,51	112.807	3,80	157 773	0,42	164 512
Parque do Carmo	35.099	4,12	54.743	1,76	64 067	0,64	68 258
Ponte Rasa	96.794	0,54	102.702	-0,51	98 113	-0,44	93 894
São Mateus	118.421	2,22	150.764	0,30	154 850	0,02	155 140
São Miguel	100.182	0,25	102.964	-0,62	97 373	-0,56	92 081
São Rafael	70.443	2,24	89.862	3,74	125 088	1,42	143 992
Vila Curuçá	95.451	2,43	124.300	1,84	146 482	0,17	149 053
Vila Jacuí	69.681	3,45	101.236	3,83	141 959	0,03	142 372
NORTE	1.788.422	0,78	1.947.435	0,80	2.092.360	0,57	2.214.654
Norte 1	882.213	0,24	905.917	-0,23	887 140	0,30	914 395
Jaçanã	80.080	0,74	86.830	0,62	91 809	0,30	94 609
Mandaquã	88.203	1,51	104.022	-0,10	103 113	0,42	107 580
Santana	139.026	-0,09	137.679	-1,10	124 654	-0,48	118 797
Tremembé	96.815	2,36	125.075	3,04	163 803	1,88	197 258
Tucuruvi	115.586	-0,30	111.884	-1,31	99 368	-0,09	98 438
Vila Guilherme	68.410	-0,95	61.625	-2,30	49 984	0,84	54 331
Vila Maria	132.081	-0,67	122.662	-0,83	113 845	-0,03	113 463
Vila Medeiros	162.011	-0,34	156.140	-1,16	140 564	-0,78	129 919
Norte 2	906.210	1,27	1.041.518	1,64	1 205 220	0,76	1 300 259
Anhanguera	5.350	7,95	12.408	13,38	38 427	5,54	65 859
Brasília	166.441	1,76	201.591	2,30	247 328	0,69	264 918
Cachoeirinha	105.726	1,60	125.852	1,79	147 649	-0,28	143 523
Casa Verde	103.455	-0,64	96.396	-1,57	83 629	0,24	85 624
Freguesia do Ó	150.578	0,13	152.672	-0,58	144 923	-0,18	142 327
Jaraguá	47.416	6,33	93.185	5,11	145 900	2,39	184 818
Limão	88.911	0,15	90.422	-1,07	82 045	-0,22	80 229
Perus	36.196	2,26	46.301	4,81	70 689	1,27	80 187
Pirituba	132.679	1,26	152.305	0,67	161 796	0,37	167 931
São Domingos	69.457	0,12	70.386	1,83	82 834	0,24	84 843
OESTE	983.455	0,17	1.002.489	-0,94	920 806	1,06	1 023 486
Alto de Pinheiros	51.178	-0,15	50.351	-1,37	44 454	-0,30	43 117
Barra Funda	17.894	-1,02	15.977	-2,29	12 965	1,04	14 383
Butantã	56.934	0,17	58.019	-1,07	52 649	0,29	54 196
Itaim Bibi	114.956	-0,61	107.497	-3,04	81 456	1,29	92 570
Jaguara	32.771	-0,86	29.798	-1,62	25 713	-0,32	24 895
Jaguaraé	39.867	0,98	44.361	-0,48	42 479	1,62	49 863
Jardim Paulista	117.804	-1,20	103.138	-2,30	83 667	0,58	88 692
Lapa	83.705	-1,57	70.319	-1,71	60 184	0,89	65 739
Morumbi	31.077	2,33	40.031	-1,61	34 588	3,10	46 957
Perdizes	117.392	-0,69	108.840	-0,67	102 445	0,82	111 161

23/04/2016

infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseada_e_taxas_de_crescime_1980_10747.html

Pinheiros	94.679	-1,67	78.644	-2,43	62.997	0,37	65.364
Raposo Tavares	49.370	4,82	82.890	1,07	91.204	0,94	100.164
Rio Pequeno	84.798	1,76	102.791	0,93	111.756	0,58	118.459
Vila Leopoldina	28.177	-0,45	26.827	0,02	26.870	3,92	39.485
Vila Sônia	62.853	2,56	83.006	0,57	87.379	2,18	108.441
SUL	2.317.588	1,64	2.772.187	1,65	3.211.818	1,11	3.586.020
Sul 1	945.783	0,27	974.276	-0,21	956.366	0,77	1.032.216
Cursino	116.473	-0,48	110.435	-0,87	102.089	0,67	109.088
Ipiranga	117.588	-1,33	101.533	-0,30	98.863	0,78	106.865
Jabaquara	196.151	0,81	214.350	-0,01	214.095	0,44	223.780
Moema	72.162	0,63	77.340	-0,90	71.276	1,58	83.368
Sacomã	163.967	2,33	211.200	0,87	228.283	0,83	247.851
Saúde	136.221	-0,66	126.596	-0,77	118.077	1,03	130.780
Vila Mariana	143.222	-0,68	132.822	-0,79	123.683	0,54	130.484
Sul 2	1.371.805	2,49	1.797.911	2,55	2.255.452	1,25	2.953.804
Campo Belo	75.631	0,28	77.952	-1,73	66.646	-0,13	65.752
Campo Grande	70.485	1,39	82.052	1,20	91.373	0,98	100.713
Campo Limpo	110.556	3,39	159.471	2,06	191.527	0,99	211.361
Capão Redondo	128.194	3,81	193.497	2,46	240.793	1,10	268.729
Cidade Ademar	219.649	0,45	230.794	0,59	243.372	0,92	266.681
Cidade Dutra	122.990	2,92	168.821	1,40	191.389	0,26	196.360
Grajaú	117.301	4,67	193.754	6,22	333.436	0,79	360.787
Jardim Ângela	107.580	4,70	178.373	3,63	245.805	1,86	295.434
Jardim São Luis	163.634	2,04	204.284	1,77	239.161	1,14	267.871
Marsilac	4.439	2,76	5.992	3,83	8.404	-0,18	8.258
Parelheiros	31.711	5,24	55.594	7,07	102.836	2,46	131.183
Pedreira	63.058	2,86	86.001	4,47	127.425	1,25	144.317
Santo Amaro	93.255	-1,90	75.556	-2,43	60.539	1,69	71.560
Socorro	40.738	0,53	43.194	-1,10	39.097	-0,34	37.783
Vila Andrade	22.584	5,93	42.576	6,28	73.649	5,60	127.015

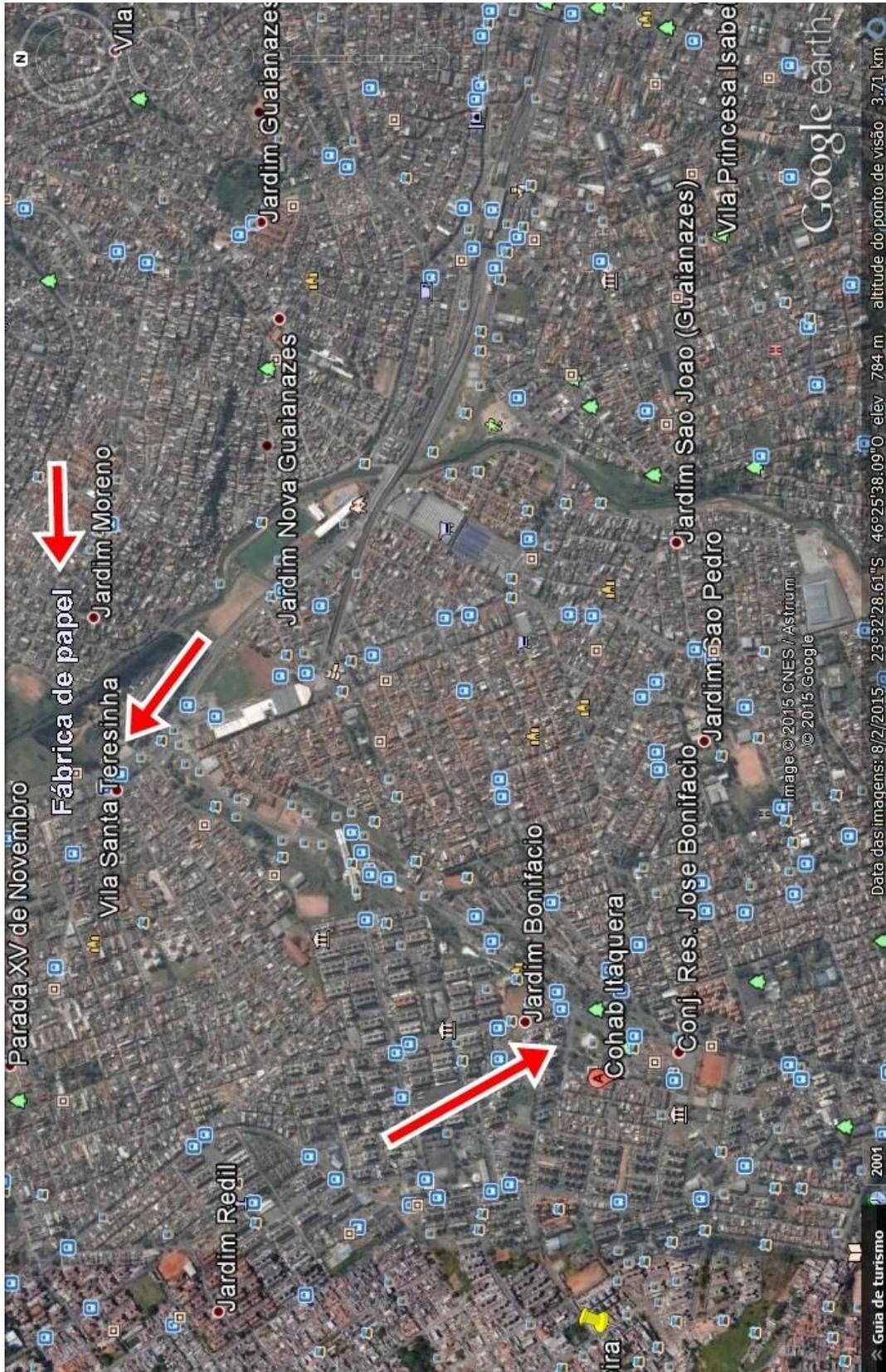
Fonte: IBGE - Censos Demográficos 1980, 1991, 2000 e 2010

Elaboração: SMDU/Deinfo

Anexo 2



Anexo 3



Anexo 4

As novas fronteiras vão para o Leste

A cidade expande suas misérias

Criminalidade, sub-habitação e falta de infra-estrutura acompanham o crescimento

1 A casa lata é, atualmente, o símbolo de uma cidade em expansão. É de alvenaria, com telhado de zinco e paredes de tijolo. Mas a expansão não se dá apenas por uma questão de espaço. Há, também, uma expansão de miséria, de criminalidade, de falta de infra-estrutura e de serviços públicos.

Itaquera, dos peões aos assaltos

É uma pequena cidade de 15 mil habitantes, com uma economia baseada na indústria de calçados. Mas a expansão urbana trouxe consigo a criminalidade e a falta de serviços públicos.



Favelas e samambaias, as "atrações"

1 A favela é o símbolo da expansão urbana descontrolada. É uma área de sub-habitação, com falta de serviços públicos e criminalidade.

1 A expansão urbana trouxe consigo a criminalidade e a falta de serviços públicos. É uma área de sub-habitação, com falta de serviços públicos e criminalidade.

Uma dura batalha, que esgotou o administrador

1 "Fizemos, ao longo dos últimos meses, um trabalho muito duro para resolver os problemas da cidade. Mas a batalha continua."



1 A batalha continua. O administrador está esgotado. A cidade continua a expandir suas misérias.

1 A expansão urbana trouxe consigo a criminalidade e a falta de serviços públicos. É uma área de sub-habitação, com falta de serviços públicos e criminalidade.

1 A expansão urbana trouxe consigo a criminalidade e a falta de serviços públicos. É uma área de sub-habitação, com falta de serviços públicos e criminalidade.

1 A expansão urbana trouxe consigo a criminalidade e a falta de serviços públicos. É uma área de sub-habitação, com falta de serviços públicos e criminalidade.

Anexo 5

A Cohab constrói uma nova cidade

RICARDO KOTSCHO

Esta é a sexta e última reportagem da série sobre a zona Leste da cidade, direção para a qual, segundo os urbanistas, São Paulo vai crescer, pelo menos até o ano 2000, sua situação, personagens e perspectivas.

São Paulo, zona Leste, 1985: quando o futuro chegar, e se todos os planos derem certo, o metrô e as grandes avenidas levarão a uma nova cidade de 1.685.000 habitantes, 337 mil moradias e 22.400.000 metros quadrados. Esta é a projeção que faz hoje o entusiasmado engenheiro aposentado da Prefeitura José Celestino Bourroul, 58 anos, há seis anos presidente da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab), que joga todos os seus trunfos nas novas fronteiras da zona Leste.

A decisão de levar os planos da então raquítica e mal-vista Cohab para a zona Leste foi adotada logo após a sua posse, seguindo um princípio básico: para produzir habitações populares a preços realmente acessíveis era preciso, antes de mais nada, adquirir terrenos baratos. Até por eliminação, foi escolhida a zona Leste, região de latifúndios improdutivos que serviam de locais de lazer para tradicionais famílias paulistanas.

Na zona Oeste, a urbanização já havia chegado e ultrapassado as fronteiras da cidade, não havia mais áreas livres; ao Norte, a serra da Cantareira e uma topografia desfavorável, reclamando custosos movimentos de terra, inviabilizavam economicamente qualquer projeto habitacional de baixo custo e, na zona Sul, além das dificuldades de acesso, a existência de mananciais hídricos apresentava incontornáveis restrições para a construção civil.

COMPRAR TERRENOS



Engenheiro José Celestino Bourroul.

teiros de obras da Cohab constituem um importante laboratório para os alunos dos cursos de pós-graduação da Politécnica.

Até se chegar a isso, porém, além das inovações tecnológicas foram fundamentais alterações na legislação. "Ou vamos construir para gente pobre ou a Cohab vai continuar sem fazer nada, como até hoje", disse Bourroul ao então prefeito Olavo Setúbal, que acabou autorizando a construção de prédios de cinco andares sem elevador, com a diminuição do pé direito — fatores que permitiram a diminuição dos custos.

O presidente da Cohab discorda dos que "ficam aí mostrando goteiras e paredes rachadas. Claro que esses problemas vez ou outra aparecem, como em qualquer construção, mas são exceções que não podem servir para inviabilizar todo o programa. Ora, como o financiamento foi feito em 25 anos e o

Anexo 6

▼ Voltar ao resultado de busca

Entrevista causa crise em Itaquera

Conselho comunitário quer que o administrador regional se retrate de declarações à "Folha"

O Conselho Comunitário de Itaquera, formado por representantes de diversas entidades da região, decidiu, em reunião realizada anteontem à noite, pedir a retratação do administrador regional de Itaquera-Guaianazes, jornalista Mário Augusto Ferreira, devido às suas declarações publicadas pela "Folha", na série de reportagens "As novas fronteiras vão para o Leste". O Conselho pede ainda que, caso o administrador negue-se a fazê-lo "amigavelmente", o desmentido será exigido judicialmente, sob a acusação de crime de difamação e calúnia "às famílias de Itaquera".

Ao receber integrantes do Conselho, o secretário de Negócios Extraordinários, Roberto Pastana Câmara, o "Doutor Amparo", externou que "por mim, ele já teria salido", referindo-se ao administrador e à crise criada pelas afirmações do regional. E prometeu uma solução para o caso, até amanhã.

Em entrevista concedida ao jornalista Ricardo Kotscho, Mário Augusto Ferreira fez um balanço sobre sua atuação frente à regional de Itaquera, na qual ilustrou suas colocações com diversos fatos ocorridos na Regional. O que mais irritou os membros do Conselho foi uma afirmação do administrador, segundo a qual, em algumas ruas onde estão localizadas as casas de classe média, não há uma única que não tenha sido assaltada, uma mulher que não tenha sido estuprada, dizendo ainda que "os casos de violação de mulheres são tão comuns que o delegado já nem anota mais".

Estas, no entanto, não foram as únicas afirmações contestadas pelo Conselho. Seus membros dizem estar "revoltados" com uma expressão usada por Mário Augusto, quando este conta como foi convidado, pelo telefone, pelo prefeito Reinaldo de Barros para administrar Itaquera. "Ele (o prefeito) é louco, ligar a uma hora dessas... Minha mulher ficou apavorada", disse Mário Augusto.

"FINS POLÍTICOS"

O Conselho Comunitário acusa ainda Mário Augusto Ferreira de estar usando a Regional "para fins políticos, já que ele é candidato a vereador", e de estar "favorecendo os deputados Nodeci No-



Como o jornal nas mãos, Benedito e Valdimir fizeram a queixa ao "Doutor Amparo" (direita).

Irritação marca a reunião dos "conselheiros"

A reunião do Conselho Comunitário de Itaquera teve início às 20h30 de anteontem à noite, sob forte tensão. Afinal, seus quinze membros efetivos — sete filiados do PDS, cinco do PP, dois do PMDB e um do PT, estavam reunidos, pela primeira vez, com diversos representantes de outras entidades, como o Rotary Clube, Lions Clube, Clube dos Lojistas de Itaquera e advogados da região, todos preocupados em tomar uma posição perante a entrevista concedida pelo administrador Mário Augusto Ferreira. Mas também demonstrando irritação e mal-

presentes, que protestaram contra suas colocações. Mas Francisco Nicolau, vice-presidente do Clube de Lojistas de Itaquera, acabou sendo aplaudido quando afirmou: "Quem trouxe melhorias para o bairro não foi o Mário, mas sim o esforço e trabalho das associações". Francisco Nicolau chegou até a fazer uma proposta ao repórter, convidando-o a publicar novas reportagens sobre a região, "mas agora mostrando o lado bom de Itaquera". Mas advertiu que "deveria ter cuidado com quem iria falar, não escolhendo o primeiro morador que encontrasse, gente simples, humilde, que não está preparada para responder perguntas específicas, principalmente aquelas que envolvem administração pública". Para ele, "devem ser ouvidos aqueles que tiverem instrução

mentário de um morador de Itaquera, Luis Gonzaga Queiróz, que também foi contestado pelos presentes. Ele ponderou: "Esta história parece uma fita de cinema. Só ao final dela vamos descobrir que condenamos um inocente."

DECISÃO

Por decisão unânime dos presentes, o Conselho decidiu rejeitar a proposta de pedir a demissão do administrador,

optando pela retratação "amigável" ou pela retratação judicial, por crime de calúnia e difamação contra "as famílias de Itaquera", caso Mário Augusto negue o desmentido.

Se durante a reunião, a "Folha" foi acusada de ter publicado "mentiras" sobre Itaquera, ao final dela seus membros já falavam em "pequenas inverdades", para concluírem que a série "As novas fronteiras vão para o Leste", retratou uma situação real da região.

A proposta final, considerada por alguns como "conciliatória", depois de tantas acusações ao administrador, é de autoria do advogado Nelson Ventura Sêco, que não pertence ao Conselho Comunitário e nem a qualquer entidade atuando na região.

Antes do término da reunião, Gilberto Mota chamou o repórter de lado e explicou o porquê da proposta conciliatória: Mário Augusto Ferreira teria sido indicado para o cargo pelos deputados Nodeci Nogueira e Jorge Paulo, que passaram para o PDS quando da votação na Assembleia Legislativa do projeto de mudança da Capital. "Itaquera estava vaga, sem ninguém, um curral eleitoral sem cabresto definido. O governador atendeu o pedido do casal, dando para eles a nossa Regional."

DECLARAÇÃO

Declaramos, em conformidade com o artigo 27, parágrafo 1.º a 5.º da lei 1102, o extravio do café beneficiado, emitido pela Companhia Brasileira de Armazéns Gerais, com sede nessa capital, à rua Cadiri, n.º 629.

Catanduva, 26/junho/1981.

is reservados. Proibida a reprodução do conteúdo em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso sem autorização da Folhpress